



FOR ADVENT
& CHRISTMAS

*The Sermons of
St. Francis de Sales*



Índice

[Capa](#)

[Página de direitos autorais](#)

[ÍNDICE](#)

[Sobre São Francisco de Sales](#)

[Prefácio](#)

[Nota do tradutor](#)

[1. São João Batista envia seus discípulos a Jesus](#)

[2. A Grande Humildade de São João Batista](#)

[3. Penitência](#)

[4. A Vinda do Divino Infante](#)

[5. Aspectos Místicos do Mistério do Natal](#)

[6. A União das Naturezas Divina e Humana em Nosso Senhor](#)

[7. A Encarnação](#)

[8. Circuncisão Espiritual e o Sagrado Nome de Jesus](#)

[9. As Bodas de Caná](#)

**Os Sermões de São Francisco de Sales para
Advento e Natal
Volume IV da Série**

Traduzido por Freiras da Visitação

Editado pelo Padre Lewis S. Fiorelli, OSFS

Nihil Obstat: Rev. Mons. John H. Dewson
Censor Librorum

Imprimatur: ✠ Reverendíssimo Robert E. Mulvee
Bispo de Wilmington
Wilmington, Delaware
21 de agosto de 1987
Aniversário de São Francisco de Sales

Copyright © 1987 pelo Mosteiro de Visitação de Frederick, MD, Inc.

Número do Cartão de Catálogo da Biblioteca do Congresso: 87-50748

Design da capa por Milo Persic, milo.persic@gmail.com.

Imagem da capa traseira cortesia de DeSales Resources and Ministries, Inc.,
Stella Niagara, NY.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem permissão por escrito do editor.

TAN Books
Charlotte, Carolina do Norte
www.TANBooks.com
2010



São Francisco de Sales
1567-1622
Bispo, Fundador da Visitação
e Doutor da Igreja

"Aproximemo-nos do presépio. Se você
ama as riquezas, encontrará o ouro que os reis trouxeram;
se procura a fumaça das honras,
encontrará no incenso;
e se deliciar-se com as iguarias dos sentidos,
você encontrará o delicado perfume da mirra que permeia o estábulo
, seja rico de amor por este adorável Salvador,
respeitoso na familiaridade
com que você se relaciona com ele,
e deleite-se com a alegria de experimentar em sua alma
tantas inspirações e afeições
porque você pertence exclusivamente a Ele."

— S. _ *Francisco de Sales*

Os Sermões de São Francisco de Sales

Volume I Em oração

Volume II Em Nossa Senhora

Volume III Para a Quaresma

Volume IV Para Advento e Natal

ÍNDICE

[Sobre São Francisco de Sales](#)

[Prefácio](#)

[Nota do tradutor](#)

[1. São João Batista envia seus discípulos a Jesus](#)

[Sermão para o segundo domingo do Advento, 6 de dezembro de 1620, sobre por que São João enviou seus discípulos para perguntar a Jesus se Ele era o Messias, embora ele já soubesse que era, três razões pelas quais Deus faz perguntas, o desejo de João de tornar Jesus conhecido todo o mundo, para guiar seus discípulos diretamente a Jesus e separar seus discípulos de si mesmo, como São João se adaptou à fraqueza de seus discípulos, como São Paulo adaptou sua instrução aos seus ouvintes, como Nosso Senhor se identificou apontando para Suas obras, o significado espiritual dessas obras: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é pregado o Evangelho, o "escândalo" da Cruz e sua necessidade para a salvação, o louvor de Nosso Senhor a São João Batista e as razões pelas quais Ele não o entregou na presença dos discípulos de João, a inabalável estabilidade espiritual de São João e nossa inconstância, e a grande mansidão de Santo Ambrósio, mas firmeza inabalável](#)

[2. A Grande Humildade de São João Batista](#)

[Sermão para o terceiro domingo do Advento, 13 de dezembro de 1620, sobre o orgulho e a ambição como as tentações mais poderosas, a excelente humildade de São João Batista ao renunciar à](#)

mais perigosa e sutil tentação ao orgulho e à ambição, sua negação imediata e sucinta que ele era o Messias, o desejo dos anjos e de todos os homens (mesmo pagãos) para a Encarnação, nossa aceitação tola e falsa de honras, a humildade de São João em negar habilmente até mesmo o status honrado que por direito lhe pertencia - sem, no entanto, sendo falso; como não devemos nos desculpar das próprias faltas de que nos acusamos, mas confessá-las diretamente, a excelência da humildade, a afinidade com a caridade e a necessidade para escapar das armadilhas do diabo; A humilde descrição de São João de si mesmo e o louvor de Nosso Senhor a ele, a perene humilhação de Deus dos orgulhosos e favorecimento dos humildes, e como todos devem imitar São João Batista

3. Penitência

Sermão para o quarto domingo do Advento, 20 de dezembro de 1620, sobre São João Batista como a voz de Nosso Senhor e sua obrigação de proclamar Sua palavra, a obrigação correspondente dos ouvintes de ouvir e aproveitar a palavra de Deus, procrastinação e espiritual avareza como razões pelas quais deixamos de tirar proveito da palavra de Deus, dois significados das palavras de Isaías: Porque sua malícia e maldade atingiram seu auge, seus pecados serão perdoados; os surpreendentes caminhos da misericórdia de Deus, como a cooperação com uma graça traz graças subsequentes, a ocorrência da Encarnação no auge da maldade dos homens, o perdão de Deus a São Paulo e Davi e outros no auge de sua malícia, a penitência indicada por São Paulo. As exortações de São João para preparar o caminho do Senhor: temperar o medo com confiança, livrar-se da presunção e do orgulho, endireitar as nossas intenções, buscar oportunidades de penitência e adquirir uma disposição equilibrada mortificando nossas paixões, inclinações e aversões, nivelando assim o caminho para nosso Salvador está vindo

4. A Vinda do Divino Infante

Sermão da véspera de Natal, 24 de dezembro de 1613, sobre as vigílias, o maná no deserto, o mistério da Encarnação, Nossa Senhora como Estrela do Mar e Estrela da Manhã e como ela

produziu Nosso Senhor virginalmente como as estrelas produzem luz, os três sabores do maná - farinha, mel e óleo - e o que eles representam no Divino Infante: Sua natureza divina, Sua alma e Seu corpo; os pastores e quem eles representam, os cueiros de Nosso Senhor - por que Ele foi envolto neles e o que eles nos ensinam, como devemos visitar e trazer um presente ao Divino Infante, o consolo individual especial que cada visitante receberá em troca, como nossos sentidos e faculdades interiores são inquietos e dissipados até que tenham escolhido Nosso Senhor para seu rei, e como devemos permanecer sempre perto de Nosso Senhor

5. Aspectos Místicos do Mistério do Natal

Esboço para um sermão para a "Vigília da Natividade de Nosso Senhor, 1614, para a Congregação dos Oblatos da Visitação", sobre o Salvador como a "Expectativa das Nações", as duas naturezas de Nosso Senhor: humana e divina; o mistério da virgindade fecunda, os quatro tipos de pessoas segundo sua atitude em relação ao recém-nascido Divino Infante, a Sagrada Família como congregação religiosa e como praticavam a castidade, a obediência e a extrema pobreza, e os vários ofícios de Jesus, Maria e José dentro esta comunidade

6. A União das Naturezas Divina e Humana em Nosso Senhor

Sermão para a véspera de Natal, 24 de dezembro de 1620, sobre a Encarnação como obra de todas as três Pessoas da Santíssima Trindade, a união das naturezas divina e humana em Nosso Senhor, as três "substâncias" em Nosso Senhor - Divindade, corpo e alma - simbolizada pelos três sabores do maná: mel, óleo e pão; como o homem se fez Deus e Deus se fez homem na Encarnação, o homem como união de corpo e alma, imagens da união da humanidade e Divindade de Nosso Senhor: ferro inflamado com fogo, o velo de Gedeon, uma esponja em um vasto mar; a razão da Encarnação: ensinar-nos a viver segundo a razão, como Nosso Senhor praticou a sobriedade material e espiritual, privando-se de todas as coisas agradáveis, fazendo a vontade de Deus em todas as coisas - e como Deus faz a vontade daqueles que fazem a Sua; A escolha de nosso Senhor de uma vida de dores e trabalhos, embora Ele pudesse nos redimir com um único suspiro de amor; desejo de consolação

espiritual vs. humildade e resignação à vontade de Deus, e as profundezas ocultas do Mistério da Encarnação

7. A Encarnação

Sermão da Missa da meia-noite de Natal, 25 de dezembro de 1622, sobre as grandes festas cristãs e sua observância na Igreja primitiva, a Encarnação como fim de Deus na criação do mundo, os dois nascimentos do Verbo: eterno e temporal, as duas naturezas do Verbo feito carne, e a bondade do Pai Eterno para conosco ao fazer de Seu Filho um membro de nossa raça humana.

8. Circuncisão Espiritual e o Sagrado Nome de Jesus

Sermão para a Festa da Circuncisão de Nosso Senhor, 1º de janeiro de 1622, referente às festas cristãs, circuncisão na Lei Antiga, Circuncisão de Nosso Senhor, a circuncisão espiritual da parte de nós mesmos mais afetada pelo pecado, circuncisão espiritual completa versus aquela que é apenas parcial ou uma mera incisão, a observância de toda a Lei de Deus como necessária para a salvação, a maior obrigação dos sacerdotes, bispos e religiosos de praticar a circuncisão espiritual completa, a luta sem fim nesta vida contra paixões e emoções incontroláveis, nossa inculpabilidade em sentir emoções descontroladas espontâneas versus culpa naqueles voluntariamente encorajados ou expressos em palavras, como é muito melhor ser "circuncidado" por outro do que por si mesmo, o estupro de Dina e a submissão voluntária à circuncisão pelo povo de Sichem, a adequação da recepção de Nosso Senhor do nome de Jesus ("Salvador") no dia de Sua circuncisão, Seus três títulos essenciais, Jefe e a senha "Sc ibboleth", e o nome sagrado "Jesus" como nossa senha para entrar no céu.

9. As Bodas de Caná

Sermão para o segundo domingo depois da Epifania, 17 de janeiro de 1621, sobre o milagre de Nosso Senhor nas bodas de Caná como o primeiro sinal que Ele realizou para manifestar Sua glória, correspondências místicas entre as obras de Nosso Senhor, Sua transformação da água em vinho no início do Seu ministério e do vinho em Sangue no seu final, a presença de Nosso Senhor e Sua Mãe nas bodas de Caná, a maneira de Nossa Senhora dirigir-se ao

Filho sobre a falta de vinho, como devemos fazer as devidas intenções nas nossas orações, o erro de rezar pelos sentimentos das virtudes e não pelas próprias virtudes, o verdadeiro significado da resposta aparentemente dura de Nosso Senhor à Sua Mãe, a confiança de Nossa Senhora de que Ele concederia uma resposta favorável, a forma como Nossa Senhora adiantou Sua "hora" em resposta à oração de Nossa Senhora, a Santa Eucaristia, e como devemos seguir o conselho de Nossa Senhora de fazer o que seu Filho nos diz - cumprindo fielmente os deveres de hoje para que Ele possa transformar a água morna de nosso arrependimento no vinho do amor divino

SOBRE SÃO FRANCISCO DE SALES

São Francisco de Sales, o santo bispo, fundador e doutor da Igreja, é conhecido em toda a Igreja por sua grande santidade, erudição, conhecimento teológico, gentileza e compreensão da alma humana. Através desses dons ele converteu e guiou inúmeras almas a Deus durante sua própria vida, e reconverteu 70.000 do calvinismo. Ele continua a dirigir muitas almas através de seus escritos espirituais e sermões publicados. Hoje São Francisco de Sales é conhecido como uma das grandes figuras da Contra-Reforma católica e do renascimento da vida mística católica no século XVII.

São Francisco nasceu em 1567 no castelo pertencente à família de Sales em Thorens, Savoy, localizado no que hoje é o sudeste da França. Sua mãe, Françoise, tinha apenas 14 anos quando Francis, seu primogênito, veio ao mundo. Esta maternidade era perigosa, o trabalho de parto era longo e difícil, e admirava-se que mãe e filho não morressem. É mais notável que um mês antes do nascimento, Françoise havia consagrado seu filho ainda não nascido a Nosso Senhor na presença do Santo Sudário, que naquela época era guardado na Sainte Chapelle em Chambéry, França.

Mais tarde, Francisco teria uma grande devoção ao Santo Sudário, porque sua mãe havia sido entregue muito melhor do que o esperado pela veneração desta relíquia sagrada. Ele considerava o Sudário o escudo e a maior relíquia de seu país. Era seu quadro devocional favorito, e ele mandou pintar, gravar e bordar inúmeras imagens, colocando-as em seu quarto, capela, oratório, escritório, salas de

recepção e breviário. São Francisco de Sales escreveu que sua devoção ao Santo Sudário se devia ao fato de que "minha mãe, quando eu ainda estava em seu ventre, me dedicou a Nosso Senhor diante desta santa bandeira da salvação".

À medida que envelhecia, São Francisco de Sales estudou literatura, direito, filosofia e teologia em Paris e Pádua. Ao terminar seus estudos, ele recebeu um doutorado em direito civil e canônico. Embora pudesse ter tido uma brilhante carreira secular, dedicou sua alma a seguir o chamado de Deus para o sacerdócio e foi ordenado em 1593 aos 26 anos. Ele foi consagrado bispo de Genebra aos 35 anos e permaneceria bispo de Genebra pelos 20 anos restantes de sua vida. Alguns anos depois que São Francisco de Sales assumiu o comando de Genebra, o rei Henrique IV sugeriu-lhe a possibilidade de uma transferência para uma diocese com vantagens mais mundanas; o santo respondeu com palavras que logo ficaram famosas em toda Paris: "Senhor, casei-me com uma mulher pobre e não posso trocá-la por uma mais rica".

Pouco depois de se tornar bispo, São Francisco conheceu Santa Joana Frances de Chantal, viúva; entre estes dois santos cresceu uma profunda amizade espiritual. São Francisco tornou-se o diretor espiritual de Jane Frances e, com ela, fundou em 1610 a ordem religiosa de freiras conhecida como Ordem da Visitação, ou as Visitandinas.

Ambos os santos amavam o Coração de Jesus e conceberam este Coração como o tesouro particular confiado às monjas da Visitação. É muito notável que 60 anos antes das grandes revelações do Sagrado Coração de Jesus à Visitandina Santa Margarida Maria Alacoque (1673-1675), São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal tivessem falado muitas vezes aos seus filhas deste amor sagrado. São Francisco de Sales afirmou que as Visitandinas que seguissem a Regra receberiam o privilégio de levar o título de "Filhas do Sagrado Coração de Jesus". Embora a devoção ao Coração de Jesus fosse muito pouco conhecida nessa época, Deus estava atraindo essas duas almas para preparar a Visitação como um santuário sagrado para receber as famosas revelações por vir. Anos depois, com Suas revelações a Santa Margarida Maria na Visitação de Paray-le-Monial, Deus chamou esta

ordem para compartilhar com toda a Igreja o conhecimento do amor de Seu Divino Coração.

Nestes sermões do Advento e do Natal, São Francisco de Sales considera muito importante ajudar os seus ouvintes a compreender o santo mistério da Encarnação. Ele mesmo havia recebido uma vez maravilhosas luzes sobrenaturais sobre este mistério por ocasião de receber a Sagrada Comunhão do Papa Clemente VIII em 25 de março de 1599. Sobre esta experiência, ele escreveu: "No dia da Anunciação, tendo recebido a Sagrada Comunhão das mãos do Sumo pontífice, a minha alma foi muito consolada interiormente. Deus se dignou a dar-me uma grande compreensão do mistério da Encarnação. Deu-me a entender como, de maneira inexplicável, o Verbo se fez carne voluntariamente pelo poder do Pai e do operação do Espírito Santo no seio castíssimo de Maria e assim começou a viver entre nós. O Homem-Deus também me deu um conhecimento profundo e requintado da transubstanciação e de Sua entrada em minha alma; Ele também me deu luzes especiais sobre o ministério dos pastores da Igreja".

São Francisco também era profundamente devotado a São João Batista, de quem se fala muitas vezes nesses sermões; chamou-o pai e filho da Visitação de Maria. Como a Providência quis, ele pregou seu primeiro sermão público na festa de São João Batista, 24 de junho de 1593 - causando uma profunda impressão em todos, especialmente seu bispo, que se encheu de alegria com as grandes graças que ele previu chegar às almas através do novo "apóstolo".

Como diretor espiritual, São Francisco de Sales foi por algum tempo o confessor da Beata Maria da Encarnação (Madame Barbe Acarie). Esta santa mulher era esposa, mãe de seis filhos, anfitriã parisiense, mística e fundadora de cinco conventos carmelitas.

São Francisco de Sales escreveu duas das maiores obras-primas católicas sobre a vida espiritual: a *Introdução à Vida Devota* e o *Tratado do Amor de Deus*. O primeiro mostra como a santidade é possível para todas as pessoas em estado de graça, incluindo as pessoas que vivem no mundo. Este livro foi um best-seller no século 17 e ainda é popular hoje. O *Tratado do Amor de Deus* cobre todos os aspectos da virtude da

caridade, o amor sobrenatural de Deus. Os panfletos de São Francisco de Sales contra a heresia calvinista foram reunidos juntos em um livro e dado o título de *Controvérsias*. Os argumentos apresentados nas *Controvérsias* são tão irresponsáveis hoje como quando foram escritos. Uma declaração neste material apoiando a infalibilidade papal foi estudada pelos Padres do Concílio no Concílio Vaticano I em 1870, mais de 270 anos depois que São Francisco a escreveu. Por causa de seus escritos, São Francisco de Sales tornou-se o patrono dos escritores e jornalistas; ele também foi designado santo padroeiro da imprensa católica.

Dois meses antes de sua morte, São Francisco de Sales recebeu um aviso celestial de seu fim próximo. Em seu testamento, ele escreveu: "Ordeno que em meu enterro sejam acesas treze velas ao redor de meu caixão, sem nenhum outro escudo além do nome de Jesus, para mostrar que de todo o coração abraço a fé pregada pelos apóstolos".

Na Missa da Meia-Noite de Natal de 1622, São Francisco de Sales pregou o sermão que seria seu último sermão publicado. (Sermão 7 deste volume.) Suas palavras naquela noite possuíam uma eloquência sobrenatural, e depois a Madre Superiora perguntou se ele havia recebido alguma graça extraordinária durante a Missa; ela disse: "Pareceu-me que eu vi o Arcanjo Gabriel ao seu lado enquanto você entoava o *Gloria in Excelsis*." O santo respondeu um tanto vagamente, mas quando pressionado mais, respondeu: "É verdade que nunca antes recebi tão grande consolação no altar: o divino Menino era visível lá e ainda invisível. Por que os anjos não deveriam estar lá também? Mas Não direi mais nada: há muitas pessoas ao nosso redor." Três dias depois, em 28 de dezembro, aos 55 anos, Dom Francisco de Sales entregou sua alma a Deus.

A beatificação de São Francisco de Sales, que ocorreu no mesmo ano de sua morte, foi a primeira beatificação formal realizada na Basílica de São Pedro. Foi canonizado em 1665 e declarado Doutor da Igreja Universal pelo Papa Pio IX em 1877. Com esta declaração a Igreja apresentou os ensinamentos de São Francisco de Sales a todos os fiéis

como um guia seguro para a verdadeira doutrina católica e o caminhos da vida espiritual - um guia seguro para o Céu.

PREFÁCIO

Embora honrado pelo pedido de escrever uma introdução aos sermões incluídos neste volume, achei a tarefa assustadora. São Francisco de Sales é o padroeiro de nossa diocese e por isso merece nossa devoção e piedade. Ele foi o fundador e é a inspiração contínua de uma comunidade religiosa que serviu esta e inúmeras outras dioceses na América, na Europa e em todo o mundo com caridade suave e com carinho pelos pobres e desfavorecidos. Ele era um bispo modelo, fazendo-se tudo para todas as pessoas. Muito antes de a palavra entrar em uso popular, ele se engajou ativamente na prática do ecumenismo de base que deseja ver todos os cristãos reunidos nos laços da caridade e da fé pelos quais o próprio Jesus orou. Ele é o autor de vários volumes de sermões, tratados, conferências e conversas informais que nutriram a vida espiritual dos cristãos por mais de trezentos e cinquenta anos. Além de todos esses feitos admiráveis, ele é um santo e um doutor da Igreja Católica. O mero relato de suas qualidades e realizações espirituais, pastorais e pessoais é suficiente para tornar desnecessário e supérfluo qualquer elogio que eu possa oferecer a ele. Igualmente, deve convencer meus leitores de que as palavras de São Francisco de Sales que encontrarão neste volume são palavras de vida, ecos vibrantes das palavras de Jesus e do Espírito que Jesus enviou à Igreja para sua orientação e santidade .

Os sermões apresentados neste pequeno livro são aqueles proferidos por São Francisco para os domingos e festas do ano litúrgico, começando com o segundo domingo do Advento e concluindo com o

segundo domingo depois da Epifania. Eles foram falados, em sua maior parte, durante o período de 1620-1622, um deles apenas três dias antes da peregrinação final do Santo ao seu Senhor no céu. São, portanto, palavras que nos revelam a plenitude da amadurecida solicitude pastoral de Francisco, seu amor pessoal ao Salvador encarnado e a envolvente simplicidade com que se dirigiu à sua audiência. Seu procedimento é comentar a seleção do Evangelho lido na Missa do dia e usar sua mensagem como um trampolim para instrução sobre os aspectos práticos da conduta cristã na vida cotidiana. Esses sermões foram ministrados na presença de uma comunidade de suas queridas Irmãs da Visitação, das quais ele era pai e diretor espiritual. Eles têm o frescor e a informalidade descomplicados de quem se sente completamente à vontade com seu público, diante de quem ele é completamente ele mesmo e em cujo benefício ele derrama todo o seu coração e espírito.

Com Francisco, não encontraremos aquele estilo retórico formal e ornamentado que caracteriza tantos sermões do século XVII. Em vez disso, ele se contenta em seguir o conselho que deu ao irmão de Santa Joana de Chantal, André Fremyot, quando este foi nomeado arcebispo de Bourges: "Para falar bem, basta amar bem". Acostumado a usar exemplos caseiros, pé no chão e, às vezes, lendários para transmitir sua mensagem, ele é, nesses sermões, como ele mesmo disse em outro contexto, "barbeiro e não cirurgião", pelo que quis dizer: "Quando estou pregando no coro diante dos seculares, não dou a mínima. Só lanço perfumes, só falo de virtudes e de assuntos que consolam nossos corações; toco um pouco de flauta e me detenho em os louvores que devemos prestar a Deus". (*Conferências Espirituais de São Francisco de Sales* , Gasquet-Mackey, Conf. XVI—"On Antipathies", p. 238). Suas palavras são, portanto, destinadas a todos os cristãos, independentemente de seu estado ou posição na vida. Embora ciente das falhas e fragilidades humanas, ele habitualmente enfatiza o amor de Deus como a verdadeira estrela polar da vida cristã, e gentilmente, mas constantemente, encoraja seus ouvintes a focalizar suas vidas e sua visão em sua luz infalível.

Os leitores destas páginas ficarão, talvez, impressionados com a extensão dos sermões de Francisco, pois são habitualmente mais longos do que os que são comuns em nossos dias. Eles vão querer notar, ao mesmo tempo, a riqueza e a amplitude de seu pensamento. Com base no Antigo e no Novo Testamento, nos escritos dos Padres da Igreja, na vida dos santos e, às vezes, em exemplos encontrados na literatura clássica, ele tece uma tapeçaria de pensamento extraordinariamente cheia e colorida, contra a qual as simples palavras do texto evangélico ganham vida e recebem uma iluminação brilhante. Enquanto os estilos e gostos da pregação mudam com os séculos (pois devem ser adaptados ao seu próprio tempo e aos seus próprios públicos), a mensagem do Evangelho, que é a principal preocupação de Francisco, não muda. Suas palavras são tão significativas para os cristãos de nossos tempos quanto foram para os do século XVII.

Acima de tudo, no entanto, os leitores destas páginas devem permitir que o espírito gentil e devoto de São Francisco de Sales toque seus corações e mentes como ele tocou os corações e as mentes de seu próprio público. Esse espírito é um espírito no qual ficou indelevelmente impressa uma terna e profunda devoção ao Deus que é Criador, Redentor e Santificador de cada membro da raça humana. É um espírito impregnado daquela sabedoria que olha além da superfície das pessoas e dos acontecimentos e vê a sempre presente Providência de Deus nos assuntos humanos. É um espírito que brilha com um amor consumidor por nosso Senhor e Salvador, por Aquele que deu Sua vida para que pudéssemos encontrar vida nEle. É um espírito impregnado de amor pela Igreja, por sua unidade, por seus membros unidos a Jesus Cristo como as gavinhas da videira se unem ao seu tronco. É um espírito que reconhece voluntariamente o valor de tudo o que é verdadeiramente humano em cada indivíduo e encoraja consistentemente seu crescimento e desenvolvimento. É um espírito humilde, simples, lúcido na percepção das limitações humanas e, no entanto, convencido de que Deus, na sua infinita misericórdia, chamou cada uma das suas criaturas humanas a gozar da amizade com Ele nesta vida e durante toda a vida. toda a eternidade. É o espírito do bispo

pastoral que São Francisco, retratando inconscientemente seu próprio autorretrato, descreveu como “homem manso, caridoso e zeloso da glória de Deus, pastor vigilante; em suma, homem perfeito em todas as virtudes e que desempenha com cuidado todos os deveres de seu ofício, tendo as duas naturezas de sua alma tão bem ordenadas que não nada há de ódio nele, exceto pelo pecado, e nada de amor, exceto pelo amor de nosso querido Salvador”. (Sermão de 6 de dezembro de 1620, p. 17-18 deste volume).

Expresso minha gratidão às Irmãs da Visitação que trabalharam com amor na tradução destes sermões. Ao disponibilizá-los para os membros de suas próprias comunidades, eles também os disponibilizaram para toda a Igreja de língua inglesa. Este serviço é mais uma manifestação de sua devoção à Igreja e aos seus membros, devoção da qual eu e todos os membros da Diocese de Wilmington estamos gratos. Que Deus conceda que cada um de nós que lê estas páginas seja animado com o "espírito de compaixão de São Francisco de Sales para ajudar todos no caminho da salvação". (Missa de São Francisco de Sales, 24 de janeiro).

Robert E. Mulvee
Bispo de Wilmington

Festa da Transfiguração
6 de agosto de 1987

NOTA DO TRADUTOR

Os nove sermões para o Advento e o Natal contidos neste livro foram traduzidos das *Oeuvres de São Francisco de Sales*, Tomos 8, 9 e 10 (Annecy: Niérat, 1892-1964).

O primeiro volume desta série, *Sermões de São Francisco de Sales sobre a Oração*, inclui uma Introdução sobre as origens e o valor dos sermões, que também foi retirada da edição de Annecy.



Estrela de prata marcando o local do nascimento de Nosso Senhor em Belém; foi aqui que a Virgem Maria viu pela primeira vez o Menino Jesus deitado no chão. A estrela foi colocada neste local em 1717, substituindo um marcador anterior. Tem 56 centímetros de diâmetro e 14 pontas de acordo com a genealogia de *Mateus* 1:17. Misticamente simbólico da divindade de Cristo, traz a inscrição latina, *Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est* .

SÃO JOÃO BATISTA ENVIA SEUS DISCÍPULOS A JESUS

Sermão para o segundo domingo do Advento, 6 de dezembro de 1620, sobre por que São João enviou seus discípulos para perguntar a Jesus se Ele era o Messias, embora ele já soubesse que era, três razões pelas quais Deus faz perguntas, o desejo de João de tornar Jesus conhecido todo o mundo, para guiar seus discípulos diretamente a Jesus e separar seus discípulos de si mesmo, como São João se adaptou à fraqueza de seus discípulos, como São Paulo adaptou sua instrução aos seus ouvintes, como Nosso Senhor se identificou apontando para Suas obras, o significado espiritual dessas obras: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é pregado o Evangelho, o "escândalo" da Cruz e sua necessidade para a salvação, o louvor de Nosso Senhor a São João Batista e as razões pelas quais Ele não o entregou na presença dos discípulos de João, a inabalável estabilidade espiritual de São João e nossa inconstância, e a grande mansidão de Santo Ambrósio, mas inabalável firmeza .

" Você é aquele que está para vir ou devemos procurar outro?"

— Matt . 11:3

Evangelho de hoje [*Mat . 11:2-10*] é dividido em três partes, cada uma das quais falaremos agora. A primeira trata de como São João, enquanto preso pela verdade, enviou dois de seus discípulos [*Lc . 7:19*] a Nosso Senhor para saber se Ele era o Messias prometido ou se eles

deveriam procurar outro. A segunda diz respeito à resposta do Salvador a eles. E a terceira diz respeito ao que se diz de São João depois da partida de seus discípulos.

É realmente surpreendente que nossos antigos Padres, embora tão perspicazes e perspicazes em explicar e desenvolver até as dificuldades mais obscuras apresentadas pela Sagrada Escritura, se perguntem como entender a primeira parte do Evangelho de hoje: aquele São João, que conheceu Nosso Senhor, no entanto, enviou seus discípulos para saber se Ele era aquele grande Profeta, que prometeu o Messias, ou se eles deveriam procurar outro. Pois, eles perguntam, já que São João certamente sabia que Ele era de fato o Messias, por que ele envia alguém para perguntar isso a Ele?

Não há dúvida de que ele sabia que Aquele a quem ele enviou seus enviados era verdadeiramente o Messias. Pois ele O conheceu ainda no ventre de sua mãe, e não há santo com um conhecimento mais penetrante do mistério da Encarnação do que este glorioso São João. Foi aluno de Nossa Senhora. Ele foi santificado pelo querido Salvador de nossas almas quando Nossa Senhora foi visitar sua prima Isabel. Ele certamente o conhecia desde aquele momento e, saltando de alegria no ventre de sua mãe [*Lc . 1:41, 42*], ele O adorou e se consagrou ao Seu serviço. Ele foi Seu Precursor e anunciou Sua vinda ao mundo. Foi ele que O batizou, que viu o Espírito Santo descer como pomba sobre Ele e que ouviu a voz do Pai dizendo: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo". Foi ele que O apontou com estas palavras: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!" [*Mat . 3:13-17; Jn . 1:29-36*].

Assim, ele realmente conheceu Nosso Senhor e nunca vacilou em nada sobre quem Ele era e em sua crença e certeza de Sua vinda. Então, por que, perguntem aos nossos antigos Padres, João, enquanto na prisão e ouvindo os grandes prodígios e milagres operados por nosso Divino Mestre, envia seus discípulos para saber quem Ele é e se é Ele que há de vir ou se eles devem esperar por outro? Certamente, todos eles desvendam a dificuldade de forma admirável. E se eu quisesse relatar a você suas muitas e variadas opiniões sobre este tópico, seria

preciso muito tempo e roubar-nos aquilo que desejamos usar para nossa instrução. Farei uma pausa apenas o suficiente para dar o que dois de nossos maiores doutores, Santo Hilário e São Crisóstomo, dizem sobre isso. Parece-me que acertaram em cheio e foram direto ao ponto da verdade.

Esses santos Padres dizem que não fazemos perguntas sempre para aprender alguma coisa, ou porque ignoramos o que perguntamos. Há muitos outros propósitos e razões para nossas perguntas. Caso contrário, a Divina Majestade nunca teria feito qualquer pergunta, pois Ele sabe tudo e não pode ignorar absolutamente nada. Ele penetra nas profundezas do coração e não há nada, por mais secreto ou oculto, que não seja mais claro e manifesto a essa Sabedoria Divina. [*Eclus. (Sir .)* 42:18-20; *Heb .* 4:13]. Isso é o que o profeta real Davi, aquele grande e divino poeta, diz em seu Salmo: Ó Senhor, meu caminho e minha linha Você buscou. [*P. _* 138(139):1-9]. Como se ele dissesse: "Embora eu seja astuto como uma raposa, no entanto Você penetra toda a minha astúcia. Embora eu tenha sido como um veado que correu e saltou através de moitas impenetráveis, cercado de espinhos e roseiras, Você é o Caçador Divino que tem não obstante observou todo o meu progresso e meus rastros; de longe viste onde eu estava, pois teus olhos vêm e penetram tudo. O que devo fazer para me esconder de ti? Você está muito mais presente do que eu para mim mesmo. Se, como o raiar do dia e a bela aurora, eu voar sobre as águas, você estará lá mais cedo do que eu. Ó Senhor?"

A partir disso, fica claro que Deus conhece todas as coisas e, no entanto, fez muitas perguntas às pessoas; Sua Divina Providência fez essas perguntas por três razões diferentes. Primeiro, para fazê-los confessar seus pecados. Ele fez isso quando Adão transgrediu Seu mandamento. Ele o chamou, dizendo-lhe: "Adão. Onde você está?" e exigiu de nossa primeira mãe, Eva, o que ela havia feito. [*Gên .* 3:9, 13]. Certamente não foi porque Ele não sabia onde Adão estava, ou o ato de desobediência que ele havia cometido. O Senhor o interrogou para fazê-lo reconhecer sua falta para que pudesse perdoá-lo. E em vez de confessar, aquele homem miserável jogou a culpa em sua esposa. [*Gên .*

3:12]. Porque ele não confessou seu pecado, ele com toda a sua posteridade foi castigado por Deus. Alguns dos Padres sustentam que se, quando Deus o chamou, ele confessou seu pecado, se ele bateu em seu peito e disse um *Peccavi fervoroso* , "eu pequei" ¹[2 Rs. (2 Sam .) 12:13] , o Senhor o teria perdoado e não o teria castigado com o flagelo com que o puniu com todos os seus descendentes. Mas se ele não o fez, ficamos manchados com o pecado de nossos primeiros pais e, conseqüentemente, estamos sujeitos à pena que ele invocou sobre si mesmo.

A segunda razão pela qual a Divina Majestade faz perguntas aos homens é para esclarecê-los ou instruí-los sobre os mistérios da Fé, como fez no caso dos dois discípulos a caminho de Emaús. [Lc . 24:15, 17, 25-27]. Aparecendo-lhes disfarçado de peregrino, perguntou-lhes sobre o que estavam falando, questionando-os e esclarecendo-os sobre a dúvida que tinham sobre Sua Ressurreição. Ele, então, não lhes perguntou sobre sua conversa porque ignorava o que falavam, mas para que, confessando sua ignorância e suas dúvidas, fossem instruídos e esclarecidos.

A terceira razão pela qual as perguntas podem ser feitas é para provocar o amor. Por exemplo, Madalena, depois da Morte e Paixão de Nosso Senhor, foi ungir e embalsamar Seu corpo sagrado. [Mc . 16:1]. Encontrando o túmulo aberto, ela chorou amargamente. Ela viu dois anjos lá. Eles lhe perguntaram: "Mulher, por que você está chorando?" "Ai de mim", ela respondeu, "porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram". Então, indo um pouco mais adiante, encontrou Nosso Senhor disfarçado de jardineiro. Ele a interrogou: "Mulher, por que choras? A quem procuras?" [Jo . 20:11-15].

Certamente não é surpresa que os anjos ficaram perplexos ao ver Madalena chorar, ainda menos que lhe perguntaram por quê, porque não sabem chorar. (Embora seja dito misticamente que os anjos choram, a Sagrada Escritura usa a expressão [Is . 33:7] apenas para simbolizar seu terror diante de alguma coisa formidável. Mas eles não choram.) Sabendo que a natureza humana está sujeita a lágrimas, nosso querido Salvador pergunta a esta mulher por que ela está chorando. E

por que, Senhor, você pergunta a ela? Você não conhece muito bem a causa de sua tristeza e o que ela está procurando? Certamente, Ele sabia de tudo isso muito bem. Não foi para descobrir que Ele a questionou, pois todas as coisas são mais claras e manifestas para Ele. [*Heb . 4:13*]. Mas este querido Salvador de nossas almas fez tais e semelhantes perguntas para suscitar orações ejaculatórias e atos de amor e união.

Portanto, nem sempre fazemos perguntas apenas por ignorância, para saber ou para descobrir alguma coisa, mas por motivos diversos. Assim, o glorioso São João não enviou seus discípulos a Nosso Senhor para saber se Ele era ou não o Messias, pois disso ele não tinha dúvidas. Ele tinha três razões para enviar aqueles discípulos a Jesus.

Primeiro, para torná-lo conhecido em todo o mundo. Ele já havia passado algum tempo pregando Sua vinda, Seus milagres e Sua grandeza para seus discípulos. Agora ele queria que eles vissem Aquele que ele havia anunciado a eles. Certamente, tornar Deus conhecido deve ser o objetivo principal de todos os médicos e pregadores. Os mestres e os que governam e cuidam das almas não devem procurar nem obter outra coisa senão isto: que aquele a quem pregam e em nome de quem ensinam seja conhecido de todos. Esse era o desejo deste glorioso santo.

O único sinal pelo qual Deus pode ser encontrado e conhecido é o próprio Deus. No nascimento de nosso Salvador, os anjos procuraram os pastores e anunciaram-lhes Sua vinda, cantando em uma melodia maravilhosamente agradável estas palavras sagradas e muitas vezes repetidas: *Gloria in excelsis Deo* . Mas para confirmar o milagre que lhes tinham dado a conhecer, disseram: Vão vê-lo, e então acreditarão e terão por certo o que vos anunciamos. [*Lc . 2:10-14*]. Pois não há meio nem sinal certo para encontrar Deus, senão o próprio Deus. ²É por isso que nosso glorioso santo, depois de muito tempo ter pregado a seus discípulos a vinda de Nosso Senhor, agora os envia a Ele não apenas para que O conheçam, mas ainda mais para que O tornem conhecido aos outros.

A segunda razão pela qual os enviou foi esta: não queria atrair discípulos para si, mas apenas para o seu Mestre, a cuja escola agora os envia para que sejam instruídos pessoalmente por Ele. Pois o que mais ele estava sugerindo neste envio, senão isto: "Embora eu ensine e pregue para você, não é para atrair você para mim, mas para Jesus Cristo, cuja voz eu sou. [Jo 1:23]. é por isso que estou enviando você a Ele. Aprenda com Ele se Ele é o Messias prometido, ou se você deve procurar outro". Com isso, João quis dizer: "Não me contento em assegurar-vos que é Ele quem esperamos. Estou enviando-vos para que sejam instruídos por Ele pessoalmente para esse efeito". Certamente, doutores e pregadores, mestres de noviços e encarregados de almas fizeram algo de valor apenas na medida em que enviaram seus discípulos e seus cuidadores à escola de Nosso Senhor, para serem mergulhados em seu mar de conhecimento. Eles tiveram sucesso apenas na medida em que exortaram e persuadiram outros a buscarem nosso querido Salvador para serem instruídos por Ele pessoalmente. Isto é o que o grande Apóstolo quis dizer ao escrever aos Coríntios: Meus filhinhos, que concebi e ganhei para Jesus Cristo em meio a tantas dores, fadigas e fadigas, e por quem sofri tantas angústias e tormentos, asseguro-lhes que não vos ensinei para vos atrair a mim, mas apenas para vos atrair ao meu Senhor Jesus Cristo. [1Cor . 4:9-16; cf. Gal . 4:19].

Se os mestres e os que têm cuidado espiritual com os outros tentam, com belas palavras, atrair para si os discípulos a quem ensinam e as almas que cuidam, são como pagãos, hereges e outros que falam e divagam, e que esforçar-se muito no púlpito para proferir discursos belos, sutis e finamente elaborados, cujo único propósito não é levar as almas a Jesus Cristo, mas apenas a si mesmas! Eles atraem os outros para si por suas palavras e linguagem impressionante. Não há nenhuma substância real aqui, apenas balbucios e cacarejando, mas cativam muitos espíritos fracos dessa maneira. Os verdadeiros servos de Deus, ao contrário, pregam e ensinam aqueles a quem guiam apenas para conduzi-los a Deus, tanto por suas palavras como por suas obras. Isto é o que São João faz hoje, e a isso todos os superiores devem prestar

muita atenção. Pois eles nunca alcançarão o sucesso a não ser orientando e enviando seus discípulos a Nosso Senhor para aprender com Ele o que Ele é e estudar com Ele para conhecer e fazer o que for necessário para Seu amor e serviço.

A terceira razão pela qual São João enviou seus discípulos a Nosso Senhor foi separá-los de si mesmo. Temia que fossem induzidos ao grande erro de estimá-lo mais do que ao Salvador. Eles já estavam reclamando com São João desta maneira: Mestre, você e nós, seus discípulos, junto com os fariseus, jejuem. Estamos mal vestidos e fazemos grande penitência. Mas este homem, este grande profeta que faz tantos milagres entre nós, não o faz. [*Mat* . 9:14; *Mc* . 2:18]. Ao ouvir isso, e ao ver que o amor e a estima que seus discípulos sentiam por ele começavam a produzir neles um sentimento de desprezo por Jesus Cristo, São João os enviou a esta Divina Majestade para serem instruídos e informados da verdade.

Não foi, portanto, porque São João duvidou minimamente que Nosso Senhor fosse o Messias que ele enviou seus discípulos para interrogá-lo. Ele os enviou para seu próprio benefício e vantagem e para torná-lo conhecido em todo o mundo; não para atraí-los para si, mas para separá-los dele; para deixá-los ver os milagres que Jesus Cristo realizou para que eles pudessem vir a Ele de uma maneira digna Dele. Ele lida com eles como convém ao seu status de crianças ainda. Ele certamente acreditava que Jesus é o Filho de Deus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. ³[*Jo* . 1:29]. E certamente ele poderia, por suas próprias palavras, levá-los a entender esta verdade, mas ele escolheu encaminhá-los para Nosso Senhor para esta instrução. Ele poderia tê-los enviado a Ele para adorá-Lo e confessá-Lo; mas, acomodando-se à sua fraqueza e enfermidade, enviou-os apenas para pedir-lhe quem Ele é e se Ele é "Aquele que há de vir" ou se eles devem procurar outro. Certamente aqueles que dirigem as almas devem fazer-se todas as coisas para todos os homens, como diz o Apóstolo para salvar a todos [*1 Cor* . 9:19-22]. Que sejam gentis com uns e severos com outros, filhos com filhos, fortes com os fortes, fracos

com os fracos; em suma, precisam de muita discrição para se acomodarem à necessidade de cada um.

O próprio São Paulo praticou isso maravilhosamente, pois se fez como uma criança com filhos, e por isso muitas vezes se dirigiu aos cristãos como "meus filhinhos". [*Gal . 4:19*]. Escrevendo aos tessalonicenses, ele disse: Meus filhinhos, tornei-me como um pequenino no meio de vocês, para salvar todos vocês. Andei com pequenos passos, e não com os passos de um grande Apóstolo. Pois dificilmente vocês seriam capazes de seguir tais passos, sendo criancinhas. Adaptei-me à sua fraqueza e caminhei lentamente com você como uma criancinha. Além disso, eu estive no meio de vocês como uma mãe que amamenta [*1 Tess . 2:7-8*]; Dei-te leite para beber e alimentei-te com alimentos adequados à tua pequenez. [*1Cor . 3:1-2*].

São João Crisóstomo, Bispo de Constantinopla, notável em tudo o que escreveu, mas particularmente sobre o assunto deste Apóstolo, disse no início de um sermão sobre a Epístola aos Hebreus (não sei se me lembro exatamente): "Eis uma coisa surpreendente: quando este grande apóstolo estava entre os coríntios, ele era como uma mãe que amamenta entre seus filhos. Ele os alimentava com comida simples, que era doce e adequada às crianças. Ao contrário, quando ele escreveu para os hebreus foi com uma doutrina tão profunda e um estilo tão elevado, que não tem paralelo".

Se você quer entender como era São Paulo no meio dos coríntios, [4](#) olhe para uma mãe que tem cinco ou seis filhos ao seu redor. Observe a habilidade desta mulher, como ela pode dar a cada um o que é apropriado e pode tratar cada um de acordo com seu entendimento. A quem tem apenas um, dois ou três anos ela dá leite; ela usa conversa de bebê com ele e brinca com ele. Ela não espera que ele diga "pai" e "mãe", mas apenas "papai" e "mamãe". Sendo tão jovem, ele ainda não consegue pronunciar as palavras "pai" e "mãe". Aos quatro ou cinco anos ela ensina a falar melhor e a comer alimentos mais sólidos. Aos um pouco mais velhos, ela instrui em cortesia e modéstia.

"Agora", escreve este santo Padre, "quando o grande Apóstolo disse: 'Estou entre vocês como uma mãe que amamenta', o que ele quer

dizer, senão que age para com seus discípulos como uma mãe que amamenta para seus filhos?" Certamente é necessário que aqueles que guiam as almas tenham grande zelo para aprender tudo o que é necessário para guiá-las de acordo com sua capacidade e atração. Devem usar de grande discernimento para dar-lhes o alimento da palavra de Deus no momento oportuno e oportuno para que seja bem recebido, e também grande discernimento para dar a cada um o que necessita e da maneira que mais lhe convém. Que ninguém diga: "Você não fala comigo pela minha perfeição tanto quanto fala com essa outra pessoa". Eu respondo: "Acho que você não tem dentes suficientes para lidar com as práticas recomendadas aos outros. ⁵Você não conseguiu mastigá-los." Você responde: "Acho que tenho dentes suficientes". "Certamente, você tem ainda menos do que pensa, pois acredita que tem mais! Ah, então, deixe-se governar pelos outros." E este é o meu primeiro ponto.

A segunda parte do nosso Evangelho é a resposta que Nosso Senhor deu aos discípulos de João. Refletindo sobre essa resposta, alguns médicos ficaram surpresos. Relate a João o que você ouviu e viu; os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é pregado o Evangelho. (O fato de os pobres terem o Evangelho pregado a eles é considerado um milagre aqui.) Esses Doutores observam que o Salvador não operou muitos milagres na presença dos discípulos de João, mas que os Apóstolos lhes falaram daqueles que Ele havia realizado. Certamente, os Apóstolos se deleitaram em relatar as obras maravilhosas de seu bom Mestre a esses dois discípulos. Mas Nosso Senhor também fez muitos milagres na presença deles, e é por isso que Ele lhes respondeu: Relate a João o que você ouve e vê.

Alguns dos nossos primeiros Padres, nomeadamente São Hilário e São Crisóstomo, debruçam-se sobre esta resposta que Nosso Senhor deu àqueles que Lhe perguntaram quem Ele era. "Você me pergunta se eu sou aquele grande Profeta, o Messias prometido, Aquele que troveja nos céus [cf. *2 Rs. (2 Sam .) 22:14*] e que há de vir para esmagar a cabeça do inimigo. [*Gn 3:15*]. Eu lhe respondo: Relate o que você ouviu

e viu". Ó maravilhosa humildade do nosso querido Salvador que vem confundir nosso orgulho e destruir nosso falso senso de superioridade! Eles perguntam a Ele: "Quem é você?" e Sua única resposta é: "Relate o que você ouviu e viu". Ele responde assim para nos ensinar que são nossas obras e não nossas palavras que dão testemunho do que somos, nós que somos tão orgulhosos.

Se alguém perguntasse a um cavalheiro hoje: "Quem é você?" ele consideraria tal pergunta um desafio à sua honra e sem dúvida cortaria a garganta de seu questionador na hora! "Quem é Você?" "Devo lhe mostrar minha linhagem e ancestralidade? Devo apresentar meu pedigree para você? Devo demonstrar se meus ancestrais descendem de Abraão, Isaac e Jacó?" (Essa tolice é um absurdo absoluto!) Certamente, não há necessidade alguma de exibir todos esses nada para provar que você é um cavalheiro. Mas quando a pergunta: "Quem é você?" você deve responder: "Relate o que você vê, um homem gentil, cordial, benevolente, protetor das viúvas, pai de órfãos e menores, caridoso e benigno para com seus súditos. Se você viu e ouviu tais coisas, diga com certeza que você viu um verdadeiro cavalheiro." Se você se dirige a um bispo: "Quem é você?" ele deve ser capaz de dar este testemunho de si mesmo: "Relate que você vê um homem que cumpre seu dever bem e com devoção." Então você pode ter certeza de que ele é realmente um bispo. Se for perguntado a um religioso: "Quem é você?" e se ela for vista como exata e pontual na observância de suas regras, ela pode responder que é verdadeiramente uma religiosa. Em suma, são nossas obras, boas ou más, que nos formam, e é por elas que devemos ser reconhecidos.

Quando perguntado: "Quem é você?" não se contente em responder como criancinhas na aula de catecismo: "Sou cristão"; antes, viva de tal maneira que se reconheça claramente em você uma pessoa que ama a Deus de todo o coração, que guarda os mandamentos, frequenta os sacramentos e faz todas as coisas dignas de um verdadeiro cristão. Não quero dizer que, quando nos perguntam quem somos, não devemos dizer que somos cristãos. Ah, certamente não! É o título mais bonito que podemos dar a nós mesmos. Sempre tive uma devoção

especial por aquela grande Santa Blandina que foi martirizada em Lyon e cuja vida foi escrita por Eusébio. Em meio a todos os tormentos excruciantes de seu martírio, ela repetia suavemente: "Sou cristã", fazendo uso dessa palavra como um bálsamo sagrado para curar todas as suas feridas. Tudo o que quero dizer é que não basta ser *chamado* de cristão se não realizarmos as obras de um cristão. Afinal, o que somos? Um pouco de poeira e cinzas. [*Gên . 3:19; 18:27*].

Vamos, então, admitir com franqueza que não somos nada, que não podemos fazer nada, que nada sabemos. Que bobagem que, sendo o que somos, desejamos, no entanto, fazer um show e andar na ponta dos pés para sermos vistos por todos! Mas o que eles realmente verão ao nos ver? Um pouco de pó e um corpo muito cedo corrompido na morte!

"Diga a João que os cegos vêem." Ó Deus, que cegueira maior que a nossa. Embora cheios de abjeção e miséria, desejamos, no entanto, ser estimados como algo! O que pode nos cegar dessa maneira, exceto o amor próprio que, além de ser cego, também cega aquele em quem habita? Quem pinta Cupido sempre tapa os olhos para indicar que o amor é cego. Isso deve ser entendido ainda mais do amor-próprio, que é cego à sua própria abjeção e ao nada, do qual procede e do qual é formado. Certamente, é uma grande graça e sinal de conversão interior quando Deus nos dá sua luz para conhecer nossa miséria. Aquele que realmente conhece a si mesmo não se incomoda quando é mantido e tratado pelo que é. Pois ele recebeu aquela luz que o liberta de sua cegueira.

"Diga a John que os coxos andam." Se os enfermos de quem Nosso Senhor fala aqui eram coxos em um membro ou ambos mal assuntos. Mas a maioria dos que vivem neste mundo são mancos em ambos. Todos nós temos duas naturezas que são como nossas duas pernas. Essas duas naturezas são o irascível e o concupiscível. Quando não são bem regulados e mortificados, tornam a pessoa manca. A natureza do concupiscível cobiça riquezas, honras, dignidades, preeminências, prazeres e iguarias, e torna uma pessoa cobiçosa e avarenta, levando-a a mancar para um lado.

Há outros que, embora não sejam avarentos, têm uma natureza tão forte e irascível que, quando não é devidamente submissa à razão, faz com que se perturbem e se ressintam desordenadamente pelas menores coisas que lhes são feitas. Eles levantam a guarda e continuamente procuram maneiras de se vingar de qualquer palavrinha ou mal feito a eles. Agora, para qualquer lado que se vire, seja bom ou ruim, essa natureza é muito forte; mas quando se volta para o lado do mal, é realmente difícil corrigi-lo. Muitos têm ambas as naturezas danificadas, e estes flácidos em ambos os lados; outros mancam em apenas um. Nosso Senhor veio curar os coxos; Ele veio para fazê-los andar eretos diante de Sua face na observância de Seus Mandamentos. [Cf. *Lk.* 1:6]. Portanto, ele acrescenta: Relate a João que os coxos andam.

"Diga a João que os leprosos estão curados." Há muitos leprosos espirituais no mundo. Este mal é uma certa languidez e mornidão no serviço de Deus. As pessoas assim afligidas não têm febre nem uma doença com risco de vida, mas seus corpos estão tão infectados com essa lepra que ficam completamente debilitados e quebrados. Com isso quero dizer que eles não têm grandes imperfeições e não cometem faltas graves, mas cometem e omitem tantos pequeninos que seu coração permanece bastante fraco e lânguido. E o mais perigoso de tudo é que enquanto estão nesse estado não podem ser tocados ou movidos sem serem picados no coração. Certamente, os infectados com esta lepra são muito parecidos com pequenos lagartos, animais vis e abjetos, os mais fracos e simples de todos. No entanto, apesar de sua fraqueza e enfermidade, eles imediatamente se voltam para nos morder se os tocarmos levemente. Os leprosos espirituais agem como mesmo. Embora sejam cobertos por um número infinito de pequenas imperfeições minuciosas, eles são tão altivos que não querem ser vistos nem tocados de forma alguma. E se você os repreende levemente, eles imediatamente se voltam para mordê-lo.

"Diga a John que os surdos ouvem." Há uma surdez espiritual que é muito perigosa. É uma certa complacência vã em nós mesmos e no que fazemos, de modo que, parece-nos, não precisamos mais de nenhum crescimento ou melhoria. Não estamos mais ansiosos para ouvir a

palavra de Deus pregada, ou ler livros de devoção, ou ser reprovados ou corrigidos; nos divertimos com ninharias, colocando-nos assim em grande perigo. Se é um sinal muito bom quando uma pessoa ouve de boa vontade a palavra divina, não é um sinal ruim quando ela está desgostosa com ela e não sente mais que precisa dela?

"Diga a John que os mortos são ressuscitados." Na verdade, é esta palavra sagrada que ressuscita os mortos. É ouvindo a pregação que recebemos boas inspirações e passamos do pecado à graça. É também pela boa leitura que o coração ganha vida e sempre ganha nova força e vigor.

"Diga a João que os pobres têm o Evangelho pregado a eles." Alguns dizem: Os pobres pregam o Evangelho. Seja qual for a maneira como a interpretamos, é quase uma e a mesma coisa; mas prefiro seguir o texto do nosso Evangelho e dizer com Nosso Senhor: aos pobres o Evangelho é anunciado. Certamente, os discípulos de São João não encontraram Nosso Senhor entre os príncipes e líderes do mundo, mas com os pobres, que o ouviram e o seguiram por onde quer que fosse. Este querido Salvador de nossas almas veio para os pobres e teve um prazer singular em estar com eles. Ó Deus, com que doçura Ele os ensinou! Ele se fez todas as coisas para todos os homens, a fim de salvar a todos. ⁶[*1 Cor* . 9:22]. Ele dá Seu Espírito aos pobres e humildes [*Is* . 61:1; *Lk* . 4:18] porque a pobreza gera humildade. Ele foge dos orgulhosos e altivos de coração, e se entrega aos simples. [Cf. *Wis* . 1:5]. Ele levanta seu espírito pesado e lento e lhes dá o Seu, com o qual podem fazer grandes coisas. [Cf. *Ps* . 103(104):29-30]. Por isso Ele confunde os altos e poderosos com os humildes e simples. [*1Cor* . 1:27-28]. Por esta razão, podemos dizer em verdade não só que os pobres têm o Evangelho pregado a eles, mas também que eles pregam o Evangelho, Deus os usando para levar Sua verdade ao mundo inteiro.

É verdade que nosso querido Salvador e Mestre veio ensinar tanto os pequenos quanto os grandes, os instruídos e os simples. No entanto, quase sempre o encontramos entre os pobres e simples. Quão diferente é o Espírito de Deus daquele do mundo, que estima apenas a aparência e a pompa. Os filósofos antigos recebiam em suas escolas apenas

aqueles que tinham uma boa mente e bom senso. Daqueles que não possuíam essas qualidades diziam abertamente: "Tal tela não serve para o nosso pincel". Hoje vemos muitas pessoas simples desprezadas por algumas pessoas que se irritam e se cansam de suas conversas e que têm prazer apenas em estar entre mentes elevadas. Não importa o quão arrogante, orgulhosa e arrogante essas pessoas possam ser, o mundo ainda as tolera. Mas o Espírito de Deus faz exatamente o contrário; Rejeita os orgulhosos e conversa com os humildes. Nosso Senhor até mesmo conta isso entre Seus milagres: "Relate a João que os pobres têm o Evangelho pregado a eles."

Depois acrescenta: "Bem-aventurado aquele que não se escandaliza em Mim". O que você quer dizer aqui, ó Senhor? Como é possível que alguém se escandalize depois de ter visto tantos milagres e obras de tão grande caridade e misericórdia? ²"Serei", diz o Senhor, "a vergonha dos homens, o pária do povo [*Sl* . 21(22):7]; serei um escândalo para os judeus e uma pedra de tropeço para os gentios. *1 Coríntios* 1:23; *Romanos* 9:33; *1 Pedro* 2:7-8] Mas bem-aventurado aquele que não se escandalizar em Mim. ser crucificado e preso a uma cruz. Por isso muitos ficarão escandalizados." Oh, bem-aventurados aqueles que não se escandalizarão com as humilhações e ignomínias de Nosso Senhor quando O virem proscrito e alvo de chacota de todos. Bem-aventurados aqueles que, nesta vida, se crucificam com Ele, meditando sobre Sua Paixão e trazendo em si Sua mortificação. [*2Cor* . 4:10].

Na verdade, todos nós devemos seguir este caminho. Devemos nos apegar à Cruz de nosso Salvador, meditá-la e levar em nós Sua mortificação. Não há outro caminho para o Céu. Nosso Senhor viajou primeiro. Experimente quantos êxtases, arrebatamentos espirituais e transportes desejar; até mesmo arrebatada o Coração do Pai Eterno se for capaz. No entanto, se com tudo isso você não se debruçar sobre a Cruz do Salvador e praticar a automortificação, asseguro-lhe que todo o resto é absolutamente nada e desaparecerá em fumaça e vaidade; e vós, por sua vez, permaneceréis vazios de todo bem, deixando-vos escandalizar com a Paixão de Nosso Senhor, como muitos de seus contemporâneos.

Em suma, não há outra porta para o Céu senão a da humilhação e da mortificação.

Deixe-me levar tudo isso a uma conclusão. Os discípulos, então, voltaram a São João para relatar o que tinham visto e ouvido. Ó Deus, [8](#) pense nos corações desses bons discípulos! Quão pacífico e cheio de grande consolação! Como devem ter demorado com seu mestre, contando-lhe tudo o que viram e ouviram! Quão cheios eles devem ter ficado com grandes insights e conhecimento sobre a vinda de Nosso Senhor! Quão ternamente eles devem ter conversado uns com os outros sobre aqueles maravilhosos milagres e prodígios que Ele realizou em sua presença e as coisas relatadas a eles pelos Apóstolos!

Quando eles estavam partindo, o Salvador virou-se para os que O cercavam e perguntou: O que vocês foram ver no deserto? Talvez você tenha ido lá para ver um junco exposto a tempestades e tempestades, ou realmente uma rocha imóvel no meio do mar? (Da mesma forma, podemos perguntar: O que você foi ver no deserto, isto é, na vida religiosa? Pois o deserto está relacionado com as origens da vida religiosa, e a vida religiosa não é outra coisa senão uma espécie de deserto). , o que você saiu para ver? Talvez você tenha encontrado juncos lá? Oh, não, São João não é um junco, pois ele morava lá como uma rocha, imóvel no meio de todas as ondas e tempestades de tribulação.

Mas por que Nosso Senhor não louvou seu Precursor na presença de seus discípulos? Nossos antigos Padres dizem que havia duas razões para isso. Primeiro, porque esses bons discípulos eram muito apegados ao mestre; eles foram cativados por ele, e sua estima era tão grande que o preferiam a Jesus Cristo, como quando disseram a João: [9](#) Você e nós, seus discípulos, fazemos grandes penitências; mas este Profeta, que está em nosso meio, não. [*Mat* . 9:14; *Mc* . 2:18]. Obviamente, eles amavam muito São João e não precisavam que Nosso Senhor o louvasse em sua presença, pois havia o perigo de eles o valorizarem mais do que o Salvador. É por isso que esta Sabedoria Divina nada disse sobre ele na presença deles.

A outra razão era porque nosso Divino Mestre não era bajulador. Se Ele tivesse elogiado São João, eles poderiam ter pensado que Ele fez isso por lisonja para que pudesse ser trazido de volta a ele por seus dois discípulos. Isso era muito estranho ao espírito de nosso querido Salvador. Ele é a própria verdade. O espírito humano dos discípulos de João também pode ter acrescentado algo sobre o assunto. É por isso que Aquele que tudo vê sabia o que poderia acontecer e não o louvou na presença de seus discípulos.

Mas quando eles partiram, Ele perguntou aos judeus: O que vocês foram ver no deserto? Considere este homem que você viu, ou melhor, este anjo vestido em forma humana. Você encontrou nele não uma cana, mas uma rocha firme, um homem possuidor de estabilidade inabalável em meio a todos os tipos de circunstâncias mutáveis. Esta é a virtude mais agradável e desejável na vida espiritual. [10](#) Você não viu uma cana, pois São João é o mesmo na adversidade e na prosperidade, o mesmo na prisão em meio a perseguições como no deserto em meio a aplausos; tão alegre no inverno da angústia quanto na primavera da paz; cumpriu na prisão o mesmo papel que cumpriu no deserto!

Nós, ao contrário, estamos sempre mudando. Variamos de acordo com o tempo e a estação. Há algumas pessoas tão mutáveis que, quando o tempo está bom, nada pode igualar sua alegria; mas quando tempestuoso, nada pode igualar sua depressão. Tal as pessoas que são fervorosas, prontas e otimistas na prosperidade serão fracas, deprimidas e desanimadas na adversidade. Seria então necessário o céu e a terra para restaurá-los à paz, e normalmente, mesmo assim, todos os nossos esforços são inúteis. Você encontrará outros que querem apenas momentos felizes porque em tais momentos eles fazem maravilhas, ou assim lhes parece. Outros preferem a adversidade. A tribulação, dizem eles, os mantém perto de Deus. Em suma, somos espiritualmente inconstantes e realmente não sabemos o que queremos. Há alguns que, quando consolados, não podem ser contidos, mas quando tristes, não podem ser consolados. Quando os contradizemos em nada, ó Deus, eles são tão fortes e fazem tantas maravilhas! Mas se os tocarmos, se os contradizermos no mínimo, tudo

estará perdido. É tão difícil para nós sermos receptivos até mesmo à menor coisa que seja contrária ao nosso gosto que nossa paz de alma não pode ser restaurada até muito tempo depois, e muitos bálsamos devem ser usados. Meu Deus, que pena que sejamos tão inconstantes! Certamente, não há estabilidade em nós, e ainda assim esta é a qualidade mais essencial na vida espiritual. Somos juncos, lançados em todas as direções por todos os estados de espírito e humor.

Termino aplicando ao glorioso Santo Ambrósio, cujas primeiras Vésperas de cuja festa celebramos hoje, o que Nosso Senhor disse a respeito de São João Batista: Não viste um junco no deserto. Você deve ter uma devoção especial a Santo Ambrósio porque ele era o pai espiritual de Santo Agostinho. Em suas *Confissões*, Santo Agostinho nos diz que não apenas a pregação erudita de Santo Ambrósio, mas especialmente sua mansidão e gentileza, roubaram seu coração. Ele era francês; isto é, ele nasceu na França, embora Santo Agostinho o tenha conhecido em Milão. É relatado em uma de suas biografias que, enquanto ele ainda era um bebê, um enxame de abelhas formou um favo de mel em seus lábios - prevendo assim um futuro gentil e manso para ele. Se perguntássemos a este glorioso santo: "Quem é você?" [Jo . 1:19] sem dúvida ele responderia: "Relate o que você viu e ouviu. Relate que você viu um homem gentil, caridoso e zeloso para a glória de Deus, um pastor vigilante; em suma, um homem perfeito em todas as virtudes e um quem executa cuidadosamente todos os deveres de seu ofício, tendo as duas naturezas de sua alma tão bem ordenadas que não há nele nada de ódio, exceto o pecado, e nada de amor, exceto o amor de nosso querido Salvador".

Embora fosse extremamente gentil e misericordioso, também era muito severo em punir e reprová-lo que merecia repreensão, nunca se permitindo vacilar diante de qualquer consideração. Que zelo ele não demonstrou em seu tratamento do imperador Teodósio, recusando-lhe a entrada na Igreja e falando com ele com grande severidade, nunca vacilando até que o imperador confessasse sua falta. E quando ele foi lembrado de que era um imperador que ele estava repreendendo, ele testemunhou que considerava apenas a glória de Deus.

Na época desse incidente, alguns lembraram a Ambrósio a culpa do rei Davi. "Ah, de fato", ele respondeu, "você me fala da culpa de Davi, mas não faz menção de sua penitência. Se o imperador quiser fazer como fez, as portas da Igreja serão abertas para ele; caso contrário, não." ¹¹ E ele mostrou de fato que, sem consideração pelo rei ou imperador, ele permaneceria firme no exercício de seu cargo. Relate então o que você viu e ouviu; pois a fama deste grande santo se espalhou por toda parte, de modo que homens muito instruídos e experientes vieram de grandes distâncias para ouvir sua doutrina.

Como é verdade que o homem é conhecido por suas obras! ¹² Portanto, se quisermos saber o que somos, devemos examinar nossas ações, reformando o que não é bom e aperfeiçoando o que é, para que, imitando esses dois santos gloriosos em suas virtudes, gozemos com eles a glória do céu.

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Um homem.

NOTAS

- ¹. Cf. St. Francis de Sales: *Controversies*, publicado sob o título *The Catholic Controversy*, traduzido pelo Rev. Henry Benedict Mackey, OSB, sob a direção de Rt. Rev. John Cuthbert Hedley, OSB, vol. III da Biblioteca de São Francisco de Sales (Londres: Burns and Oates/Nova York: Catholic Publication Society Co., 1886), p. 7.
- ². De maneira calorosa e simples, São Francisco de Sales fala aqui da prioridade absoluta da graça na vida de fé. A fé em Deus não é o resultado nem do esforço humano nem angélico, mas da graça de Deus – embora Deus possa usar a agência humana e angélica para mediar essa graça como fez com São João Batista e os anjos em Belém.
- ³. Cf. pág. 2 deste sermão.
- ⁴. Cf. São Francisco de Sales: *As Conferências Espirituais* (Westminster, Md: The Newman Press, 1962), XIII, "Sobre o Espírito das Regras", p. 254.
- ⁵. Obviamente, "não ter dentes suficientes" é aqui equivalente a "não ter os meios" para um determinado trabalho ou tarefa. Aqui, como em tantos casos, São Francisco fala com língua

na bochecha, brilho nos olhos e sorriso no rosto. Ele está facilitando ao máximo que alguns de sua congregação aceitem suas deficiências espirituais; ele faz isso tão suavemente!

[6.](#) Cf. pág. 8 deste sermão.

[7.](#) Cf. *Controvérsias*, pág. 6-7, 9.

[8.](#) As expressões "Ó Deus" e "Ó meu Deus" são muito características de São Francisco de Sales, que viveu e falou na presença de Deus.

[9.](#) Cf. pág. 7 deste sermão.

[10.](#) Cf. *Conferências Espirituais*, III, "Em Constância".

[11.](#) São Francisco de Sales está aludindo aqui à ameaça de excomunhão de Santo Ambrósio ao imperador Teodósio pelo massacre vingativo de 7.000 pessoas indefesas no Circo de Tessalônica em punição por um motim em que vários oficiais imperiais foram mortos. Santo Ambrósio insistiu que o imperador fizesse penitência pública por seu crime. Ele fez. (Cf. *New Catholic Encyclopedia*, Vol. I, p. 374.)

[12.](#) Cf. pág. 10 deste sermão.

A GRANDE HUMILDADE DE SÃO JOÃO BATISTA

Sermão do Terceiro Domingo do Advento, 13 de dezembro de 1620, sobre o orgulho e a ambição como as tentações mais poderosas, a excelente humildade de São João Batista ao renunciar à mais perigosa e sutil tentação ao orgulho e à ambição, sua negação imediata e sucinta que ele era o Messias, o desejo dos anjos e de todos os homens (mesmo pagãos) para a Encarnação, nossa aceitação tola e falsa de honras, a humildade de São João em negar habilmente até mesmo o status de honra que por direito lhe pertencia - sem, no entanto, sendo falso; como não devemos nos desculpar das próprias faltas de que nos acusamos, mas confessá-las diretamente, a excelência da humildade, a afinidade com a caridade e a necessidade para escapar das armadilhas do diabo, a descrição humilde de São João de si mesmo e o louvor de Nosso Senhor a ele, A perene humilhação de Deus dos orgulhosos e favorecimento dos humildes, e como todos devem imitar São João Batista .

" Quem é você? E ele confessou, e não negou: e ele confessou: Eu não sou o Cristo. " 1:19-20

Se julgarmos por todas as artes, negócios e profissões, teremos que confessar que as principais e mais poderosas tentações são as da ambição, do orgulho e da arrogância. Lúcifer os usou para tentar nossos primeiros pais. Diz-se que a ambição é a pior de todas, pois o fez tropeçar céu ¹para o inferno. Sabendo por experiência própria

quais são as poderosas seduções do orgulho e da ambição, ele as usou para tentar nossos primeiros pais, oferecendo-lhes o fruto proibido com tal arrogância que eles tinham certeza de que, comendo-o, seriam como Deus. [*Gên* . 3:5]. Ele não lhes disse que seriam iguais a Deus, pois "Quem é como Deus?" [Ps. 34 (35):10; 112 (113):5; *é* . 40:18]. É impossível ser igual a Deus; e se o miserável tivesse tentado Adão e Eva dessa maneira, eles facilmente reconheceriam seu engano, pois ainda na Justiça Original, eram grandemente dotados de percepção e conhecimento. É por isso que ele lhes disse: "Vocês serão como Deus". E como eles seriam como Deus? Ao comer esta fruta, eles, como Deus, conheceriam o bem e o mal. Agora, essa ambição inchou tanto seu orgulho que eles realmente presumiram compartilhar a sabedoria e o conhecimento divinos e se deixaram seduzir pelo tentador. Desta forma, eles perderam a Justiça Original.

Refletindo sobre a causa da queda de Lúcifer e dos outros anjos, ² alguns teólogos dizem que foi devido a uma certa autocomplacência espiritual que, pela consciência da grandeza e excelência de sua natureza angélica, causou tanto orgulho de si que desejavam com insuportável arrogância para ser como Deus e colocar seus tronos em igualdade com o Dele. [Cf. *é* . 14:13-14]. Outros sustentam que a inveja foi a causa de sua queda. Eles sabiam que o Senhor criaria os seres humanos, que Ele queria enriquecer a natureza humana, e que, além disso, Ele realmente se comunicaria a essa natureza, encarnando e unindo-se a ela em união hipostática de tal maneira que essas duas naturezas formariam Apenas uma pessoa. Sabendo disso, eles foram movidos de inveja. Eles estavam chateados porque o Criador planejava elevar a natureza humana acima da deles e diziam entre si: "Se Deus deseja sair de si mesmo para comunicar-se a outro, por que Ele não escolhe uma natureza angélica e seráfica para essa comunicação? não é muito mais nobre e mais excelente que o outro?" Daquele momento em diante eles ficaram cheios de ciúmes, ambição e orgulho, e finalmente tropeçaram miseravelmente.

Mas com que propósito digo tudo isso senão para contrastar e exaltar a humildade de São João Batista, que é uma das pessoas que

participou do mistério da Visitação e cuja humildade, me parece, é a mais excelente e a mais perfeita que já existiu, depois da de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem? Foi-lhe apresentada a mais forte e violenta tentação imaginável ao orgulho e à ambição. Mas note, peço-lhe, que não foi apresentado a ele pessoalmente pelo inimigo e que não veio dele diretamente. Quando um inimigo é descoberto ou vemos que uma tentação vem de um adversário, imediatamente suspeitamos de qualquer coisa que ele diga ou que ele nos incite a fazer. Por quê? Porque nos é sugerido por nosso inimigo e, portanto, não é confiável.

É certo que, se Adão e Eva tivessem reconhecido seu tentador, não se teriam deixado seduzir. Mas esse espírito malvado sempre usa de malandragem, sabendo que se não se disfarçar e assumir alguma máscara ou a forma de um amigo quando fizer um ataque, nunca terá sucesso. Ele seduz muitos por suas artimanhas e astúcia. Quando ele se apresentou a Eva, foi na forma de uma serpente. [*Gên* . 3:1]. Mas naquela época, as serpentes não eram serpentes como as conhecemos agora. Eles não morderam e não tinham veneno. Conseqüentemente, Eva não tinha mais medo dele do que uma criança pequena teria de uma jovem águia. O inimigo falou com ela na forma de uma serpente e acendeu nela a ambição e o desejo ardente de ser como Deus. Por isso ela comeu o fruto proibido.

Quanto a Lúcifer e seus anjos, eles não tinham outro tentador além de si mesmos, pois ainda não havia diabo. Eles foram tentados por eles mesmos. Por causa do orgulho, eles, que antes eram anjos, tornaram-se demônios. Por isso podemos dizer com razão que a ambição, o orgulho e a arrogância desceram do céu ³para o paraíso terrestre e deste paraíso se espalharam por todo o mundo, tornando-o assim um inferno terrestre. Assim o anjo se tornou um demônio; aquele que tinha sido belo e amigo de Deus declarou-se inimigo de Deus e tornou-se feio e horrível. O homem, por orgulho e arrogância, perdeu a Justiça Original em que foi criado e fez desta terra um inferno. Pois os males que o vício humano traz em seu rastro são um verdadeiro inferno que conduz do castigo temporal ao eterno.

Observe como uma das tentações mais fortes, mais sutis e mais perigosas possíveis está sendo dirigida a São João, não por seus inimigos, como eu disse antes, nem por homens que assumem a máscara da hipocrisia, mas por seus amigos, enviados a ele de Jerusalém pelos príncipes e doutores da Lei. Jerusalém era a cidade real onde residiam o santo senado e os juízes. Os escribas eram os doutores da Lei, e os fariseus eram como nossos sacerdotes e religiosos. Os príncipes entre os sacerdotes e os doutores governavam toda a república pela Lei de Moisés. Estes, então, enviaram pessoas para São João. Mas quem eles enviaram? Talvez alguns dos criados de seus filhos ou algum outro homem de baixa posição? Certamente não! Eles enviaram médicos e religiosos como seus embaixadores e os da república. E porque? Simplesmente para saber se João era realmente o Cristo, o Filho de Deus, o Messias que eles esperavam, para lhe dar a devida honra.

Observe, eu lhe peço, o capricho do espírito humano. Eles aguardavam o Messias e viram que todas as profecias se cumpriram, pois tinham a Sagrada Escritura na ponta dos dedos. O Salvador veio e foi entre eles ensinando Sua doutrina, realizando milagres e confirmando por obras tudo o que Ele disse. No entanto, em vez de reconhecê-lo, eles vão em busca de outro!

Dirigiram-se ao glorioso São João, perguntando-lhe: Quem és tu? Ele lhes disse e não negou: eu não sou o Cristo. Você é Elias? Não. Você é o Profeta? Não. Ele confessou e não negou. Estas são as palavras do Evangelista [*Jo* . 1:19-21], breves e diretos como são em tudo o que relatam. Nossos antigos Padres observam corretamente que quando esses enviados perguntaram: "Quem é você?" eles não queriam saber simplesmente quem ele era, mas se ele era o Messias esperado. Caso contrário, São João teria respondido que ele não era o Cristo, se ele não tivesse acreditado que eles foram enviados precisamente para confessá-lo como tal? É verdade que não era, "e confessou e não negou".

Mas reflita um pouco sobre a humildade verdadeiramente perfeita deste glorioso santo. Ele rejeitou não apenas as honras, a proeminência e os títulos que não lhe cabiam, mas, o que é mais surpreendente, até

mesmo aqueles que ele poderia ter aceitado. Ele, sendo como todos nós, certamente era capaz de cometer pecados veniais. ⁴E, no entanto, ele havia alcançado tal grau de humildade que triunfou lindamente sobre todo orgulho e ambição, desprezando e recusando-se a aceitar todas as dignidades e honras que lhe eram oferecidas;

Enquanto no céu, os anjos nunca procuraram ser deuses. Lúcifer era um filósofo bom demais para acreditar que isso fosse possível. Ele entendeu completamente que ele nunca poderia ser tal, que era simplesmente impossível. Não, sua ambição nunca foi tão longe. Ele sabia que Deus sempre seria o primeiro e sempre estaria acima dele. Em suma, Ele era Deus, e Lúcifer não presumiu ser Seu igual. No entanto, seu orgulho o levou a querer ser *como* Deus. [*É* . 14:14]. Por tamanha arrogância, o miserável, em vez de se tornar o que ousadamente presumia ser, caiu do que era e foi expulso, banido para sempre do céu. Ele se tornou um demônio. Nele começaram a existir demônios; antes de sua queda não havia nenhum.

Estando na Justiça Original, nossos primeiros pais no paraíso nunca pecaram, nem mortalmente como os anjos caídos (pois o primeiro pecado que cometeram foi mortal e, portanto, merecia a morte eterna), nem venial. No entanto, eles ouviram a antiga serpente [*Apoc. (Apoc .) 12:9*] quando ele disse que se comessem do fruto proibido seriam como Deus. Essa única promessa feita por Satanás tocou tanto seus corações que eles esqueceram o mandamento e a proibição do Senhor. Oh! que atrações fortes e perigosas são o orgulho e a ambição, capazes de seduzir o coração humano a transgredir a lei de Deus! Como diz o grande Santo Ambrósio, verdadeiramente é preciso vestir-se e armar-se de todos os lados com humildade, se quiser entrar no combate e na guerra contra o vício.

Nosso glorioso São João estava de fato armado com esta virtude. Ó Deus, quão maravilhosamente presente estava neste grande santo! Pois ele não estava no céu, nem no paraíso terrestre, mas na terra caída; ele não era um anjo, mas apenas um homem; ele não estava na Justiça Original e poderia ter pecado venialmente. ⁵E não lhe propuseram simplesmente ser *como* Deus, vieram fazê-lo confessar

que ele era o Cristo, e estavam preparados para reconhecê-lo como tal! Mas ele recusou enfaticamente tal reconhecimento. "Confessou e não negou" diz o evangelista, que não era o Cristo.

Quão grandes foram essa tentação e a humildade com que ele a repeliu. Mas observe como os mensageiros dos sacerdotes principescos lhe falam: "Estamos aqui, enviados em nome dos escribas e fariseus e de toda a república, para dizer a você que as profecias se cumpriram e que chegou a hora de a vinda do Messias. É verdade que vemos entre nós muitas pessoas que vivem bem e são muito virtuosas, mas devemos confessar que não vimos ninguém como você ou alguém cujas obras tanto deleitam nossos corações. Em suma, acreditamos que você é o Messias prometido. Se você é Ele, pedimos que você não negue nem esconda mais, pois viemos para lhe prestar a honra que você merece." Veja, eles colocam o acordo em suas mãos. Se ele quisesse aceitá-lo, eles o teriam reconhecido como o Cristo. Mas certamente este glorioso santo era um grande amante da verdade para se deixar levar por tal ambição. Se tivesse dito que era o Messias, teria sido um grande mentiroso, desleal e infiel, pois estaria aceitando uma honra que não lhe era devida.

Esses escribas e fariseus declararam que estavam esperando o Messias prometido, o Desejado das Nações [*Ag . 2:8*, Douay] e Aquele a quem Jacó chamou de "o Desejo das colinas eternas". [*Gên . 49:26*]. Alguns Padres antigos explicam estas palavras dizendo que descrevem o desejo dos anjos pela Encarnação; outros sustentam que devemos entender por eles o desejo que Deus teve desde toda a eternidade de unir nossa natureza humana com a divina, um desejo que Ele comunicou tanto aos anjos quanto aos homens, embora de maneiras diferentes. Alguns, como os Patriarcas e Profetas, ansiavam ardentemente por Ele e, por esses anseios elevados ao Céu, pediam a Encarnação do Filho de Deus. Salomão no Cântico dos Cânticos [*Cant . 1:1(1:2)*] expressa esse anseio nas palavras do esposo: "Deixe-o beijar-me com um beijo de sua boca." O que significa este beijo senão a união hipostática da natureza humana com a divina? [6](#)—Outros também o desejam, mas quase imperceptivelmente. Pois desde tempos

imemoriais encontramos pessoas buscando a Divindade. Não sendo capazes de fazer um Deus encarnado, porque isso pertence somente a Deus, eles procuraram formas de fabricar divindades. Para este propósito eles erigiram imagens e ídolos que eles adornaram e consideraram como deuses entre eles. Certamente eu sei que eram ilusões. Mas ainda vemos neles o desejo que Deus havia implantado em todos os corações pela Encarnação de Seu Filho, o desejo da união da natureza divina com a natureza humana. Esses sacerdotes e levitas, então, tinham motivos para dizer que todas as profecias haviam se cumprido e que chegara o tempo em que deveriam ver Aquele que era o Desejado das nações.

Agora perguntam a São João: "Quem é você? Você não é o Cristo que esperamos?" E ele confessou e não negou que não era. Oh, quão distante estava o espírito de São João daquele de nossos tempos! Ele não discursou lindamente ao responder a esses mensageiros; contentou-se em simplesmente responder que não era o Cristo. Certamente, se eles quisessem saber simplesmente qual era sua profissão, sem dúvida teriam sido informados da verdade, e com mais palavras. Mas como eles o tomaram pelo que ele não era, ele afirmou sucintamente que ele não era quem eles pensavam que ele fosse.

Nós, por outro lado, somos extremamente receptivos às homenagens que nos são concedidas! Nossa natureza humana está ansiosa para atrair o que quer que seja a seu favor, e somos grandemente tomados com toda dignidade e preeminência! A quem nos lisonjeia, dizemos: "Ah, é verdade que fui dotado dessa graça. Sim eu tenho. Mas é dom de Deus. É o resultado de Sua misericórdia", e outras palavras semelhantes. Um cavalheiro sem importância se imaginará de uma grande família, um cavalheiro; quando alguém lhe perguntar: "Quem é você?", ele responderá o que imagina ser o caso: "Eu sou um senhor galante, um cavaleiro valente, de uma grande casa e família." Normalmente esses homens não são ninguém. Mas quanto menos eles são, mais eles desejam aparecer! Tólice e absurdo! Quem é ele? De fato, Quem é ele? Para ouvi-lo, ele é um São Pedro! Ele provavelmente viveu quatrocentos anos antes desse apóstolo e outras bobagens. Em suma,

nosso amor próprio é tal que não só atrai para si toda a glória que de alguma forma lhe pertence, mas também o que de modo algum lhe pertence. Nisto agimos de maneira bem diferente do glorioso São João, que não se contenta em simplesmente rejeitar o que não lhe pertence; ele até recusa o que poderia justamente aceitaram.

Os enviados lhe perguntam: "Já que você não é o Cristo, você é Elias?" E ele declara: "Não, eu não sou." Certamente ele poderia ter respondido que sim; pois embora ele não fosse Elias em pessoa, ele veio, no entanto, no espírito de Elias [*Lc* . 1:17; cf. *Mt* 11:14]; de modo que ele poderia ter dito de si mesmo como dizemos hoje: "Ele tem o espírito de tal", ou "Ele faz tal coisa, impelido por tal espírito".

Como, então, se São João veio no espírito de Elias, ele pode dizer na verdade que não é? E não mente mais do que se dissesse que era Elias. Ele sabia que estava escrito [*Mal* . 4:5(3:23)] que antes do dia do Senhor um grande profeta, um homem excelente chamado Elias, se levantaria entre o povo, para que ele viesse ensiná-los e disponibilizá-los para a vinda do soberano Juiz . Ele sabia, então, que se dissesse que era Elias, provavelmente o levariam também para o Messias prometido. É por isso que ele negou e disse: "Eu não sou." Humildade admirável! Ele rejeita não só o que não lhe pertence (é o primeiro grau de humildade não querer admitir nem procurar ser tido ou estimado pelo que não somos), mas vai muito mais longe e encontra uma maneira de falar pela qual ele pode até mesmo rejeitar honra que lhe pertence sem ser falso. Ele faz isso prontamente, sem contestar ou usar muitas palavras. Francamente e livremente ele diz: "Não, eu não sou." Mas devo terminar esta parte, pois o tempo está passando.

Ouvindo esta segunda negação, eles então lhe fizeram uma terceira pergunta: "Se você não é o Cristo nem Elias, pelo menos você é um grande profeta. Você não pode negar esta verdade, pois suas obras são prova disso e dão ampla evidência e testemunho. ." No entanto, este glorioso santo permanece firme em sua humildade e responde: "Eu não sou". Mas como pode São João na verdade fazer esta terceira negação, ele que não era apenas um profeta, mas mais do que um profeta? Nosso próprio Senhor, com Sua própria boca, declarou isso em voz alta ao

povo judeu. [*Mat* . 11:9; *Lk* . 1:76; 7:26,28]. Como, então, ele ousa afirmar: "Eu não sou". Todos os antigos Padres admiram muito essas três negações deste glorioso santo e ficam surpresos com elas. Dizem que neles São João foi ao extremo e que, se tivesse ido um pouco mais longe, teria mentido. No entanto, é claro, ele não mentiu.

Mas como ele poderia afirmar que ele não era um profeta, sabendo de fato que ele era e que o próprio Deus havia declarado isso? Observe que foi ainda prometido na Lei Judaica [*Deut* . 18:15, 18] que um grande profeta seria enviado a eles. Eu sei que existem opiniões diferentes sobre quem seria esse grande profeta, mas o mais comum é que não seria outro senão o Filho de Deus. São João sabia que eles não estavam simplesmente perguntando se ele era apenas mais um profeta, que se ele respondesse afirmativamente eles certamente concluiriam que ele era aquele grande profeta prometido e o reconheceriam como tal. Então ele simplesmente negou, vendo que sem mentir ainda podia responder que não era. É como se ele dissesse: "Se você apenas me perguntasse quem eu sou, eu lhe responderia com muita simplicidade. Se você quisesse saber, por exemplo, se eu sou apenas um profeta, eu admitiria francamente que sou e até que fui enviado para preparar o caminho para o Messias. [*Lucas* 1:76] Mas porque todas as suas demandas parecem ter apenas um fim, para me identificar com o Messias prometido, eu respondo que eu não sou o Cristo, nem Elias, nem o Profeta." E nisso ele não mentiu.

Observe, então, como São João evitou a tentação do orgulho e da ambição e como a humildade lhe sugeriu maneiras hábeis de não ter que admitir ou aceitar a honra que desejavam prestar a ele, escondendo habilmente quem ele realmente era. Ele não tinha dúvidas de que, em sentido figurado, ele era de fato Elias e o Profeta; O próprio Deus havia declarado que ele era mais do que um profeta. No entanto, vendo que podia verdadeiramente afirmar que não era como eles pensavam e, assim, evitar a honra que desejavam prestar-lhe - uma honra que deveria ser referida somente a Deus -, ele respondeu: "Não sou". Sem dúvida, asseguram-nos os teólogos, também nós podemos

falar com semelhante habilidade e esperteza prudente quando as circunstâncias o justificam, e isso sem medo de mentir. ⁷

Mas muitos interpretaram essa permissão incorretamente e realmente disseram coisas longe da verdade sem pensar que estavam mentindo! Alguns chegaram ao ponto de acreditar que podem proferir falsidades onde há uma questão da glória de Deus! Se os repreendermos por isso, dizendo: "Mas em tal ato ou maneira de falar você é falso", eles responderão: "Oh, isso é verdade, mas é para honra de Deus que eu menti". Que loucura total! Você está zombando das pessoas falando dessa maneira, como se Deus pudesse realmente ser honrado por um pecado! Isso nunca pode ser. Nunca devemos mentir para honrar a Deus. Isso é um insulto e um grande erro. St. John não age dessa maneira, pois ele poderia responder com verdade como o fez, como acabei de apontar para você.

Espantados com as negações de São João, esses embaixadores retrucaram: "Por que você batiza se você não é o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?" [Jo . 1:25]. "Por que você tem discípulos e faz coisas tão maravilhosas? Com que espírito você faz essas coisas? Certamente, você está tentando em vão esconder e esconder. Suas obras nos provam que você é alguém muito grande. para que saibamos responder àqueles que nos enviaram". Veja, eles quase perderam a paciência com a humildade de São João. (Na verdade, os embaixadores precisavam do grande virtude da paciência. É muito necessário não só para os embaixadores, mas para todos os cristãos. É por isso que sempre digo que a paciência é a verdadeira virtude dos cristãos.)

"Ele confessou e não negou" que não era o Cristo nem Elias nem o Profeta. Essas palavras são melhor explicadas em hebraico. (A língua hebraica é uma maravilha, totalmente divina. É a língua que Nosso Senhor falou quando Ele estava neste mundo, e de acordo com a interpretação de alguns Doutores de *1 Coríntios* . 13:8, é aquela que os bem-aventurados falam no Céu acima As palavras hebraicas sempre têm uma graça notável em tudo o que expressam.) "Ele confessou e não negou." Essas palavras são quase idênticas, porque confessar a culpa

não é negá-la; e não negá-lo é confessá-lo. No entanto, há uma pequena diferença entre os dois.

Sobre este assunto direi algumas palavras sobre a confissão, embora já tenha tocado no assunto em outras ocasiões e em outras igrejas. Mas talvez aqueles que me ouviram não estejam presentes, e outros, eu sei, já morreram.

Muitos confessam e negam ao mesmo tempo. Com isso quero dizer que muitos confessam suas faltas, mas de tal maneira que, ao mesmo tempo em que se acusam, se desculpam. Admitem que, se de fato cometeram a falta que agora reconhecem, certamente tinham razão para fazê-lo. Eles não apenas se desculpam enquanto se acusam, mas também acusam os outros. "Fiquei com raiva e, conseqüentemente, cometi tal falha, mas eu tinha uma boa razão para isso; eles me fizeram fazer ou dizer tal coisa; foi por essa razão." Não é claro que, ao confessar assim, se nega ao mesmo tempo? Diga simplesmente: "Foi por minha malícia, minha impaciência e má natureza, ou o resultado de minhas paixões e inclinações não mortificadas, que cometi tal e tal falta". Não diga: "Falei mal dos outros, mas foi em assuntos tão óbvios que não sou o único que disse ou viu". Por esse tipo de conversa, negamos ser culpados da culpa da qual nos acusamos!

Não devemos fazer isso. Em vez disso, devemos confessar clara e claramente, assumindo a culpa e nos mantendo verdadeiramente culpados, sem se preocupar com o que os outros podem dizer ou pensar sobre nós. "Isto é o que eu sou", deveríamos dizer. Assim agiu o glorioso São João: "Confessou e não negou". Sem se preocupar com o que os outros diriam ou pensariam dele, ele andou com determinação diante de Deus, não como quem vai e não vai. Dizemos a alguns: "Você deve fazer isso, você deve ir lá." Mas antes de fazê-lo ou ir ao local designado, fazem mil reflexões e hesitações. São como aqueles criados que, quando enviados em alguma missão, vão para onde são enviados, mas se divertem no caminho em cada loja que passam, falando ora com este, ora com aquele. A menor coisa que eles vêem os impede. Essas pessoas vão, enquanto em certo sentido elas não vão.

Esses embaixadores, então, querem saber quem é São João para reportar a quem os enviou. Mas ele não diz nada a eles, exceto: "Eu sou a voz daquele que clama no deserto: 'Endireitai o caminho do Senhor!'" [*Jo* . 1:22-23; *é* . 40:3]. Por favor, note a humildade perfeita deste glorioso santo. Quanto mais o perseguem, mais ele se retrai e se rebaixa em seu nada, elevando-se sempre assim a um grau mais alto de humildade. Ó nobre virtude da humildade! Quão necessário é para nós nesta terra perversa! Não sem razão é chamado o fundamento de todas as virtudes. Sem isso, não há. Pode não ser a virtude preeminente - a caridade ou o amor de Deus a supera em dignidade e excelência -, mas essas duas virtudes têm uma afinidade tão mútua que uma nunca é encontrada sem a outra. [8](#)

Já que vai direto ao ponto, vou relatar a vocês um belo esboço sobre este assunto que li com prazer nas recém-publicadas Vidas dos Padres. O autor reuniu essas vidas com diligência e cuidado. Ele relata que muitos desses bons religiosos se reuniram em um ponto e estavam conversando familiarmente em uma conferência espiritual. Um deles elogiava muito a obediência; outro, caridade; um terceiro, paciência. Ouvindo o que todos os seus irmãos diziam sobre essas virtudes, um deles acrescentou; "Quanto a mim, parece que a humildade é a primeira e mais necessária de todas." Ele fez a seguinte comparação que é meu sermão aqui: "Humildade e caridade estão unidos como João Batista e Nosso Senhor. A humildade é o precursor e o precursor da caridade, como São João Batista foi do Salvador. Ela prepara o caminho; é a voz que clama: 'Endireitai o caminho do Senhor'. E assim como João Batista foi antes do Messias, assim também deve vir a humildade para esvaziar os corações para que possam então receber caridade, pois isso nunca pode habitar uma alma em que a humildade não preparou primeiro o alojamento para ela.

Um dia Santo António foi arrebatado em êxtase. Quando voltou a si, seus bons confrades perguntaram-lhe o que tinha visto. Ele lhes disse: "Eu vi o mundo cheio de armadilhas calculadas não apenas para nos fazer tropeçar, mas também para nos fazer cair de cabeça em profundos precipícios". Eles responderam: "E se estiver cheio de armadilhas,

quem poderá escapar?" Ele lhes respondeu: "Só os humildes". Vemos aqui o quão necessária é a humildade para resistir às tentações e escapar das armadilhas do diabo.

St. John tinha um grau muito alto de perfeição. "Você me pergunta por que eu batizo", diz ele [*Matt* . 3:11; *Jn* . 1:26]. "Eu vos batizo com água para penitência, mas há entre vós Aquele que não reconheceis, que batizando perdoa os pecados. Vocês querem saber quem sou. Digo-vos que não sou nada além de uma voz." É como se ele quisesse dizer: "Pobres homens, como vocês estão enganados em mim! Vocês pensam que eu sou o Messias porque não estou vestido como os outros homens, minha roupa é feita de pêlo de camelo. Eu não como pão ou carne, e só me sustento com gafanhotos e mel silvestre [*Mt* 3:4] que as abelhinhas me trazem. Não bebo vinho [*Lc* . 1:15]. Não tenho casa, mas vivo no deserto com animais mudos. Estou no rio Jordão batizando com água e pregando penitência. [*Lc* . 3:3]. Por isso você acredita que eu sou o Messias. Agora eu digo a você que não sou ele, mas apenas a voz de Aquele que chora no deserto." Continuaremos neste próximo domingo. Estamos na hora extra agora.

Ao declarar que ele era apenas uma voz, como St. John poderia se humilhar mais? Pois a voz é apenas um sopro, um exalação no ar que produz um pequeno som e depois desaparece completamente. "Você acredita que eu sou o Messias, e eu insisto que eu não sou nem mesmo um homem, mas apenas uma voz simples. Se você entrar neste deserto, você ouvirá ecos entre estas rochas; e se você falar, eles responderão em um enunciado semelhante ao seu. Agora, quem de vocês confundirá o eco com a pessoa? Ninguém. Bem, isso é o que eu sou e nada mais." Desta forma, o glorioso São João se humilhou até as profundezas de seu nada. Na mesma medida em que ele se rebaixa, Deus o exalta e clama em voz alta que ele é um profeta e mais que um profeta. ⁹[*Mat* . 11:9; *Lk* . 1:76; 7:26, 28]. Além disso, Ele o chama de anjo, dizendo: "Eis que envio meu anjo para preparar seu caminho diante de você". ¹⁰[*Mal* . 3:1; cf. *Matt* . 11:10].

Certamente, desde tempos imemoriais, a Sabedoria Divina olhou favoravelmente para os humildes. [*P* _ 112(113):7; 137(138):6]. Ele

humilhou os que se exaltaram e ressuscitou os que se humilharam. Nossa Senhora e Mãe, sua gloriosa Senhora, cantou isto em seu cântico divino: Ele derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. [*Lc . 1:52*]. Todo aquele que se exalta será humilhado. Aqueles que desejam colocar seu trono sobre as nuvens serão derrubados, e os pobres que se rebaixam e se humilham serão exaltados. [*1 Rs. (1 Sam .) 2:7-8; Matt . 23:12; Lk . 14:11; 18:14*].

Há algumas pessoas tão cheias de orgulho que não podem se sujeitar a ninguém ou permitir que alguém diga o que realmente são. Querem ser os preferidos de todos, e se consideram mais cultos e eruditos do que qualquer outro, e parece-lhes que nunca precisam de um mestre. Na verdade, essas pessoas costumam ser extremamente ignorantes, mas ninguém se atreve a dizer-lhes isso, pois supõem-se verdadeiras maravilhas. Oh, Deus humilha tais como estes. Ele os deixa e olha para as almas pobres e humildes que estão prostradas e não têm trono senão sua pequenez. [*P. _ 112 (113):6-7; Lk . 1:48, 52*]. Estes não se ofendem quando lhes dizemos que são imprudentes e não têm juízo nem juízo. Eles humilhar-se, e Deus os exalta e os levanta, dando-lhes o Seu Espírito pelo qual realizam grandes coisas.

Em suma, Nosso Senhor oferece São João a todos os tipos de pessoas para sua imitação. Ele deve ser o modelo não só de prelados e pregadores, mas também de religiosos e religiosas. Devem considerar sua humildade e mortificação para que, seguindo seu exemplo, sejam também vozes clamando para que preparemos o caminho e endireitamos o caminho do Senhor para que, recebendo-o nesta vida, possamos desfrutá-lo em a próxima, à qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo nos conduzam a todos. Um homem.

NOTAS

- [1.](#) Cf. Nota 3 abaixo. Cf. também *Sermões de São Francisco de Sales sobre Nossa Senhora* (Rockford, Ill.: TAN Books and Publishers, Inc., 1985), "The Purification", 2 de fevereiro de 1622, pp. 179-180. Em notas subsequentes este trabalho será referido como *Sermões sobre Nossa Senhora*.
- [2.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora*, "A Purificação", 2 de fevereiro de 1620, p. 88; *Sermões de São Francisco de Sales para a Quaresma* (Rockford, Ill.: TAN Books and Publishers, Inc., 1987), "Ouvindo a Palavra de Deus", Domingo da Paixão, 13 de março de 1622, p. 153. Em notas subsequentes, este trabalho será referido como *Sermões para a Quaresma*.
- [3.](#) O "céu" do qual Lúcifer caiu não era o Céu de glória e a Visão Beatífica, mas sim a morada dos anjos durante seu período de provação; nenhum pecado é possível na morada dos bem-aventurados.
- [4.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora*, "A Visitação", 2 de julho de 1618, p. 51.
- [5.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora*, "A Visitação", 2 de julho de 1618, p. 51.
- [6.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora*, "A Anunciação", 25 de março de 1621, p. 136.
- [7.](#) Cf. São Francisco de Sales: *Introdução à Vida Devota*, Parte III, cap. 30.
- [8.](#) *Conferências Espirituais*, VIII, "Sobre a renúncia", p. 136.
- [9.](#) Cf. pág. 28 deste sermão.
- [10.](#) São João Batista pode ser chamado de anjo porque "anjo" significa "mensageiro".

PENITÊNCIA

Sermão para o quarto domingo do Advento, 20 de dezembro de 1620, sobre São João Batista como a voz de Nosso Senhor e sua obrigação de proclamar Sua palavra, a obrigação correspondente dos ouvintes de ouvir e aproveitar a palavra de Deus, procrastinação e espiritual avareza como razões pelas quais deixamos de tirar proveito da palavra de Deus, dois significados das palavras de Isaías: Porque sua malícia e maldade atingiram seu auge, seus pecados serão perdoados; os surpreendentes caminhos da misericórdia de Deus, como a cooperação com uma graça traz graças subsequentes, a ocorrência da Encarnação no auge da maldade dos homens, o perdão de Deus a São Paulo e Davi e outros no auge de sua malícia, a penitência indicada por São Paulo. As exortações de João para preparar o caminho do Senhor: temperar o medo com confiança, livrar-se da presunção e do orgulho, endireitar nossas intenções, buscar oportunidades de penitência e adquirir uma disposição equilibrada mortificando nossas paixões, inclinações e aversões, tornando assim o caminho para a vinda do nosso Salvador .

*" A palavra do Senhor veio a João, filho de Zacarias, no deserto.
E ele percorreu toda a região ao redor do Jordão, pregando o batismo
de penitência para a remissão dos pecados ."*

—Lc . 3:2-3

Como assinaei no domingo passado, quando ele foi questionado se ele era o Cristo, ou Elias, ou o Profeta, o glorioso São João testemunhou abundantemente e deu excelente prova de sua humildade. São João sabia que quando Moisés falou da vinda de Nosso Senhor, ele indicou que um grande Profeta viria antes dele. [*Deut* . 18:15, 18]. Ele também percebeu que os judeus pensavam que ele era aquele que havia sido prometido. Portanto, ele declarou abertamente: *Non sum* , "Eu não sou Ele!" Grande humildade de fato - e ninguém expressou essa humildade melhor do que São João Evangelista quando escreveu: Ele confessou e não negou que não era o Cristo. [*Jo* . 1:19-23]. Mas quando o pressionaram a dizer quem era para que informassem aos que os enviaram, ele respondeu: Eu sou a voz daquele que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor.

É como se ele quisesse dizer: "Você quer saber quem eu sou? Eu sou apenas a voz daquele que clama no deserto, ou seja, não sou aquele que clama, mas apenas a sua voz". Não foi São João quem gritou, mas Nosso Senhor pela boca de São João. Foi isso que o grande Apóstolo São Paulo disse aos Coríntios. "Pensais", escreveu-lhes, "que sou eu que vos falo? Oh, não, é Deus quem fala pela minha boca. Não recebam as minhas palavras como palavras humanas, mas como palavras divinas, porque eu em verdade vos digo que não sou eu que ensino, mas Deus através de mim". [*2Cor* . 5:20; cf. *1 Tess* . 2:13].

Agora São João estava junto ao rio Jordão, à beira do deserto, clamando e pregando penitência. ¹[*Lc* . 3:3]. As pessoas se apressavam de todos os lados para ouvi-lo e ser batizadas por ele. Foi lá que ele clamou: "Fazei penitência! Preparai o caminho, endireitai as veredas, porque o Senhor está perto. [*Mt*. 3:1-3, 5-6; *Mc* . 1:4-5]. porque eu clamo e prego no deserto, você quer saber quem eu sou. Eu protesto a você que sou apenas a voz daquele que clama. Não sou eu que clamo no deserto: 'Faça penitência.' É Deus quem vos diz por mim, e eu sou apenas a voz, a trombeta que Ele usa para que compreendais como vos preparar para fazer penitência e dispor-vos para a sua vinda. convém ouvir as minhas palavras, não como minhas, mas como as de Deus que

vos fala por minha boca, porque eu sou a voz daquele que [clama](#) no deserto."

São João era filho de Zacarias [*Lc . 3:2*], e a palavra de Deus veio a ele não apenas para que ele pudesse entesourá-la dentro de si, mas também para comunicá-la a outros. A palavra divina entra no coração de duas maneiras: primeiro, quando Nosso Senhor lhe fala para instruí-la e iluminá-la sobre sua vontade e beneplácito, dando a conhecer o que é necessário para sua orientação e suas próprias preocupações individuais. A segunda é quando ela entra no coração não apenas para si mesma, mas para que também seja levada e comunicada a outros para que conheçam a vontade divina.

Nosso texto, então, "A palavra do Senhor veio ao filho de Zacarias", deve ser entendido de ambas as maneiras. Primeiro, São João foi escolhido e eleito por Deus para ser Sua voz, Seu arauto. Note-se aqui (digo de passagem) que ninguém pode ser recebido nas Ordens ou no episcopado sem que lhe tenha chegado a palavra sagrada, isto é, se não for escolhido e eleito por Deus. Agora, esta escolha ou eleição é comum e normal, e não devemos desejar nem buscar chamados especiais e extraordinários; na verdade, tais chamados extraordinários são perigosos e suspeitos quando não foram autenticados e confirmados por pastores e mestres da vida espiritual. ³Quanto a São João, ele foi escolhido e eleito por Deus, que Ele mesmo autenticou seu chamado e modo de proceder. Ele o enviou diante Dele [*Lc . 1:17, 76*], e Ele veio após ele, pregando o que João havia pregado. [*Mat . 3:2; 4:17*].

Em segundo lugar, esta palavra significava que o Senhor lhe havia dado um ministério no qual deveria trabalhar pelos outros, anunciando-lhes a necessidade de penitência. De tudo isso, somos ensinados que quando Deus concede alguma responsabilidade àqueles a quem Ele escolheu para Seu serviço, como aos pregadores, eles devem aplicar-se ao seu dever diligentemente e comunicar aos outros o que receberam e o que Deus lhes deu para este propósito. É neste sentido que devemos entender estas palavras do Evangelho. A palavra do Senhor veio a João, filho de Zacarias, que foi escolhido pela Sabedoria Divina para ser o precursor de nosso Divino Salvador. Ele deve

proclamar Sua palavra, pregar penitência e desempenhar as funções de seu ofício.

Ele foi obrigado a clamar que o povo deve preparar o caminho e que eles devem nivelar os caminhos e estradas do Senhor. As pessoas a quem ele se dirigia também eram obrigadas a ouvir, receber o batismo que ele lhes oferecia e fazer o que ele lhes dissesse. Se o pregador tem o dever de pregar para você, você também tem o dever de ouvi-lo e receber com boa disposição o que ele anuncia a você em nome de Deus. Eu venho aqui para pregar a você, mas se eu for obrigado a trazer a palavra divina a você, você deve prestar atenção a ela, e não apenas isso, mas aprendê-la bem e cumprir o que lhe é ensinado. Para isso você deve realmente mastigar bem o que é ouvido e colhido, e se esforçar para digerir bem. Pois de que teria sido para os israelitas que Deus lhes enviasse maná no deserto para seu sustento, se eles não estivessem dispostos a colhê-lo e colhê-lo, se não estivessem dispostos a comê-lo para que se tornasse parte de sua própria substância? Certamente, quando a Divina Providência deixou o maná cair do céu, obrigou os filhos de Israel a se levantarem pela manhã para recolhê-lo antes que o sol nascesse no horizonte [*Ex . 16:21; Wis . 16:28*]; e não só isso, mas também comê-lo e engoli-lo para ser nutrido e fortalecido. Da mesma forma, aqueles que ouvem a palavra de Deus têm o dever de guardá-la e lucrar com ela.

Há duas razões pelas quais as pessoas não lucram com a palavra de Deus. A primeira é que, embora possam ouvi-la e se comover interiormente por ela, adiam sua realização para amanhã. Infelizmente, nós pobres criaturas não percebemos que essa procrastinação é a causa de nossa morte e destruição e que nosso bem se encontra no momento presente, que é hoje. Nossa vida é o hoje em que vivemos; quem pode prometer a si mesmo um amanhã? [*Já . 4:13-15*]. Absolutamente ninguém, não importa quem ele seja. Nossa vida consiste no *hoje*, neste momento presente em que estamos vivendo, e não podemos prometer ou assegurar-nos de nada além do que agora desfrutamos, por mais breve que seja. Agora, se assim é, como ousamos deixar de fazer o que ouvimos para ser útil para nossa conversão, já que toda a nossa vida

depende realmente de cada momento presente em que ouvimos o que deve ser feito. Esta é a primeira razão pela qual muitas vezes não tiramos proveito do que nos é dito e ensinado.

A segunda razão é a "avareza espiritual", ⁴pela qual buscamos obter muito conhecimento e acumular um enorme estoque de exercícios devocionais. Você encontrará algumas pessoas que nunca se cansam de acumular novos escritos e instruções, todos os tipos de conselhos e informações espirituais, e que, no entanto, não colocam nada disso em prática! ⁵E o que é isso senão a avareza espiritual, uma falta realmente grave na vida devota? Você encontrará outros que devem estar sempre ouvindo e vendo algo novo. Para atrair a atenção, eles colecionam inúmeros livros e criam bibliotecas que são maravilhas de se ver. "Pobres criaturas, qual é o propósito de tudo isso?" Eles responderão: "Ah, estamos praticando a previsão para antecipar nossas necessidades futuras. Quando mais velhos, podemos fazer bom uso delas." "Ó Deus, você não percebe que Nosso Senhor desejou fortemente remover tal avareza e ansiedade do coração de Seus discípulos e ordenou-lhes que vivessem de boca em boca e não se preocupassem com o amanhã"? [*Mat . 6:34*].

De fato, entre as ordenanças que Deus impôs aos filhos de Israel estava a ordem de coletar apenas uma certa medida de maná [*Ex . 16:16*], ou seja, apenas o necessário para a porção diária de cada um. Além disso, Ele ordenou que ninguém deveria armazenar nada para o dia seguinte, que ninguém deveria recolher mais do que o especificado na tentativa de fazer provisão, pois isso geraria vermes e apodreceria. [*Ex . 16:19-20*]. Viva bem cada dia, coma o que lhe é dado, e você se nutrirá bem colocando isso em prática. Deixe o resto com a Divina Providência, que certamente proverá o suficiente para suas necessidades. Use bem apenas o que lhe é dado, e fique livre de todos os outros cuidados.

É um facto que as carnes armazenadas criam vermes, e Acredito que os vermes que atormentam as consciências dos condenados [*É . 66:24; Mc . 9:45, 47(48)*] não são a menor, mas a maior dor que suportam. E o que são esses vermes senão as dores ativas e cortantes

do remorso de consciência que picam e atormentam a alma com a lembrança vívida de tantos meios e oportunidades que tiveram para servir a Deus. Que remorso de consciência eles sentirão na morte, vendo os numerosos escritos, conselhos e instruções que receberam para sua perfeição. Estes serão a causa de sua maior dor. Assim, a avareza espiritual é a segunda razão pela qual deixamos de lucrar com a palavra de Deus.

Que isso seja dito apenas como introdução ao meu sermão. Voltemos ao nosso Evangelho. [*Lc . 3:1-6*]. Vou explicar-lhe da forma mais simples possível; mas, para isso, devo relatar brevemente o relato. Na época em que Tibério César era imperador, Herodes era tetrarca da Galiléia, Pôncio Pilatos presidia em Jerusalém, e Anás e Caifás eram sumos sacerdotes e estavam sentados na cadeira de Moisés [*Lc . 3:1-2; Matt . 23:2*], Deus enviou Seu profeta que era Sua voz que clamava no deserto: "Endireitai o caminho do Senhor, fazei penitência, porque a salvação está próxima". Tomaremos como explicação dessas palavras aquelas que Isaías falou aos israelitas no capítulo 40 de suas profecias. [*É . 40:1-4*]. Esses versos estão entre os mais reconfortantes e agradáveis que podem ser ouvidos. É realmente um prazer ler os escritos desse santo profeta; suas palavras são um rio de mel, transbordando de sabedoria incomparável. Desde seu primeiro capítulo, encontramos um estilo notável. Certamente ele é um rio e torrente de eloquência.

O povo de Israel havia sido levado cativo pelos gentios e enviado como prisioneiro entre os medos e persas. Após seu longo cativeiro, o bom Ciro decidiu libertá-los dessa escravidão e levá-los de volta à Terra Prometida. Prevendo isso, o profeta Isaías escreveu estas belas e celestiais palavras poéticas: " *Consolamini, consolamini*: Ó povo de Israel, consolai-vos e consolai-vos. Mais uma vez vos digo, consolai-vos e consolai-vos. Que estas palavras vos consolem: Porque vossa malícia e maldade chegaram ao seu altura, seus pecados serão perdoados. Portanto, nivelem seus caminhos e endireitam seus caminhos, para que Ciro não encontre caminhos ásperos enquanto conduz o povo de volta à Terra Prometida."

Há muitas interpretações deste texto: "Por terem chegado ao auge de sua malícia, seus pecados serão perdoados". O que ele quer dizer? Por que o Profeta diz que Deus perdoará o povo de Israel porque eles atingiram o auge de sua malícia?

É assim que os antigos Padres dizem que estas palavras devem ser entendidas: Quando eles chegaram ao limite de seus trabalhos e sofrimentos e, na escravidão e escravidão, chegaram a um maior senso de suas iniquidades; quando eles foram punidos o suficiente por sua maldade por tal tribulação; então eu, o Senhor, lancei meus olhos compassivos sobre eles. No auge de sua malícia, durante o pior de seus dias, eu estava convencido de que eles haviam sofrido o suficiente por seus pecados e, portanto, decidi que seus pecados seriam perdoados. Antecipando esse período de grande sofrimento, Jacó gritou: Meus dias, embora curtos, estão cheios de aflições. [*Gên* . 47:9]. Com isso ele quis dizer: "A vida é curta, apenas uma sombra passageira, logo se foi. [*Jó* . 8:9; 14:2; *Sal* . de aflição, sobrecarregado com os muitos trabalhos que o acompanham. Embora curto, é sempre cheio de males." Ele falou dessa maneira por causa dos grandes trabalhos e tribulações que seu povo iria suportar no exílio.

Aqui está outra maneira de entender essas palavras: "Porque a malícia deles atingiu o auge, seus pecados serão perdoados". Quando eles atingirem a altura, o meio-dia, o ponto alto de sua maldade e ingratidão, e quando toda a memória de Deus e Seus benefícios se forem, seus pecados serão perdoados; isto é, naquele exato momento em que eles merecem ser postos de lado, Deus os perdoará e não mais se lembrará de sua maldade.

Certamente, sempre que a Divina Providência revelou a grandeza de Sua misericórdia no passado, foi sempre das formas mais surpreendentes. Quando não havia nada para esperar, mas a fúria de Sua ira e o terror de Sua Justiça; quando não havia absolutamente nenhum mérito ou bem humano para esperar a misericórdia do Senhor, foi precisamente então que Ele deixou Seus atos inspiradores em favor deles brilharem.

De fato, esses são exemplos da grande bondade de Deus para com a família humana: conceder Suas graças às Suas criaturas, perdoar continuamente suas faltas diárias contra Ele e recompensar seus menores serviços com os maiores favores. Segundo o mais verdadeiro ensinamento da teologia, aquele que coopera com a primeira graça de Deus se dispõe a receber a segunda, e cooperando com a segunda está preparado para obter a terceira, depois a quarta, e assim sucessivamente. Os teólogos ensinam que a graça de Deus nunca nos falta ⁶e que se formos fiéis em cooperar com a primeira graça, estaremos dispostos a receber a segunda, terceira e quarta, e assim chegar a participar dos mais altos benefícios e obter favores mais especiais. ⁷Por isso, em muitos lugares da Sagrada Escritura Deus nos recomenda a fidelidade em seguir bons impulsos, luzes e inspirações. Em tal a grandeza de Sua misericórdia certamente resplandece.

Mas quando, acima e além disso, Sua Providência quis fazer uma revelação ainda mais gloriosa de Sua misericórdia, foi por um ato maravilhoso, em que Ele quis que nenhum motivo exterior o induzisse a agir. Impulsionado unicamente por sua bondade, comunicou-se de maneira totalmente maravilhosa quando veio a este mundo. A Encarnação ocorreu em uma época em que os homens estavam no auge de sua maldade: quando os judeus estavam sem rei e as leis estavam nas mãos de Anás e Caifás, homens maus; quando Herodes reinou e Pôncio Pilatos foi governador; quando não havia sacerdotes dignos [Cf. *Matt* . 9:36], quando tanto os sacerdotes como o povo constituíam uma geração má. Em suma, quando o mundo atingiu o ponto alto de sua maldade, Deus veio para nos redimir e nos libertar da tirania do pecado e da servidão de nossos inimigos. Instado a isso unicamente por sua imensa bondade, encarnou-se por nós.

Certamente, o Coração do nosso querido Salvador e Mestre foi inteiramente cheio de misericórdia e bondade para com a família humana. [*Lc* . 1:78]. Neste único ato Ele deu abundante testemunho disso, como fez em muitas outras ocasiões em que Sua clemência brilhou em sua beleza e grandeza. Quando Ele perdoou São Paulo? Quando ele estava no auge de sua malícia, seus pecados foram

perdoados; pois todos sabem que, no momento de sua conversão, este apóstolo estava no auge de seu maior ódio e fúria contra Jesus Cristo. Incapaz de descarregar sua ira contra o próprio Jesus, dirigiu sua ira contra Sua Igreja, mas com tal fúria que espumava de raiva como um louco, um louco totalmente fora de si. [*Atos* 8:3; 9:1; *Gal .* 1:13]. Foi precisamente nesse ponto que Nosso Senhor rebateu sua malícia e ingratidão com sua mansidão e misericórdia infinita, tocando-o e perdoadando todas as suas iniquidades - no exato momento em que ele havia perdido completamente tal misericórdia. [*Atos* 9:3-7; *1 Cor .* 15:9]. Ó Deus, quão vastas foram as riquezas de Tua bondade para com aquele Apóstolo!

No entanto, vemos exemplos semelhantes dessa bondade todos os dias. Quando os pecadores estão mais endurecidos em seus pecados, quando chegaram ao ponto de viver como se não houvesse Deus, nem Céu ou Inferno, é muitas vezes então que o Senhor lhes permite encontrar Seu Coração cheio de piedade e misericórdia para com eles. . Nunca li sobre a conversão de Davi sem tremer de espanto ao ver como ele cometeu pecados tão graves e permaneceu um ano inteiro em pecado sem reconhecer o fato, como se estivesse dormindo, sem reconhecer seu terrível crime diante de Deus. ⁸[*2 Kgs. (2 Sam .)* 11; 12:1-14]. Talvez houvesse alguma desculpa para ele se ele tivesse pecado enquanto ainda era pastor cuidando de suas ovelhas. Mas Davi ofendeu gravemente a Deus depois de ter recebido graças muito especiais e muitas inspirações, luzes e favores. Deus fez dele um homem segundo o Seu Coração [*1 Rs. (1 Sam .)* 13:14] e permitiu que ele realizasse muitas maravilhas e prodígios. Davi sempre foi nutrido no Coração de doce clemência e misericórdia divina; e o fato de que, apesar de tantos favores, ele tenha cometido crimes tão hediondos e tenha permanecido um ano inteiro sem reconhecê-los - ah, isso me surpreende muito.

Ele começou com adultério, mas isso significava pouco para ele. Não é surpreendente como o espírito humano está relutante em reconhecer suas falhas? Quando culpado deles, tenta escondê-los cometendo outros ainda mais graves! David tentou embebedar o bom

Urias. Havia mais malícia neste pecado do que no adultério. Mas quando seu plano não teve sucesso, sendo Urias um homem íntegro e um bravo soldado que não podia ser pego de surpresa em tal vício, Davi decidiu cometer ainda uma terceira falta para esconder as duas primeiras. Isso foi ainda mais doloroso do que os dois primeiros, pois ele decidiu matá-lo. Ele ordenou a seu tenente que expusesse Urias ao inimigo e depois o abandonasse. Embora o tenente fosse um homem justo, acreditava-se obrigado a obedecer às ordens do rei e fez o que lhe foi ordenado. Este caso envolveu tanto o pobre David que ele cometeu inúmeros outros pecados, empilhando um em cima do outro e cometendo o próximo como um encobrimento do anterior. Ele permaneceu um ano inteiro enredado em sua iniquidade, nunca lembrando de seu Deus. [Cf. *Ps* . 41(42):4].

Lá estava ele, sem qualquer inclinação para a graça. No entanto, vendo-o nessa cegueira, a Bondade Divina lhe enviou o profeta Natã, que lhe perguntou o que ele havia feito e onde Deus estava em sua vida. Tão cego era Davi em relação a si mesmo que o profeta sabia e sutilmente o fez confessar seu crime. Ele falou com ele de alguma falha que um de seus súditos havia cometido, e Davi emitiu este julgamento sobre o crime: "Ele roubou as ovelhas daquele pobre homem. Ele deve morrer!" Isso deixou claro o quão cego e endurecido Davi se tornou em seu próprio pecado; no entanto, pelas faltas dos outros, ele sabia bem como impor uma punição justa e proporcional. No entanto, Deus não o abandonou nessa condição, mas usou o profeta Natã para fazê-lo confessar seu crime.

Que maior evidência da misericórdia divina alguém poderia desejar, pois quando Davi estava no auge de sua malícia, Deus perdoou suas iniquidades? Mas que transformação resultou essa conversão. Reconhecendo sua culpa, este grande rei manteve lamentando e deplorando sua cegueira. Ele continuou repetindo, *Peccavi* , "Eu pequei", e continuou clamando por misericórdia ao Senhor, repetindo sem parar, *Miserere mei, Deus* , "Tem misericórdia de mim, ó Deus." [*P* . 50(51):3; 55(56):2]. Existem centenas de exemplos semelhantes nas Sagradas Escrituras, exemplos em que Deus mostrou o mesmo tipo de

misericórdia. Devemos, portanto, entender as palavras de Isaías dessa maneira.

As seguintes palavras de Isaías: "Preparem o caminho, endireitam as veredas", originalmente foram ditas em referência ao grande Ciro e sua libertação dos israelitas do cativeiro para a Terra Prometida. No entanto, o objetivo principal do Profeta nessas palavras era falar da vinda de Nosso Senhor. Assim, São João fez uso dessas mesmas palavras, pregando penitência e anunciando ao povo que o Salvador estava próximo. "Eu sou", disse ele, "a voz daquele que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor". Uma vez que o Senhor está perto [*Phil.* 4:5], como devemos nos preparar para Sua vinda? São João nos diz quando diz: Faça penitência, porque o Senhor está perto. Certamente a penitência é a melhor disposição para a vinda do Salvador; já que somos todos pecadores, todos devemos seguir o caminho da penitência. Mas agora estamos falando demais em generalidades. Tratemos de algumas particularidades neste assunto.

São João dá alguns detalhes no Evangelho de hoje. Endireitai o caminho do Senhor, enchei os vales, abaixai os montes e as colinas. Eles, assim como as valas e os vales, incomodam os viajantes. Faça retos os caminhos. Aqueles que torcem e giram cansam muito o peregrino. A nossa vida também contém muitas colinas, vales e caminhos tortuosos que só podem ser corrigidos pela penitência. A penitência enche os vales, abaixa as montanhas, endireita e suaviza os caminhos. Faça penitência, diz São João; abaixe essas montanhas de orgulho, encha esses vales, essas valas de mornidão e mornidão.

Os vales que o glorioso São João quer que enchamos não são outro senão o medo que, quando é excessivo, leva ao desânimo diante dos nossos pecados. Encha os vales; isto é, encha seu coração de confiança e esperança porque a salvação está próxima. [*Lc.* 21:28; *Rom.* 13:11]. A visão de nossas grandes faltas traz consigo um certo horror e choque, um certo medo e terror que enerva o coração e muitas vezes o leva ao desânimo. Estas são as valas e os vales que devem ser preenchidos para a vinda de Nosso Senhor.

Um dia o bom Santa Thais (tenho que dizer isso porque me vem à mente e é oportuno) disse isso a São Pafnúcio: "Padre, o que devo fazer? A memória da minha vida miserável me apavora". Ela tinha sido uma grande pecadora, e agora estava cheia de medo por causa desses pecados passados. O bom santo respondeu: "Cuidado para não levantar os olhos para o céu, você que muitas vezes os usou para lançar olhares perigosos, para flertar e coisas semelhantes. E não levante as mãos com as quais você fez tantos males. Ao longo de toda a sua vida, exercite-se na humildade e confie-se na bondade de Deus. Teme, mas ao mesmo tempo tenha esperança. O medo e a esperança nunca devem existir um sem o outro, pois o medo sem esperança é desespero e a esperança sem medo é presunção. Devemos, então, preencher esses vales formados pelo medo que vem do conhecimento das grandes imperfeições e pecados que cometemos. Devemos enchê-los de confiança misturada com o temor de Deus.

Abaixe as montanhas e colinas. O que são essas montanhas senão presunção e orgulho, que são grandes obstáculos à vinda de Nosso Senhor? Ele humilha e rebaixa o altivo [*Matt . 23:12; Lk . 1:52; 18:14*] e penetra nas profundezas do coração para descobrir o orgulho que está escondido ali. É inútil dizer-lhe: "Sou bispo, padre, religioso". ⁹Muito bem; mas se você é um bispo, como você se comporta neste ministério? Como é sua vida; sua moral é congruente com sua vocação? Você está cheio de arrogância e presunção como o fariseu do Evangelho [*Lc . 18:10-14*], ou você é como o humilde publicano?

O fariseu era uma montanha de orgulho. É verdade que ele possuía alguma aparência externa de virtude, mas ele se gabava e se gloriava iniciar. Ele disse ousadamente: Dou-te graças, ó Deus, por não ser como o resto dos homens; Eu pago o dízimo, jejuo tantas vezes por semana, e assim por diante. Vendo seu orgulho, Deus o rejeitou. E aquele pobre publicano, que aos olhos do mundo era uma montanha alta e escarpada, foi rebaixado e suavizado aos olhos da Divina Majestade quando chegou ao Templo. Não ousando levantar os olhos para o céu por causa de seus grandes pecados, ele permaneceu na entrada com o coração contrito e humilde. Como resultado, ele era digno de encontrar graça diante de

Deus. Ainda poderia dizer muito mais coisas sobre este assunto, mas por enquanto ficarei satisfeito com o que já abordei.

O glorioso São João acrescenta: Prepara os caminhos, isto é, repara os tortuosos, torna-os retos e regulares. Estradas que torcem e giram demais apenas cansam e enganam os viajantes. Devemos torná-los retos e até mesmo para a vinda de Nosso Senhor. Devemos corrigir tantas intenções perversas e tortuosas e ter apenas uma, a de agradar a Deus fazendo penitência. Este deve ser o único objetivo a que aspiramos. Devemos ser como o marinheiro que, ao guiar seu navio, sempre mantém os olhos na agulha da bússola; e aqueles que navegam em seus barquinhos sempre mantêm as mãos no leme.

Nós também devemos estar sempre com os olhos abertos para oportunidades de penitência. Algumas pessoas não estão dispostas a fazer penitência até que não sejam mais capazes de tirar vantagem disso. "Oh", eles dizem, "Deus é tão bom e misericordioso, podemos resolver assuntos com Ele mais tarde; vamos nos divertir agora. Na hora da morte, diremos um fervoroso 'pequei' [2 Rs. (2 Sam .) 12:13] e Deus nos perdoará." Não é grande presunção de sua parte tirar proveito da bondade divina continuando a viver em seus pecados? Eles não percebem que, embora Deus seja infinitamente misericordioso, Ele também é infinitamente justo. Quando Sua misericórdia é assim presumida, provoca Sua justiça. [Cf. Rom . 2:4-5].

Endireitai o caminho do Senhor, isto é, adquiri uma disposição equilibrada pela mortificação de vossas paixões, inclinações e aversões. Uma disposição equilibrada é a virtude mais agradável na vida espiritual, pelo qual devemos trabalhar continuamente. [10](#) Meu Deus, como é absolutamente delicioso refletir sobre a vida de nosso querido Salvador e Mestre. Lá encontramos essa perfeita equanimidade de espírito brilhando brilhantemente em meio a todos os tipos de circunstâncias mutáveis. Certamente, ninguém, exceto Ele e a Virgem sagrada e sem pecado, desfrutou disso com tanta perfeição. Todos os outros santos trabalharam diligentemente para adquiri-lo e, até certo ponto, o fizeram - mas nenhum perfeitamente. Em cada um deles algo arruinou a perfeição de sua equanimidade de espírito. Isso

era verdade mesmo para São João Batista, pois segundo alguns médicos ele havia pecado venialmente. [11](#)

Ó Deus, como é agradável encontrar essa disposição uniforme em alguém. A maioria de nós está longe disso, tão mutável e inconstante. Há algumas pessoas que, quando estão de bom humor, mantêm uma conversa agradável. Mas antes que possamos nos virar, eles estão perturbados e perturbados. Há outros com quem podemos falar neste momento de uma certa maneira, mas dentro de uma hora devemos usar uma abordagem totalmente diferente. Uma certa pessoa agora terá sido doce e alegre, mas daqui a pouco ela será dura e amarga. Na verdade, tudo o que encontramos entre nós é capricho e inconstância.

Essas são as *maneiras pelas quais* devemos nos equilibrar para a vinda de nosso Salvador. Para fazer isso bem, devemos ir à escola do glorioso São João Batista e colocar-nos, ou melhor, pedir-lhe que nos receba, entre seus discípulos. Pois você não vê que este grande santo enviou seus discípulos ao Salvador para serem instruídos por Ele pessoalmente; ele os confiou em Suas mãos, e nosso Salvador os guardou. Após a morte de São João, eles se tornaram Seus discípulos. Se este glorioso precursor nos receber, certamente nos colocará nas mãos de nosso Salvador, que por sua vez nos colocará nas mãos do Pai Eterno, a quem louvaremos por toda a eternidade junto com Ele e o Espírito Santo. Um homem.

NOTAS

- [1.](#) Ao longo deste sermão, São Francisco usa a penitência francesa *e* a penitência *faites*; estes foram traduzidos como "penitência" e "fazer penitência", respectivamente. Em seu *Tratado sobre o amor de Deus* (Livro 2, cap. 18), São Francisco explica o que quer dizer quando usa a palavra *penitência* — inclui reparação: "Para usar termos gerais, a penitência é uma forma de arrependimento em que um o homem rejeita e detesta o pecado que cometeu, juntamente com a resolução de reparar, na medida do possível, a ofensa e a injúria feitas àquele contra

quem pecou. seu efeito principal, a saber, a ofensa e a ofensa, permanecer não detesta suficientemente o mal cometido.

[2.](#) Cf. pág. 32 deste volume.

[3.](#) Cf. *Controvérsias*, Parte I, cap. 1, art. 3; *Tratado do Amor de Deus*, Livro 8, cap. 13.

[4.](#) Cf. *Sermons for Lent*, "Temptation", Primeiro Domingo da Quaresma, 13 de fevereiro de 1622, pp. 29-30; "Eleição e Reprovação", Quinta-feira da Segunda Semana, 24 de fevereiro de 1622, pp. 73-74; *Conferências Espirituais*, XII, "Simplicidade e Prudência Religiosa", pp. 214-215; XIII, "O Espírito das Regras", p. 247.

[5.](#) Cf. *Conferências Espirituais*, VII, "Três Leis Espirituais", p. 111.

[6.](#) Cf. São Francisco de Sales: *Tratado do Amor de Deus*, Livro 4, cap. 5.

[7.](#) São Francisco de Sales está falando aqui sobre um de seus temas favoritos: a graça de Deus e nossa livre cooperação com ela. A graça de Deus é sempre anterior à nossa cooperação com ela, mas vem a nós como uma graça capacitadora e convidativa, que traz nossa livre cooperação com ela. Veja o *Tratado de São Francisco sobre o Amor de Deus*, Livro 4, cap. 5.

[8.](#) Cf. *Sermons for Lent*, "Temptation", Primeiro Domingo da Quaresma, 13 de fevereiro de 1622, p. 16.

[9.](#) Cf. pp. 10, 18 deste volume.

[10.](#) Cf. pp. 16-17 deste volume.

[11.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora*, "A Assunção", 15 de agosto de 1602, p. 17; "A Visitação", 2 de julho de 1618, p. 51.

A VINDA DA CRIANÇA DIVINA

Sermão da véspera de Natal, 24 de dezembro de 1613, sobre as vigílias, o maná no deserto, o mistério da Encarnação, Nossa Senhora como Estrela do Mar e Estrela da Manhã e como ela produziu Nosso Senhor virginalmente como as estrelas produzem luz, os três sabores do maná - farinha, mel e óleo - e o que eles representam no Divino Infante: Sua natureza divina, Sua alma e Seu corpo; os pastores e quem eles representam, os panos de Nosso Senhor - por que Ele foi envolto neles e o que eles nos ensinam, como devemos visitar e trazer um presente ao Divino Infante, o consolo individual especial que cada visitante receberá em troca, como nossa os sentidos e as faculdades interiores são inquietos e dissipados até que tenham escolhido Nosso Senhor para seu rei, e como devemos permanecer sempre perto de Nosso Senhor .

Hoje você saberá que o Senhor está vindo, e pela manhã você verá a Sua glória .

— Ex . 16:6-7

A Santa Igreja costuma nos preparar para grandes solenidades com vigílias para nos ajudar a apreciar mais os grandes benefícios que recebemos de Deus nos eventos celebrados. Na Igreja primitiva, os cristãos fiéis desejavam de alguma forma dar satisfação a Nosso Senhor pelo Sangue que Ele derramou por eles ao morrer na Cruz. Portanto, eles celebravam com muito cuidado o tempo das festas, solenizando-as com o melhor de sua capacidade. Por causa desse desejo, quase não

havia qualquer festa sem sua vigília para preparar a solenidade. Isso foi feito não apenas na Igreja, mas também na Antiga Lei, onde havia muitos preparativos na véspera do sábado.

A Igreja quer que nos preparemos para o santo dia de Natal com uma vigília. Não querendo que estejamos despreparados para tão grande mistério, esta Mãe amorosa nos diz: "Vocês saberão hoje que Nosso Senhor virá amanhã", isto é, "Ele nascerá amanhã, e você o verá como um Menino deitado em uma manjedoura." [*Lc* . 2:12]. Essas palavras são adaptadas daquelas usadas por Moisés para alertar os israelitas sobre o dia que Deus havia escolhido para dar-lhes o maná no deserto. Ele os reuniu e assim lhes falou: À tarde vocês saberão que o Senhor os tirou da terra do Egito, e pela manhã vocês verão a glória do Senhor. [*Ex* . 16:6-7]. É como se ele quisesse dizer: "Ele virá amanhã de manhã." Ele falou da "vinda" do Senhor em glória, embora todos nós saibamos que Deus não "vai" e "vem" como alguém com um corpo. Ele é imutável, firme, sólido e sem nenhum movimento. No entanto, Moisés falou dessa maneira para indicar quão grande era o benefício do maná, sugerindo que o próprio Deus o havia trazido e distribuído aos israelitas. Por ser um presente tão grande, Moisés fez com que eles se preparassem cuidadosamente, refletindo sobre esse grande benefício em um esforço para se tornarem mais dignos de recebê-lo. Assim também a Igreja nos diz: "Vocês saberão hoje que o Senhor virá amanhã". Com esta vigília ela quer que meditemos profundamente sobre a grandeza do mistério da santíssima Natividade de Nosso Senhor.

Para melhor fazê-lo, vamos primeiro humilhar nosso entendimento, percebendo que somos totalmente incapazes de esgotar a grande profundidade desse mistério exclusivamente cristão. É exclusivamente cristão na medida em que somente o cristianismo jamais compreendeu como Deus é homem e o homem é Deus. Na verdade, a humanidade sempre teve uma certa inclinação para acreditar em algo como a possibilidade da Encarnação; mas somente o cristianismo, em Jesus, chegou a saber como poderia ser. eu acredito certos profetas do Antigo Testamento e alguns outros privilegiados

sabiam disso, mas a grande maioria não. Entre os pagãos, esse instinto por algo como a Encarnação se manifestava de maneiras estranhas, muitas vezes bizarras. Pelo menos alguns deles acreditavam que poderiam *se tornar* deuses e serem adorados como tal pelos outros! Pois eles pensavam que mesmo que houvesse um Deus Supremo que é o primeiro princípio de todas as coisas, poderia haver muitos deuses menores, ou que pelo menos alguns homens que compartilhavam de alguma forma das qualidades divinas poderiam ser chamados de deuses. Quando Alexandre o Grande estava perto da morte, seus cortesãos loucos, lisonjeiros e tolos lhe perguntaram: "Senhor, quando você quer que façamos de você um deus?" Em sua resposta, Alexandre demonstrou claramente que não era tão tolo quanto eles: "Você deve me fazer um deus quando for abençoado". Com essa resposta ele quis dizer: "Não é possível que homens infelizes, perecíveis e mortais façam deuses, que por definição são felizes e imortais".

Os cristãos foram mais esclarecidos e tiveram a honra de saber da Encarnação, que o homem é Deus e Deus é homem, ¹embora mesmo eles sejam incapazes de penetrar completamente em seu mistério.

Pois este é um mistério escondido na obscuridade da escuridão da noite. Claro que o mistério não é realmente escuro, pois Deus é apenas luz. [*Jo . 1:5,9; 1 Jo . 1:5*]. Assim como nossos olhos nus não podem olhar diretamente para a luz brilhante do sol sem que tenhamos que fechá-los imediatamente, ficando momentaneamente cegos, da mesma forma, nosso entendimento é cego e escurecido pela luz brilhante e esplendor do mistério da Encarnação . O nosso entendimento, o olho da nossa alma, não pode contemplar este mistério por muito tempo sem ficar nublado, confessando humildemente que não pode penetrá-lo com profundidade suficiente para compreender como Deus se encarnou no seio virginal da Santíssima Virgem e como se fez alguém como nós para nos fazer como Deus.

Deus fez chover maná na noite do deserto para os filhos de Israel. [*Número . 11:9*]. Para aumentar sua gratidão a Ele, Ele mesmo organizou a festa e pôs a mesa. Pois Moisés disse: "Sabereis que o Senhor vos tirou da terra do Egito, e pela manhã vereis a sua glória." Ele primeiro fez um

doce orvalho descer do céu para servir de toalha de mesa no deserto. Então o maná caiu como pequenas sementes de coentro. Finalmente, para mostrar que Ele os honrava como agora se serve a príncipes com pratos cobertos, Ele fez cair uma pequena chuva de orvalho para preservar o maná até a manhã em que os israelitas o recolheram antes do nascer do sol. [*Ex . 16:13-14,21,31; Num . 11:7, 9; Wis . 16:27-28*].

Mas Deus desejou um dom ainda maior e mais amoroso para nós que vivemos na terra como num deserto e que ansiamos pela alegria da Terra Prometida, nossa pátria celeste. Ele mesmo veio para nos trazer este presente, e Ele veio no meio da noite. [*Sab . 18:14-15*]. Este dom especial é a graça que nos ajuda a alcançar o que de outra forma seria impossível para nós: a alegria e a felicidade da glória. Assim, na escuridão da noite, Nosso Senhor nasceu e nos apareceu como uma criança deitada em uma manjedoura, como veremos amanhã.

Reflita um pouco sobre como isso aconteceu. A Santíssima Virgem produziu seu Filho virginalmente, como as estrelas produzem sua luz. Agora, um dos títulos de Nossa Senhora é o de "Estrela do Mar" ou "Estrela da Manhã". A estrela do mar é a estrela polar para a qual sempre aponta a agulha do marinheiro. Por ela, os capitães navegam no mar e podem discernir sua direção e curso. Todos sabem que os antigos Padres da Igreja, assim como os Patriarcas e Profetas, mantinham os olhos sobre esta estrela polar, navegando a seu favor. Os capitães dos navios sempre olharam para a Estrela do Norte para evitar os naufrágios tão comuns nas águas deste mundo miserável.

A Virgem santíssima é também aquela estrela da manhã [Cf. *Num . 24:17*] que nos traz a graciosa notícia da vinda do verdadeiro Sol. [*Lc . 1:78*]. Todos os profetas sabiam que a Virgem conceberia e daria à luz um filho [*Is . 7:14*] que seria ao mesmo tempo Deus e homem. Ela concebeu, mas em virtude do Espírito Santo. [*Lc . 1:35*]. Ela concebeu e deu à luz seu Filho virginalmente. Tendo-a escolhido para sua mãe por causa de sua virgindade, é provável que ele tenha violado sua virgindade em Seu nascimento? Poderia a própria pureza diminuir de alguma forma a pureza de sua mãe santíssima?

Nosso Senhor é gerado virginalmente desde toda a eternidade no seio de Seu Pai Celestial. Ele compartilha da única divindade de Seu Pai Eterno, sem dividi-la ou fraturar a simplicidade divina. Ele permanece um mesmo Deus com Ele. A Santíssima Virgem produziu seu Filho Nosso Senhor na terra como Ele é produzido por Seu Pai eternamente no Céu, isto é, virginalmente. Há uma diferença importante, no entanto; ela O gerou de seu ventre e não em seu ventre, pois uma vez que Ele o deixou, Ele não voltará mais para lá, mas Seu Pai Celestial O gera de Seu seio e em Seu seio, e Ele permanecerá lá eternamente. ²

Tudo isso não deve ser peneirado e examinado com muita curiosidade, nem devemos sobrecarregar nosso entendimento no exame desse nascimento divino. É um pouco alto demais para nós. É bom, no entanto, usá-lo como base para nossas meditações sobre o mistério da Natividade de Nosso Senhor.

Com isso em mente, é com razão que a Santíssima Virgem tem um nome que significa estrela. As estrelas produzem sua luz virginalmente e sem nenhum prejuízo para si mesmas. Muito pelo contrário, pois a luz os torna ainda mais bonitos para nós. Da mesma forma Nossa Senhora produziu a Luz inacessível [*1 Tim . 6:16*] de seu Filho bendito, sem receber dele nenhum dano nem manchar de forma alguma sua pureza virginal. Havia, no entanto, essa diferença. Ela O produziu sem nenhum esforço, nem choque, nem qualquer violência. Este não é o caso das estrelas, pois é claro que elas produzem sua luz por choques e, ao que parece, com violência e força.

Voltemos ao maná para nossa segunda consideração. O maná tinha três tipos de gostos que lhe eram próprios e particulares, além de ter todos os gostos [*Wis . 16:20, 25*] que se poderia desejar que tivesse. Se os israelitas quisessem comer pão, o maná tinha gosto de pão; se quisessem comer perdiz e outras coisas, o maná tinha esse gosto. A maioria dos Padres duvida que ambos os maus e os bons israelitas desfrutavam desse favor. Seja como for, o maná tinha um gosto ou sabor particular de farinha, mel e óleo. [*Ex . 16:31; Num . 11:8*]. Estes simbolizam as três substâncias que se encontram no beato Menino, que veremos amanhã deitado na manjedoura. Assim como esses três

sabores foram encontrados em um único alimento, o maná, na pessoa de Nosso Senhor existem três "substâncias" que constituem apenas uma mesma Pessoa que é ao mesmo tempo Deus e homem.

Neste Bebé bendito se encontram a natureza divina, a natureza da alma e a do corpo. ³No maná havia o sabor do mel, que na verdade é um líquido celestial; pois embora as abelhas colem mel das flores, elas não o tiram das flores. Em vez disso, eles embebem com sua boquinha o mel que cai sobre as flores do céu junto com o orvalho, e isso apenas em certa época do ano. ⁴Da mesma forma, no exato momento de Sua Encarnação, a natureza divina de Nosso Senhor desceu do Céu sobre esta flor abençoada, a Santíssima Virgem Nossa Senhora, onde a natureza humana a recolheu e preservou na colmeia do ventre glorioso da Virgem por nove meses. Depois disso, foi colocado no berço, onde o veremos amanhã.

O gosto do óleo encontrado no maná representa a natureza da alma santíssima de Nosso Senhor. O que mais é Sua alma mais abençoada, senão um óleo, um bálsamo, um perfume espalhado [*Cant . 1:2(3)*] cuja excelente fragrância satisfaz infinitamente aqueles que a cheiram? Que fragrância não se espalhou na presença da Divina Majestade, vendo-se em união com Ela sem ter feito nada para merecê-la! Que atos de perfeita caridade e profunda humildade não fez neste exato momento da Encarnação, quando entrou em união sagrada e incomparável com o Verbo Eterno! E que fragrância incomparavelmente doce não exalou para nos levar a seguir e imitar suas perfeições! [*Não posso . 1:3(4)*].

Finalmente, o sabor da farinha, também encontrado no maná, representa o outro aspecto da santíssima humanidade de Nosso Senhor, o seu adorável corpo que, esmagado no madeiro da cruz, foi feito um Pão muito precioso para nutrir-nos para a vida eterna. [*Jo . 6:55(54)*]. Ó pão saboroso, quem te come dignamente viverá para sempre e nunca poderá morrer a morte eterna. [*Jo . 6:50, 52(51), 55, 59*]. Que sabor incomparavelmente delicioso este Pão tem para as almas que o comem dignamente! Como é maravilhoso alimentar-se do Pão que desceu do Céu, o Pão dos anjos! [*P . 77(78):23-25; Wis . 16:20; Jn . 6:33, 41, 50-*

51, 59[58]]. É ainda mais maravilhoso pelo amor com que nos é dado por Aquele que é ao mesmo tempo Dom e Doador.

Mas para que eu não demore muito nesses dois primeiros pontos que alimentam nosso entendimento, passarei agora ao terceiro para inflamar nossa vontade. Ele contém algo de grande benefício espiritual para nós. Observo de passagem que, de todas as pessoas então em grande número em Belém, eram apenas os simples pastores que vinham visitar Nosso Senhor. Depois os Magos vieram de longe para adorar e render homenagem ao nosso novo Rei deitado na manjedoura.

Quando anunciaram a notícia desse nascimento feliz, os anjos deram sinais maravilhosos aos pastores. Vá, eles disseram, e você encontrará o Menino envolto em panos e deitado em uma manjedoura. [*Lc . 2:8-12*]. Ó Deus, que sinais são estes para dar a conhecer Nosso Senhor, e que simplicidade os pastores mostraram em crer no que lhes foi anunciado nestas palavras. Eles teriam alguma boa razão para sua crença se os anjos tivessem dito: "Vá, e você encontrará o Menino sentado em um trono de marfim, cercado por cortesãos celestiais". Mas eles disseram: "Seu Salvador nasceu sob estes sinais: você vai encontrá-lo em uma manjedoura entre os animais, e envolto em faixas".

Por que você acha que os anjos se dirigiram aos pastores e não a qualquer outra pessoa em Belém? Nosso Senhor veio como pastor e como Rei dos Pastores. [*1 Pr . 5:4*]. Ele desejava favorecer aqueles como Ele mesmo. Quem os pastores simbolizam? Alguns dizem que representam os pastores da Igreja, como bispos, superiores de religiosos, sacerdotes e todos aqueles que são encarregados de almas. Alguns dos santos Padres insistem que Nosso Senhor lhes revela seus mistérios mais particularmente, na medida em que são comissionados por Deus para celebrá-los e fazê-los entender por seu rebanho, as almas confiadas a seus cuidados.

Outros dizem que os pastores representam os religiosos e todos aqueles que fazem profissão de tender à perfeição. Mas se cada um de nós é pastor e pastor, quem é nosso rebanho, nossas ovelhas? São nossas paixões, inclinações, afeições e faculdades espirituais. Note-se que apenas os pastores que guardavam o seu rebanho à noite [*Lc . 2:8*]

teve a honra e a graça de ouvir esta graciosa notícia do nascimento de Nosso Senhor. Isto é para nos mostrar que se não vigiarmos o rebanho que Deus colocou a nosso cargo, isto é, nossas paixões, inclinações e faculdades espirituais, alimentando-os em algum pasto santo, mantendo-os em ordem e em seu dever, então não mereceremos ouvir esta tão amável notícia do nascimento do Salvador, nem seremos capazes de ir visitá-Lo na manjedoura onde Sua Mãe Santíssima O colocará amanhã.

Ah, mas a santíssima Natividade de Nosso Senhor é um mistério verdadeiramente grande. Todos e cada um podem encontrar nele muita consolação, mas sobretudo aqueles que estão mais bem preparados e têm, à imitação dos pastores, vigiado cuidadosamente os seus rebanhos. Houve uma época em que todos nós éramos indignos de saber cuidar de nossos rebanhos. Como um bom pastor [*Jo* . 10:11, 14] e muito amável pastor de nossas almas, Suas ovelhas por quem tanto fez, Nosso Senhor veio mesmo para nos ensinar o que devemos fazer. Quão felizes seremos se O imitarmos fielmente e seguirmos Seu exemplo. Mas o que esse bebê tão doce faz? Olhe para Ele na manjedoura: "Você o encontrará", disseram os anjos, "envolto em panos". Ele certamente não precisa ser amarrado assim. Os bebês são envoltos em cueiros porque, sendo ainda macios, se não estivessem assim amarrados, poderiam dar uma volta falsa e assim ficarem mutilados. Eles também são amarrados para evitar ferimentos nos olhos ou no rosto. Se suas mãos estivessem livres, eles poderiam atacar e se machucar. Afinal, eles ainda não conhecem Melhor. Por que temer que isso aconteça com Nosso Senhor, já que Ele teve o uso da razão desde o momento de Sua Conceição? Ele não podia fazer uma curva falsa, sendo a própria Retidão. ⁵Ó Deus! que bondade neste adorável Salvador! Ele se submeteu a fazer como as outras crianças para que pudesse aparecer como qualquer outro pobre bebê sujeito às necessidades e leis da infância. Ele chora de verdade, mas não é por ternura sobre si mesmo, nem por amargura de coração, mas simplesmente para se conformar aos outros filhos. ⁶[*Sab* . 7:3].

Havia ainda outra razão pela qual Nosso Senhor queria ser amarrado, envolto e sujeito à sua Mãe santíssima, deixando-se segurar, carregar e embrulhar como lhe aprouvesse, sem mostrar qualquer aborrecimento. Ele queria nos ensinar como governar e governar nosso rebanho espiritual, isto é, nossas paixões, afetos e faculdades espirituais.

Há duas faculdades principais das quais todas as outras dependem, a saber, a concupiscência e a irascibilidade. Todos os outros poderes, faculdades e paixões parecem estar sujeitos a essas duas faculdades e agem apenas por meio de seus comandos. Por concupiscência amamos e desejamos o que nos parece bom e proveitoso. Por ela nos regozijamos na prosperidade e nos entristecemos na adversidade, na mortificação e em todas as coisas repugnantes à nossa vontade própria. A irascibilidade produz tristeza, repugnância, raiva, desespero e assim por diante. Nosso Senhor quer que aprendamos com Ele como ordenar essas coisas de acordo com a razão. Nós O vemos envolto e amarrado em faixas e roupas por Sua Mãe Santíssima. Ele pretende, assim, motivar-nos a amarrar e prender com os panos da obediência todas as nossas paixões, afeições, inclinações; todos os nossos poderes, tanto interiores como exteriores; nossos sentidos, humores e tudo o que somos. Para que não nos administremos mal, Ele quer que abandonemos tal autogestão, exceto na medida em que a obediência o permita.⁷

Vê este doce dos bebês que se deixa governar e conduzir de tal maneira pela sua Mãe santíssima que realmente parece que não pode fazer de outra forma. Seu único propósito nisso, minhas queridas almas, é nos mostrar o que devemos fazer, especialmente os religiosos que juraram sua obediência. Nosso Senhor nunca poderia abusar Sua vontade ou Sua liberdade. No entanto, Ele desejava que tudo fosse escondido sob essas faixas: Seu eterno conhecimento e sabedoria [*Col. 2:3*], tudo o que Ele era como Deus, igual a Seu Pai, bem como o uso da razão, o poder de falar – em suma, tudo o que Ele deveria ser quando tivesse atingido a idade de trinta anos. Tudo sem reservas foi encerrado e escondido sob o véu da santa obediência que Ele prestou a Seu Pai,

que O obrigou a ser como todas as outras crianças em tudo. Como diz São Paulo, Ele teve que se tornar como Seus irmãos em todos os sentidos. [*Heb . 2:17*].

Que mais temos a dizer senão que o mistério da Natividade de Nosso Senhor é também o mistério da Visitação. Assim como a Santíssima Virgem foi visitar sua prima Santa Isabel, também nós devemos ir muitas vezes durante esta oitava para visitar o Divino Bebê deitado na manjedoura. Ali aprenderemos do soberano Pastor dos pastores a dirigir, governar e pôr em ordem os nossos rebanhos de tal maneira que sejam agradáveis à Sua Bondade. Mas como os pastores sem dúvida não foram vê-lo sem trazer-lhe alguns cordeirinhos, também não devemos ir lá de mãos vazias. Devemos trazer-Lhe algo. O que podemos trazer a este Divino Pastor mais agradável do que o cordeirinho que é o nosso amor e que é a parte principal do nosso rebanho espiritual, pois o amor é a primeira paixão da alma. Oh, quão grato Ele nos será por este presente, minhas queridas Irmãs, e com que grande consolação a Santíssima Virgem o receberá, por seu grande desejo de nosso bem. Este Divino Infante, sem dúvida, nos olhará com Seus olhos benignos e graciosos como recompensa por nossa dádiva e sinal de Seu prazer em recebê-la.

Oh, como seremos felizes se visitarmos este querido Salvador de nossas almas. Receberemos Dele uma consolação sem igual. Assim como o maná tinha o sabor que cada um desejava, cada um de nós encontrará um consolo especial em visitar este adorável Bebê.

Os pastores O visitaram e foram abençoados por Ele com grande alegria. Voltando, eles cantaram louvores a Deus e anunciaram o que viram a todos que encontraram. [*Lc . 2:20*]. Mas São José e a Virgem gloriosa receberam consolações indescritivelmente maiores, porque o assistiram e permaneceram em sua presença, servindo-o conforme sua capacidade. Tanto os que se foram como os que ficaram foram consolados, mas não igualmente. Para cada um recebido de acordo com sua capacidade.

Anna, mãe de Samuel, ficou sem filhos por muito tempo. Isso fez com que ela ficasse inquieta e inconstante em seus humores. [*1 Rs. (1*

Sam .) 1:18]. Quando ela viu as mulheres se alegrando com seus filhos, ela lamentou e ficou triste porque não tinha nenhum; e quando ela ouviu outros reclamarem de seus filhos, ela se alegrou porque Deus não lhe deu nenhum. Mas desde o momento em que ela teve o pequeno Samuel, ela nunca esteve de mau humor. Sem dúvida, tivemos alguma desculpa para nossos momentos de tristeza e mau humor enquanto estávamos sem esse adorável Menino que acabou de nascer para nós, ou nascerá amanhã. Mas daqui em diante não será mais certo ficarmos tristes, pois nEle temos todos os motivos de alegria e felicidade.

abelhas ⁸ficam inquietas enquanto estão sem rainha. Eles vibram incessantemente aqui e ali. Quase não há descanso em sua colméia. Mas assim que sua rainha nasce, todos se reúnem em torno dela, partindo apenas para recolher seus despojos e, ao que parece, por ordem ou permissão dela. Da mesma forma, nossos sentidos, poderes interiores e faculdades espirituais são como abelhas místicas. Até que tenham um governante, isto é, até que tenham escolhido nosso recém-nascido Senhor para seu rei, eles estão inquietos. Nossos sentidos vagam incessantemente, arrastando nossas faculdades interiores atrás deles, dissipadas ora em um objeto que encontram, ora em outro. Não há nada além de uma constante perda de tempo, inquietação e inquietação, que destroem a paz e a tranquilidade que são tão necessárias para nossas almas. Mas, logo que tenham escolhido Nosso Senhor para seu rei, devem, como abelhas castas e místicas, colocar-se perto dEle, nunca deixando sua colméia, exceto para os exercícios de caridade que Ele ordena que pratiquem para com o próximo. Imediatamente após cada exercício de caridade, eles devem se retirar e se reunir em torno deste rei amável para destilar e guardar o mel dos pensamentos santos e amorosos que eles extraem da presença sagrada de nosso Senhor Soberano. Seu simples olhar em nossas almas provoca nelas afetos inigualáveis, assim como o zelo em servi-lo e amá-lo cada vez mais perfeitamente.

Esta é a graça que desejo para vocês, minhas queridas almas: que permaneçam muito perto deste sagrado Salvador que está prestes a nos reunir em torno de si para nos manter sempre sob o estandarte de sua

santíssima proteção, assim como o pastor que cuida de suas ovelhas e de seu rebanho, ou como a abelha rainha que cuida tanto de seu enxame que nunca sai de sua colméia sem estar cercada por todos os seus pequeninos. Que a sua bondade nos conceda a graça de ouvir a sua voz, como as ovelhas ouvem a do seu pastor [*Jo . 10:27*], para que, ao reconhecê-lo como nosso pastor soberano, não nos desviemos nem escutemos a voz do estranho que permanece perto de nós como um lobo infernal, sempre pronto para nos arruinar e nos devorar. [*1 Pr . 5:8*]. Que tenhamos a fidelidade de nos manter submissos, obedientes e sujeitos aos seus desejos e mandamentos, como fazem as abelhas com sua rainha, para que possamos começar nesta vida o que, com a ajuda da graça de Deus, faremos eternamente em Céu, onde nos conduza o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Um homem.

NOTAS

- [1.](#) Cf. pág. 51 deste sermão; *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Visitação", 2 de julho de 1621, p. 156; "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, p. 174.
- [2.](#) Parece que São Francisco de Sales está aqui distinguindo entre a geração eterna do Filho como Deus dentro da Santíssima Trindade e Sua geração como homem na terra. Embora como Deus, o Filho é contínua e eternamente procedente do Pai, como homem Ele "procedeu" ou saiu do ventre de Maria em um momento particular no tempo.
- [3.](#) "A natureza da alma" e "a do corpo" simplesmente indicam para São Francisco uma natureza humana genuína e integral. Ele fala dessa maneira porque deseja que três aspectos correspondam aos três gostos do maná para a reflexão espiritual que está fazendo neste momento de seu sermão.
- [4.](#) É duvidoso que São Francisco acreditasse literalmente neste relato de como as abelhas extraem o mel das flores. Baseia-se em leituras de Virgílio, Aristóteles e Plínio. Ele acha isso útil para o ensino espiritual que está dando.
- [5.](#) Em francês é um jogo de palavras.

- [6.](#) São Francisco ensina aqui e em outros lugares que Nosso Senhor se conformou com as exigências do que significa ser humano para nos ensinar e nos dar o exemplo preeminente de comportamento verdadeiramente humano diante de Deus e dos outros. Nosso Senhor revela plenamente não apenas quem é Deus, Ele também revela quem somos e como devemos agir.
- [7.](#) São Francisco dirige-se aos religiosos, para quem o voto e a virtude da obediência são tão centrais.
- [8.](#) Cf. *Conferências Espirituais*, IX, "Modéstia Religiosa", pp. 144-145.

ASPECTOS MÍSTICOS DO MISTÉRIO DO NATAL

Esboço para um sermão ¹para a "Vigília da Natividade de Nosso Senhor, 1614, para a Congregação dos Oblatos da Visitação", ²sobre o Salvador como a "Expectativa das Nações", as duas naturezas de Nosso Senhor: humana e divina ; o mistério da virgindade fecunda, os quatro tipos de pessoas segundo sua atitude em relação ao recém-nascido Divino Infante, a Sagrada Família como congregação religiosa e como praticavam a castidade, a obediência e a extrema pobreza, e os vários ofícios de Jesus, Maria e José dentro desta comunidade .

A Igreja na Missa de hoje chama esta vigília de Expectativa da Redenção e do Redentor. Ó Deus, Tu nos regozijas a cada ano pela expectativa de nossa Redenção! Jacó já havia predito que o Salvador seria "a expectativa das nações". [*Gên . 49:10*, Douay; cf. *Ag . 2:8*, Douay]. A Igreja também espera na expectativa: "Ó Emanuel, nosso Rei e Legislador, expectativa das nações e objeto de seu desejo, vem e salvamos, ó Senhor nosso Deus". Ao abençoar José, Jacó disse: As bênçãos de teu pai foram fortalecidas pelas de seus antepassados até que venha aquele que é o desejo dos montes eternos [*Gn . 49:26*], isto é, o Cristo. O que são essas "colinas eternas"? Alguns Padres os tomam para indicar os Patriarcas ou alguns santos especialmente eminentes. Na minha opinião, eles indicam os anjos.

Já que Ele deveria ser a Salvação de todos, Ele certamente era esperado por todos, especialmente nesta noite. Observe a maravilhosa

expectativa de nossa abençoada Senhora - "Quem te dará a mim para meu irmão, amamentado nos seios de minha mãe para que eu possa encontrá-lo fora, e beijá-lo, e agora nenhum homem pode me desprezar." [*Cant . 8:1*].

Portanto, preparem seus corações para o Senhor. [*1 Rs. (1 Sam .) 7:3*].

1. Prepare sua inteligência pela fé em um duplo mistério. O primeiro mistério é o da Encarnação. Cristo tem duas naturezas: divina e humana; o divino está encarnado; o humano é assumido, sem que um eclipse ou destrua o outro. Ilustre este ponto pelo arbusto, ardente e ainda verde. [*Ex . 3:2*]. Ilustre também com esta citação: "Ele comerá manteiga e mel". [*É . 7:15*]. A manteiga é da terra e é a gordura dela; o mel é do céu, do qual é o crisma. A Encarnação é representada no Antigo Testamento por vários anjos que apareceram sob forma humana; é como o costume dos príncipes vestirem suas páginas com as cores de suas esposas.

O segundo mistério é o da virgindade. Já fizemos muitas comparações sobre esse mistério. Considere-o agora sob o aspecto da mirra. Pois Maria também é chamada de "Mirra do Mar". Agora a mirra produz suas gotas virginalmente, por assim dizer. Esta é a primeira gota de mirra: "Meu amado é para mim um feixe de mirra". [*Não posso . 1:12(13)*]. Forma gotas de suor sem ser pressionada. É como o lírio que derrama gotas de umidade como grãos. As abelhas trazem do céu um germe dos raios do sol, e isso representa o Espírito Santo no seio da Virgem. Que admirável fecundidade que não prejudica a virgindade, e que admirável virgindade que santifica a fecundidade. ³

2. Prepare sua vontade com pensamentos e afeições piedosas. Existem quatro tipos de pessoas: alguns não desejam vir - estes são os hereges e os infiéis; outros que vêm em busca de outra coisa — esses são maus cristãos; outros que vêm adorar, como os pastores e os magos; outros que vêm para ficar, como a Santíssima Virgem e São José. Há ainda outros, como os anjos, que embora partam, permanecem. Eles são como os melhores dos pregadores. Eles adoram o Senhor: "E todos os seus anjos o adorem" [*Heb . 1:6; Ps . 96 (97):7*] – e eles saem para

pregar a outros. No entanto, eles permanecem enquanto partem, pois em espírito eles realmente permanecem.

Esta gruta de Belém é uma congregação de oblatos. Por isso a Beata Paula fundou ali uma comunidade. É uma forma admirável de vida religiosa! Observemos várias maravilhas sobre isso.

O VOTO DE CASTIDADE. "Ele se alimenta entre os lírios." [*Não posso* . 2:16; 6:2]. "Mostre-me onde você se alimenta, onde você se deita ao meio-dia." [*Não posso* . 1:6(7)]. Com esta castidade há ao mesmo tempo uma grande fecundidade. "Seu corpo é como um monte de trigo, cercado de lírios." [*Não posso* . 7:2(3)]. "Depois que suas virgens serão trazidas ao rei." [*P.* _ 44(45):15].

OBEDIÊNCIA ADMIRÁVEL. O superior nesta casa religiosa é José, que é o menor de todos depois de Jesus e Maria. No entanto, o anjo sempre se dirige a ele. Esse superior pode parecer pouco previdente, pois chegou a um abrigo despreparado. No entanto, ninguém reclamou nesta Sagrada Família.

POBREZA EXTREMA. Ninguém tinha o que é chamado de "meu" ou "teu". Se alguém possuísse algo que pudesse legitimamente chamar de seu, sem dúvida teria sido Maria, que teve o Divino Menino, pois Ele era seu verdadeiro Filho. No entanto, ela não o guardou inteiramente para si mesma, pois disse: "Seu pai e eu estamos procurando por você com tristeza". [*Lc* . 2:48].

Nesta família encontram-se os três tipos de pessoas que compõem a comunidade religiosa: superior, José; professora, Maria; noviço, Cristo. Enfermeira, Maria, cujo leite era um tônico saudável para o débil infante. Não havia porteira porque estavam ao ar livre. O Babe entoava os hinos tristes, mas agradáveis, do coro. Maria exerceu vários ofícios: enfermaria, guarda-roupa, etc.

Mas consideremos quão bem este noviço renuncia a si mesmo. Ele é como a abelha rainha, nascido com asas. No entanto, Ele observa o silêncio com maravilhosa simplicidade. Ele sabia falar e, no entanto, agia como uma verdadeira criança, etc.

NOTAS

- [1.](#) Tudo o que resta deste sermão é seu esboço, um pouco encorpado. (Este esboço foi escrito em latim, ao contrário dos sermões.) No entanto, o suficiente está aqui para dar uma ideia bastante clara das direções que São Francisco tomou ao dirigir-se às suas freiras Visitandinas naquela véspera de Natal de 1614.
- [2.](#) "Oblatos da Visitação" é como a Ordem da Visitação era conhecida em seus primeiros anos.
- [3.](#) É interessante especular sobre que nuance São Francisco desenvolveria com cada um desses exemplos, mas é claro que ele está apresentando um tema básico: imagens de virgindade fecunda da natureza.

A UNIÃO DAS NATUREZAS DIVINA E HUMANA EM NOSSO SENHOR

Sermão para a véspera de Natal, 24 de dezembro de 1620, sobre a Encarnação como obra de todas as três Pessoas da Santíssima Trindade, a união das naturezas divina e humana em Nosso Senhor, as três "substâncias" em Nosso Senhor - Divindade, corpo e alma - simbolizada pelos três sabores do maná: mel, óleo e pão; como o homem se fez Deus e Deus se fez homem na Encarnação, o homem como união de corpo e alma, imagens da união da humanidade e Divindade de Nosso Senhor: ferro inflamado com fogo, o velo de Gedeon, uma esponja em um vasto mar; a razão da Encarnação: ensinar-nos a viver segundo a razão, como Nosso Senhor praticou a sobriedade material e espiritual, privando-se de todas as coisas agradáveis, fazendo a vontade de Deus em todas as coisas - e como Deus faz a vontade daqueles que fazem a Sua; A escolha de nosso Senhor de uma vida de dores e trabalhos, embora Ele pudesse nos redimir com um único suspiro de amor; desejo de consolação espiritual vs. humildade e resignação à vontade de Deus, e as profundezas ocultas do Mistério da Encarnação .

Hoje celebramos a festa da Expectativa da gloriosa Virgem, ou seja, a vinda e nascimento do nosso querido Salvador e Mestre. Pretendo dar-lhes um pequeno catecismo sobre o tema da Encarnação, não um sermão ou uma exortação. De acordo com São Tomás, todos devem saber algo do conteúdo dos mistérios da fé. Eles certamente não precisam conhecê-los como os teólogos apologistas os conhecem. Não, mas eles devem conhecê-los de uma maneira que seja apropriada para

a fé simples dos cristãos. Muitos tentam pregar sobre eles e fazê-los entender, mas são muito poucos os que têm a compreensão adequada deles. É por isso que há muitos erros sobre eles. Como podemos meditar sobre o que realmente não entendemos? Por isso, o catecismo é ensinado aos noviços nas comunidades religiosas. Isso é feito para que eles possam conhecer sua fé e ter alguma compreensão das verdades sobre as quais meditam. Não falarei eruditamente do mistério da Encarnação, mas simplesmente, para ser mais facilmente compreendido. Vou dividir minha palestra em três pontos. Devemos considerar primeiro quem trouxe a Encarnação. Em segundo lugar, consideraremos o que realmente é a Encarnação. E, finalmente, veremos por que ocorreu a Encarnação.

Primeiro, sabemos que o Pai nos deu Seu Filho, pois lemos que Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu único Filho. [Jo . 3:16]. No entanto, não foi apenas o Pai que realizou a Encarnação, mas também o Filho e o Espírito Santo. E embora a Encarnação seja obra de todas as três Pessoas da Santíssima Trindade, apenas a segunda Pessoa se encarnou. Todos os antigos doutores, mas especialmente São Boaventura, usavam comparações para nos ajudar a entender tudo isso. Para que fique claro para você, vou adaptá-lo à cerimônia do vestuário. Aqui está uma filha a quem o hábito está sendo dado. A superiora e a mestra ou mestra a vestem, colocando-lhe o hábito, mas ela também coopera para isso. Três pessoas participam desta ação, a filha, a superiora e a diretora. No entanto, há apenas uma pessoa que está vestida - a saber, aquela que está recebendo o hábito. É o mesmo na Encarnação: o Pai e o Espírito Santo realizam a Encarnação, assim como o Filho, que se encarna. Mas nem o Pai nem o Espírito Santo se encarnam. Somente o Filho é revestido com o hábito de nossa humanidade.

Existem muitos outros exemplos semelhantes para nos ajudar a entender esse mistério. Tomemos, por exemplo, o exemplo de um príncipe que está sendo vestido de sua púrpura real: há dois senhores que o revestem, e o príncipe que está sendo investido. Embora os outros dois tenham a tarefa de vesti-lo, ele também coopera movendo

os braços e as mãos. No entanto, dessas três pessoas, apenas o príncipe está sendo vestido. Esses exemplos ajudam a deixar claro que a Encarnação, embora seja obra de todas as três Pessoas da Santíssima Trindade, resulta no fato de que somente o Filho é revestido de nossa natureza.

Sempre que Deus age fora de Si mesmo, é a ação de todas as três Pessoas, Pai, Filho e Espírito, agindo como um princípio de operação. Embora sejam três Pessoas, ainda assim eles são um único Deus, tendo apenas uma mesma sabedoria, poder e bondade. Embora possamos atribuir poder ao Pai, sabedoria ao Filho e bondade ao Espírito Santo, todos os Três são onipotentes, oniscientes, oniscientes e bons. Assim, há apenas um Deus em três Pessoas, e esse Deus é todo-poderoso, todo-sábio e todo-bom. No entanto, chamamos o Pai de "Senhor" e "Criador do Céu e da Terra". Mas isso não significa que o Filho e o Espírito Santo também não participem do ato criativo, pois todos os Três têm um mesmo poder pelo qual criaram todas as coisas. Portanto, não foi somente o Pai nem somente o Espírito Santo quem realizou a Encarnação, mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo, enquanto somente o Filho se encarna. Então, quando lhe perguntarem quem provocou este grande mistério, você deve responder que foi obra da Santíssima Trindade, mas que apenas a segunda Pessoa tomou nossa humanidade.

O segundo ponto a ser considerado é: O que é a Encarnação? É o que chamamos de união hipostática, a união da natureza humana com a divina, uma união tão próxima que, embora haja duas naturezas neste pequeno recém-nascido, elas constituem apenas uma Pessoa. Há três substâncias Nele, o corpo, a natureza divina e a alma. Isso ficará mais claro por analogias.

O maná é uma figura da Encarnação do Verbo. Também prefigurava a Eucaristia, como disseram nossos antigos Padres. No entanto, entre o mistério da Eucaristia e o da Encarnação há apenas uma diferença: na Encarnação vemos o Deus encarnado em Sua própria Pessoa, e na Eucaristia o vemos sob uma forma mais oculta e obscura. Em ambos os casos, é o mesmo Deus-homem que nasceu da Virgem. Assim, o maná que prefigurava a Eucaristia pode simbolizar também a Encarnação. O

maná era uma espécie de alimento com o qual o Senhor alimentava os filhos de Israel. Caiu à noite e parecia pequenas pílulas cobertas de açúcar. [*Ex* . 16:13-14; *Num* . 11:7-9]. Alguns dos médicos disseram que foi feito no ar por anjos. Seja assim ou, como outros sustentam, o próprio Deus o fez sem a ajuda de qualquer criatura [*Sl* . 77(78):25; cf. *Wis* . 16:20], ambas as opiniões podem ser usadas para iluminar o mistério da Encarnação. Pois Deus usou o anjo Gabriel para anunciar este mistério a Nossa Senhora. [*Lc* . 1:26-28]. Por outro lado, nenhum anjo realizou esta obra admirável, mas somente a Santíssima Trindade, sem qualquer concordância da criatura.

O maná tinha três gostos distintos: o do mel, o do azeite e o do pão. [*Ex* . 16:31; *Num* . 11:8; *Wis* . 16:20]. Estas três substâncias são encontradas no verdadeiro Maná, Nosso Senhor [Cf. *Jn* . 6:31-32]: o mel representa Sua divindade, o óleo Sua alma e o pão Seu corpo. O mel não vem da terra, mas do céu. ¹—Ela cai sobre belas flores, onde é maravilhosamente preservada até que as abelhas venham colhê-la com habilidade inigualável, nutrindo-se dela. Agora, a Divindade é aquele mel que caiu do céu na terra naquela bela flor – a humanidade de nosso Salvador, com a qual ela foi unida e unida.

O petróleo não vem do céu nem da terra. Não vem da terra como outras plantas. Menos ainda cai do céu, como o mel. Pois as azeitonas crescem em árvores altas. O petróleo é um líquido que flutua sobre todos os outros. Como tal, representa a segunda substância em Nosso Senhor, Sua alma santíssima. A alma humana não vem da terra, pois não é feita por nossos pais. Nossos corpos inferiores são de fato formados de sua substância, mas a alma infundida não é feita por eles. Sendo inteiramente espiritual, somente Deus é seu Criador. O corpo sagrado de nosso Salvador foi formado do mais puro sangue da Virgem, mas Sua alma bendita foi criada diretamente pelo Pai e pelo Espírito Santo no exato momento em que formaram Seu corpo. No momento em que a gloriosa Virgem deu seu consentimento, o Espírito Santo formou o corpo do Salvador e, ao mesmo tempo, sua alma santíssima veio animá-lo. A alma de Nosso Senhor, então, não veio do céu ou da terra, pois não

existia antes da Encarnação, mas sim simultânea a ela. Foi criado no momento do *decreto da Virgem* .

O terceiro sabor do maná era o do pão. Agora o pão vem claramente da terra. O trigo, do qual o pão é feito, cresce da terra. O pão, então, representa para nós a terceira substância de Nosso Senhor. Pois Sua carne santíssima foi formada do sangue de Nossa Senhora ²e, desta forma, vem da terra.

O maná tinha três sabores, mas havia apenas um maná. Da mesma forma, embora em Nosso Senhor encarnado haja três substâncias, há, no entanto, apenas uma Pessoa. Pois a substância da alma e a do corpo são constitutivas da humanidade genuína, e esta natureza humana unida à natureza divina constitui não duas, mas uma Pessoa, que é Deus e homem. Que obra maravilhosa da providência de Deus! Sabendo que a Divindade era desconhecida da família humana, a Divina Majestade desejou encarnar-se, unindo-se à natureza humana para que sob este manto humano a Divindade pudesse ser novamente reconhecida. Eu sei que desde tempos imemoriais a Divindade é conhecida, pois todos os filósofos antigos a confessaram. Mas esse conhecimento era tão obscuro que era realmente indigno de ser chamado de conhecimento. Além disso, mesmo quando conheciam a Deus, muitas vezes não O reconheciam [*Atos* 17:23; *Rom* . 1:21; *Ef* . 4:17-18], que é muito mais importante. Se Nosso Senhor não tivesse encarnado, teria permanecido sempre escondido no seio de seu Pai Eterno e desconhecido para nós.

Certamente, na Encarnação, Ele nos fez ver o que de outra forma a mente humana dificilmente poderia ter imaginado ou compreendido, isto é, que Deus era homem e homem Deus: o imortal, mortal; aquele incapaz de sofrer, sofrer — sujeito ao calor, ao frio, à fome e à sede; o infinito, finito; o eterno, temporal, enfim, o homem divinizado e Deus humanizado de tal maneira que Deus, sem deixar de ser Deus, é homem; e o homem, sem deixar de ser homem, é Deus. ³

Assim, podemos dizer que os magos que beijaram os pés deste menino recém-nascido beijaram os pés de Deus. Mas como isso pode ser assim? Uma vez que Deus como Deus não tem corpo, como se pode dizer que os Magos beijaram Seus pés? No entanto, é assim por causa

da união pessoal das duas naturezas. ⁴Estas duas naturezas estão tão unidas que, sem ser blasfemo, podemos dizer: Este sangue é o Sangue de Deus, o Sangue de um Cordeiro [*1 Ptr . 1:19; Apoc. (Apoc .) 5:12*] que morreu pelos pecados da humanidade. Deus foi açoitado e açoitado; as mãos de Deus foram estendidas e pregadas na Cruz. Isso não significa que Deus [como Deus] sofreu tudo isso, nem que Ele derramou Seu Sangue ou estendeu Seus braços na Cruz, pois Deus como Deus não pode sofrer. Ele não suportou essas coisas como Deus, pois a Divindade não sofreu na Paixão. A Divindade não estendeu Suas mãos na Cruz, nem derramou Seu sangue, pois em Deus não há sangue, nem braços, nem mãos. Mas podemos falar com verdade assim por causa da união estrita da natureza humana com o Divino.

O homem é uma criatura racional composta de alma e corpo. Eu sou verdadeiramente uma criatura racional. Negar isso seria uma mentira. Corporal sou um animal, mas por causa de minha alma espiritual sou um animal racional. Se você considerar uma pessoa com dor na perna apenas da perspectiva de sua alma, você imediatamente perguntará: "Como essa criatura espiritual pode dizer que está com dor? Pois a alma não tem pernas, mas é a alma que nos torna humanos. Como ele pode dizer que estende o braço ou sente dor no braço, já que não tem braços nem pernas, sendo a alma inteiramente espiritual?" Por outro lado, quando você vê um homem falando e o considera apenas pelo seu aspecto corporal e não também pelo seu aspecto espiritual, você ficará surpreso, pois é uma qualidade de natureza apenas espiritual poder falar e entender. . Agora, se este homem que se queixa da dor no braço ou que os discursos eram compostos só de corpo ou só de alma, não podia nem discursar nem reclamar. Mas por causa dessa união estrita entre suas naturezas corporal e espiritual, formando apenas uma pessoa indivisível, podemos dizer com verdade que esse homem, ou animal racional, tem uma dor na perna ou que está falando ou discursando, entendendo essas duas naturezas como se fossem um. Da mesma forma, por causa da estrita união entre as naturezas divina e humana em Nosso Senhor, falamos delas como se fossem uma só: "Por que eu não deveria sofrer tal coisa, já que Deus o sofreu?"

As analogias o ajudarão a entender isso melhor, não com a mesma clareza que você teria ao ver algum objeto sensível ou a compreensão que teria de algum trabalho como, digamos, bordado, mas você terá entendimento suficiente para acreditar corretamente. Pegue uma placa de ferro e lance-a em uma fornalha ardente. Em seguida, com uma pinça, retire-o do fogo. Você verá que esta placa, que pouco antes era apenas ferro, agora está tão inflamada que você não pode dizer se é feita de ferro ou fogo; pois o ferro está tão inflamado que parece ser fogo em vez de ferro, tão completamente essas duas naturezas se misturaram. Nesta condição, você poderia dizer com verdade que este fogo é um fogo de ferro, e que este ferro é um ferro que pegou fogo. No entanto, essa união não prejudica a nenhum dos dois, pois o ferro, lançado no fogo, não deixa de ser ferro - nem o fogo no ferro deixa de ser fogo. Você só precisa derramar água na chapa de ferro quente e ela retornará à sua forma original.

É semelhante com a Divindade e a humanidade em Nosso Senhor. A Divindade é, por assim dizer, a fornalha ardente na qual a humanidade foi lançada, com esta humanidade tão unida à Divindade que agora compartilha da natureza divina de tal maneira que o homem se tornou Deus e Deus se tornou homem, sem, nesta mistura, a natureza divina e a natureza humana deixando de ser o que eram antes. Agora, como o ferro tirado da fornalha não é mais chamado simplesmente de ferro, mas de ferro flamejante, e o fogo, um fogo de ferro, por isso dizemos que na Encarnação Deus se humaniza e o homem se diviniza. Mas há uma diferença importante: jogar água no ferro inflamado o resfria e ele volta à sua forma original. Isso não acontece na união da Divindade e da humanidade. Pois desde o momento em que a natureza divina se uniu à natureza humana, nunca foi separada dela por nenhuma água de tribulação que foi lançada sobre eles. Eles sempre permaneceram mais intimamente unidos, com uma união indissolúvel e inseparável. Assim, portanto, deve ser entendido o mistério da Encarnação.

Quando Moisés quis libertar os israelitas do Egito, Deus o instruiu sobre como fazer isso. Mas eu já falei sobre isso antes. Vou pegar outra história que também se adapte ao meu propósito. Gedeon era um

capitão do exército de Israel e desejava saber, antes de entrar na batalha com os madianitas, se ele seria favorecido por Deus. Por isso, ele pediu um sinal. O espírito humano é realmente incrível! ⁵Ele disse ao Senhor: "Tomarei o velo (isto é, a tosquia de um carneiro ou ovelha) e o estenderei sobre a parte da terra usada como eira. Se o orvalho cair apenas sobre o velo, pela manhã eu encontrar o velo completamente encharcado, mas a terra seca, então tomarei isso como um sinal mais certo de que você será favorável a mim e que seremos vitoriosos sobre nossos inimigos". Ele colocou o velo para baixo, e Deus em Sua bondade realizou o milagre. O orvalho caiu tão pesadamente do céu que o velo ficou encharcado. Mas a terra sob ela permaneceu tão seca que parecia ter sido batida por muitos dias. ⁶[*Jgs* . 6:36-40]. Encontrando o velo encharcado de orvalho, Gedeon pegou-o e torceu-o completamente seco (uma grande quantidade de água foi espremida). Então ele se envolveu com sucesso na batalha.

O que o velo representa senão a humanidade de Nosso Senhor, sobre a qual o orvalho celestial da Divindade caiu com tanta abundância que a humanidade foi divinizada. Mas aqui também há uma diferença importante entre a analogia e a Encarnação, pois nunca poderíamos encontrar uma comparação tão redonda que não houvesse algo para arredondar. Gedeon encontrou o velo completamente saturado de orvalho, com água grudada em sua superfície, mas sem molhar o chão. Ele torceu o velo, liberando a água. Mas na Encarnação as duas naturezas, uma vez unidas, nunca se separam. A Divindade, este orvalho divino, nunca deixou o velo da humanidade, nem na vida nem na morte. Sempre permaneceu em união com o corpo e a alma de Nosso Senhor. E mesmo que Seu corpo e alma estivessem separados na morte, a Divindade permaneceu com um e com o outro: com a alma do Salvador no Limbo, e com Seu corpo sagrado na tumba. Há também esta diferença: embora tenha sido o velo que sustentou a água, não é a humanidade que sustenta a Divindade, mas sim a Divindade que sustenta a humanidade.

Outra analogia tornará isso ainda mais claro. Por alguma razão, os poetas acham indelicado falar da esponja. Mas certamente desde que

foi apresentado a Nosso Senhor durante Sua Paixão quando Ele disse que estava com sede [*Jo . 19:28-29*], desde o momento em que esta esponja tocou os lábios sagrados do divino Salvador, foi canonizada. ⁷ Desde então, tornou-se uma imagem aceitável para se falar de coisas sagradas. Não é mais uma incivildade falar disso, é, ao contrário, uma coisa honrosa e conveniente. Por esta razão, vou usá-lo para ajudá-lo a entender a Encarnação.

Imagine uma enorme esponja que cresceu no mar e nunca foi usada por nenhuma criatura. No mar cada parte desta esponja está cheia de água, com o mar acima dela, abaixo dela, ao redor e dentro dela, nem a menor partícula dela que não esteja saturada de água. Mas nem a esponja nem o mar perdem sua natureza. Observe isto: embora o mar esteja em todas as partes da esponja, a esponja não absorve o mar, pois o grande e vasto mar não pode ser contido na esponja. Esta comparação representa muito bem a união das naturezas humana e divina.

A esponja simboliza a humanidade sagrada de nosso Salvador, e o mar Sua Divindade. Sua humanidade está tão imbuída da Divindade que não há uma única parte do corpo e da alma de Nosso Senhor que não esteja cheia da Divindade, mas sem esta natureza humana deixando de ser integralmente humana. Mas a humanidade não está em todos os lugares onde a Divindade está, pois a Divindade é como um mar infinito que envolve e enche tudo, mas não pode ser contido por ninguém nem por nada. Por essas comparações fica claro o que é a Encarnação. Quando perguntado sobre o que é esse mistério, você deve responder assim: "É tal união da natureza humana com o Divino, tal união da Divindade com a humanidade, que por ela o homem se tornou Deus - e Deus, tomando sua natureza, tornou-se cara."

Agora, ao terceiro ponto de nossa reflexão: por que ocorreu a Encarnação? Ocorreu para nos ensinar a viver não mais como animais brutos, como as pessoas fizeram após a queda de Adão, mas com e de acordo com a razão. Nosso Senhor veio, de fato, para nos ensinar a abstinência e a sobriedade nas coisas materiais, honras e confortos deste mundo, para pisotear tudo isso enquanto abraçamos seus

opostos. Antes da Encarnação, os homens viviam como bestas brutas [*Ps . 48(49):13, 21*], correndo atrás das honras e prazeres desta vida como cavalos, cães e outros animais vão atrás do que cobiçam. Observe um cavalo. Quando está com sede e encontra um lugar para saciar a sede, mergulha na água. Mesmo que seja refreado, não há como pará-lo. Ele vai arrastar seu cavaleiro com ele. As pessoas que vivem não de acordo com a razão, mas de acordo com seus apetites desordenados, mergulham na busca de satisfações sensuais. Querendo afastá-los deste modo de vida, Nosso Senhor encarnou para refreá-los e controlá-los, ensinando-os por suas obras a não dar valor a essas coisas.

Não há besta, por mais brutal que seja, que não reconheça aquele que lhe é bom. O cavalo conhece seu antigo estábulo, porque lá foi dado sua aveia. O cão conhece seu dono. O mesmo vale para outros animais, que parecem ter um certo sentimento por aqueles que são bons para eles. [Cf. *é . 1:3*]. Enquanto o homem vivia como um animal bruto, Nosso Senhor veio para ensiná-lo a viver de outra forma. Ele lhe deu muitos exemplos maravilhosos de sobriedade. E não há ninguém, por mais deficiente que seja em julgamento e razão, que, sabendo disso, não experimente algum sentimento de gratidão por isso.

Agora o Salvador também se encarnou para nos ensinar a sobriedade espiritual, que para Ele consistia em um desapego e uma privação voluntária de todas as coisas deliciosas e agradáveis que Ele poderia ter e recebido nesta vida. Ele voluntariamente e com pleno consentimento tomou sobre Si todos os trabalhos e tribulações, pobreza e desprezo que poderiam ser suportados neste mundo. [*É . 53:4-5*]. Sua alma perfeitamente gloriosa desfrutava continuamente da visão clara da Divindade, mas Ele não desejava, por essa razão, estar isento de tristezas. No momento de Sua Encarnação Ele viu e leu no livro da predestinação tudo o que Ele deveria sofrer. Este livro foi intitulado *A Santa Vontade de Deus* . Agora, durante toda a Sua vida, Nosso Senhor não fez outra coisa senão ler, praticar e guardar tudo o que Ele havia encontrado escrito lá [*Sl . 39(40):7-9; Heb . 10:5-9*], conformando Sua vontade com a de Seu Pai celestial, como Ele mesmo

disse: "Não vim para fazer a minha vontade, mas a daquele que me enviou". [Jo . 6:38].

Oh, quão felizes seríamos de ler bem este mesmo livro e dedicar todos os nossos esforços à realização da vontade de Deus para nós pela renúncia e entrega completa de nossa própria vontade, sem outra preocupação senão conformar nossa vontade à Sua ! Por este meio obteríamos de Sua bondade tudo o que poderíamos desejar. Aquele cuja única preocupação é fazer a vontade divina obtém de Sua bondade tudo o que precisa. Na medida em que se realiza esta santa vontade, Deus faz a sua, como está escrito: "O Senhor faz a vontade dos que o temem". [P. _ 144(145):19]. Você viu como Ele fez tudo o que Gedeon queria quando ele pediu um sinal Dele.

No momento de Sua Encarnação, nosso querido Salvador viu tudo o que Ele deveria sofrer: os açoites e chicotadas, os cravos e espinhos, todas as injúrias e blasfêmias que seriam lançadas sobre Ele – em suma, tudo o que Ele deveria sofrer. Estendendo seus braços sagrados e oferecendo-se em amor sem igual para suportar todas aquelas coisas, Ele as abraçou e as colocou em seu Coração com tanto amor que começou a partir daquele momento a sentir tudo o que depois sofreria durante sua Paixão. A partir desse momento, por completo desapego, Ele se privou de todas as consolações que poderia ter recebido nesta vida. As únicas exceções eram aquelas das quais Ele não podia se privar. Para nossa salvação e redenção, Ele submeteu a parte inferior de Sua alma a sofrer tristeza, dor, medo, apreensão e pavor. Ele fez tudo isso não por constrangimento ou porque Ele não poderia fazer de outra forma, mas voluntariamente e com total determinação - para melhor manifestar Seu amor por nós.

Certamente, todos esses sofrimentos não foram necessários para nossa salvação, pois um único ato de amor, um único suspiro amoroso do Seu Sagrado Coração teria sido de infinito preço, infinito valor, infinito mérito. ⁸Um único de Seus suspiros teria sido suficiente para redimir não apenas este mundo, mas mil mundos e mil mil naturezas humanas e angélicas, se houvesse tantos e tivessem pecado. Não apenas um suspiro, uma única de Suas lágrimas bastaria para redimir a

todos e satisfazer a Justiça Divina, pois teria sido derramada do amor infinito de uma Pessoa infinita. Nosso Senhor mereceu mais pelo sopro de um único suspiro de amor do que todos os santos, todos os querubins e todos os serafins poderiam merecer. Deus foi mais honrado por um único ato de amor e adoração oferecido pela alma mais abençoada do Salvador no momento de sua criação do que jamais foi ou será por todos os atos de amor e adoração de todas as criaturas, tanto angélicas e humano. No entanto, nosso querido Mestre não quis nos redimir com um único suspiro. Pelo contrário, Ele quis sofrer mil dores e trabalhos, pagando com todo o rigor da justiça por nossas faltas e iniquidades, ensinando-nos pelo seu exemplo sobriedade espiritual, desapego de todas as consolações, para viver segundo a razão e não segundo os nossos apetites e afetos.

É por isso que temos o hábito de dizer às jovens prestes a entrar neste mosteiro que a religião é "uma escola de abnegação de todas as vontades", uma cruz na qual devemos ser crucificados. Em suma, viemos aqui para sofrer, não para ser consolados. Se você deseja açúcar e doces, é melhor ir a uma loja de doces; pois aqui comemos apenas comida amarga, dolorosa para o carne, mas sempre proveitosa para o coração. Eu sempre digo a essas meninas, e não posso repetir com muita frequência: "Vamos, minha querida filha, o que você está realmente procurando na religião? Consolações?" "Sim." "Então é melhor você reconsiderar, pois você está se enganando se espera ser consolado aqui, receber e saborear doces espirituais." Ó Deus, não devemos procurar isso! Tal conduta é insuportável para aqueles que sabem um pouco sobre a verdadeira devoção. Venha aqui para viver em profunda humildade e completa resignação, pronto para aceitar com equanimidade de espírito tanto desolações como consolações, doçuras e tribulações, securas e repugnâncias. Se Deus lhe der consolações ou doces, beije Sua mão e agradeça com muita humildade, mas não fique aí. Vá mais longe e se humilhe.⁹

Certamente, é uma grande pena ver Nosso Senhor sofrer tanto, negar a Si mesmo todos os prazeres e consolações que Ele poderia ter recebido mesmo em meio aos Seus sofrimentos, escolhendo aceitar

apenas aqueles de que Ele não poderia ser privado, enquanto nós, por outro lado, estamos tão apaixonados por esses prazeres e consolações que parece que trabalhamos apenas para recebê-los! Por menores que sejam nossos consolos, temos tanto prazer em refletir sobre eles e deleitar-nos com eles que acabamos não fazendo nada que valha a pena. Essas consolações são o deleite de certas pessoas que estão ansiosas demais por elas. Eles não são realmente necessários. Você certamente não é melhor por tê-los. Afinal, Deus os concede tanto aos justos quanto aos pecadores. Às vezes Ele até dá muitos a pessoas em estado de pecado, privadas de graça! Por que então se apegar a eles com tanta tenacidade?

Considere, eu lhe imploro, este pequeno recém-nascido na manjedoura em Belém. Ouça o que Ele diz a você. Veja o exemplo que Ele lhe dá. Ele escolheu as coisas mais amargas e pobres imagináveis para o Seu nascimento. Ó Deus! quem ficar perto desta manjedoura durante a oitava de Natal se derreterá de amor ao ver este pequeno Menino num lugar tão pobre, chorando e tremendo de frio. Oh, você verá com que reverência a gloriosa Virgem sua Mãe guardou olhando para o Seu Coração, todo inflamado de amor, enquanto ela enxugava as doces lágrimas que fluíam tão suavemente dos olhos gentis deste abençoado Bebê! Como ela correu atrás da doce fragrância de Suas virtudes! [*Não posso* . 1:3(4)].

Eis Deus encarnado! Como foi bonito refletir sobre o mistério tão profundo da Encarnação de nosso Salvador! Mas tudo o que podemos saber e compreender a partir desta reflexão é como nada. Poderíamos muito bem repetir o que um certo sábio disse. Ele estava lendo um livro de um filósofo antigo, cujo nome não me lembro. Continha pensamentos muito elevados e obscuros. Admitiu francamente: "Este livro é tão erudito, tão difícil, que quase não entendo nada dele. O pouco que entendo é muito bonito, mas creio que o que não entendo é ainda mais." Ele estava certo. Usando palavras semelhantes ao considerar o mistério da Encarnação, poderíamos dizer: "Este mistério é tão exaltado e tão profundo que não entendemos quase nada dele. Tudo o que sabemos e entendemos é muito bonito, mas acreditamos que o que

nós não compreendemos é ainda mais. Finalmente, algum dia no céu acima, nós o compreenderemos completamente." Ali celebraremos com incomparável alegria esta grande festa do Natal, da Encarnação. Lá veremos claramente tudo o que aconteceu neste mistério. Abençoaremos eternamente Aquele que, de Seu estado exaltado, se rebaixou para nos exaltar. [Cf. *Fil* . 2:6-7; *Heb* . 2:9]. Que Deus nos conceda esta graça. Que assim seja. Um homem. Que assim seja!

NOTAS

- [1.](#) São Francisco está seguindo a opinião de Virgílio, Aristóteles e Plínio ao falar do mel como um líquido celestial. Seu único propósito é fazer uso dele como uma imagem adequada para a Divindade em Jesus.
- [2.](#) Parece claro que no início do século XVII o sangue da mãe era considerado constitutivo da carne e do sangue do filho.
- [3.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Visitação", 2 de julho de 1621, p. 156; "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, p. 174; pág. 51-52 deste volume.
- [4.](#) Aqui São Francisco está usando o princípio cristológico patrístico de "troca de propriedades" ou características. Este princípio ressalta a profunda união pessoal (hipostática) das naturezas humana e divina em Jesus, predicando as propriedades ou características humanas e divinas do único Jesus. Assim, por exemplo, embora Deus não possa sofrer, pode-se dizer que Ele sofre em Jesus, que é Deus e homem em uma Pessoa.
- [5.](#) Parece que São Francisco está se ofendendo com a audácia de Gedeon em pedir tal sinal ao invés de confiar em Deus.
- [6.](#) Usada como eira, pode-se dizer que a terra foi "batida".
- [7.](#) Cf. São Francisco de Sales: *Defesa de l'Estendart de la sainte Croix (Defesa do Estandarte da Cruz)* , Bk. 1, cap. 4.
- [8.](#) Cf. *Sermões para a Quaresma* , "A Paixão de Nosso Senhor e o que ela significa", Sexta-feira Santa, 25 de março de 1622, p. 183.
- [9.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte IV, cap. 13.

A ENCARNAÇÃO

Sermão da Missa da meia-noite de Natal, 25 de dezembro de 1622, sobre as grandes festas cristãs e sua observância na Igreja primitiva, a Encarnação como fim de Deus na criação do mundo, os dois nascimentos do Verbo: eterno e temporal, as duas naturezas do Verbo feito carne, e a bondade do Pai Eterno para conosco ao fazer de Seu Filho um membro de nossa raça humana .

Entre as solenidades da Santa Igreja há três que foram celebradas em todos os tempos e que têm sua fonte original naquela grande festa da Páscoa que era observada na Lei Antiga. Essas três festas são todas chamadas de Páscoa, ou Passagem, ou Páscoa. [Ex . 12:11]. A festa de hoje foi instituída para comemorar a passagem de Nosso Senhor da Sua Divindade para a nossa humanidade. A segunda passagem é a de Sua Paixão e morte para Sua Ressurreição, Sua passagem da mortalidade para a imortalidade, que celebramos durante toda a Semana Santa e na Páscoa. A terceira passagem é celebrada no Pentecostes, dia em que Nosso Senhor adotou os gentios [Cf. Atos 2:17, 39] e permitiu-lhes passar da infidelidade à felicidade de se tornar Seus filhos amados, a maior felicidade possível para a Igreja. Todas essas festas encontram sua fonte no mistério de hoje.

Mas você pode dizer neste ponto que não é comum pregar à noite. E eu respondo que era de fato o costume na igreja primitiva, enquanto estava em sua primeira flor e vigor. São Gregório testemunha isso na homilia deste dia. Os primeiros cristãos até diziam os três noturnos das

Matinas separadamente, levantando-se três vezes durante a noite para esse fim. Além disso, eles iam ao coro sete vezes ao dia para recitar o Ofício, cumprindo assim o versículo 164 do Salmo 118 (119). Santo Agostinho diz que eles até pregaram três vezes nesta festa: primeiro na Missa da meia-noite, depois na Missa e finalmente na Missa durante o dia. Tão grande era o fervor daqueles primeiros cristãos que nada os cansava. O menor deles era de maior valor do que o melhor dos religiosos de hoje. Ficamos tão frios desde aqueles primeiros dias que agora devemos encurtar a Missa, o Ofício e os sermões. Mas este não é o ponto. Em vez disso, pretendo falar-vos primeiro de como devemos crer no mistério da Encarnação de Cristo que a Igreja nos apresenta neste dia, e depois do que devemos esperar e fazer à luz desta fé. Se eu não terminar tudo o que quero dizer, farei isso mais tarde, se Deus nos der tempo.

Antes de começar meu discurso, gostaria de lembrá-los que gosto de usar analogias quando prego. Eu vou fazer isso aqui também. Agora, em tudo o que fazemos ou planejamos, se formos sábios, mantemos seu propósito ou objetivo em mente ¹[*Ecclus.(Sir .) 7:40(36)*], pois devemos ter um. Por exemplo, se alguém pretende construir uma casa ou um palácio deve primeiro ponderar se é para alojamento de um agricultor ou camponês ou se é para um senhor, pois obviamente ele usaria planos totalmente diferentes dependendo do posição da pessoa que vai morar lá. Agora o Pai Eterno fez exatamente isso quando Ele construiu este mundo. Ele pretendia criá-lo para a Encarnação de Seu Filho, o Verbo Eterno. ²O fim ou objetivo de Sua obra foi, portanto, seu início, pois a Sabedoria Divina previu desde toda a eternidade que Sua Palavra assumiria nossa natureza ao vir à terra. Essa era Sua intenção mesmo antes de Lúcifer e do mundo serem criados e nossos primeiros pais pecarem. Nossa verdadeira e certa tradição diz que há mil e seiscentos e vinte e dois anos Nosso Senhor veio a este mundo e, assumindo nossa natureza, tornou-se homem.

Assim estamos celebrando o nascimento do Salvador na terra. Mas antes de falar desse nascimento, digamos algo sobre o nascimento divino e eterno do Verbo. O Pai gera eternamente Seu Filho, que é como

Ele e co-eterno com Ele. Ele não tinha princípio, sendo em tudo igual ao Pai. No entanto, falamos do Filho nascendo para nós do seio do Pai, de Sua substância, como falamos dos raios saindo do seio do sol, embora o sol e seus raios sejam apenas uma e a mesma substância. Somos obrigados a falar assim, reconhecendo a inadequação de nossas palavras. Se fôssemos anjos, poderíamos falar de Deus de uma maneira muito mais adequada e excelente. Infelizmente, somos apenas um pouco de pó, crianças que realmente não sabem do que estamos falando. O Filho, então, gerado do Pai, procede do Pai sem ocupar nenhum outro lugar. Ele nasceu no Céu de Seu Pai, sem mãe. Como única origem da Santíssima Trindade, o Pai permanece a Virgem das virgens. Na terra o Filho nasce de Sua Mãe, Nossa Senhora, sem pai. Digamos uma palavra sobre estes dois nascimentos, para os quais temos provas verdadeiras e certas, como disse há pouco.

O Evangelista [*Lc* . 1,35] assegura-nos que o Verbo Divino se fez carne no seio da santíssima Virgem quando o anjo lhe anunciou que o Espírito Santo viria sobre ela e que o poder do Altíssimo a cobriria com a sua sombra. Isso não quer dizer, é claro, que em Jesus Cristo há duas pessoas. Na união hipostática, o Verbo feito carne é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, e isto sem qualquer separação, desde o momento de Sua Conceição. Alguns exemplos podem ajudar. Os naturalistas nos dizem que o mel é feito de uma certa goma chamada "maná", que cai do céu e se une ou se mistura com flores que, por sua vez, extraem sua substância da terra. Ao se unirem, essas duas substâncias resultam em um mel. ³Em nosso Senhor e Mestre, a Divindade uniu similarmente nossa natureza com a Sua, e Deus nos fez participantes da natureza divina de alguma forma [*2 Ptr* . 1:4], pois Ele se fez homem como nós. [*Fil* . 2:7; *Heb* . 4:15].

Observe que há uma diferença entre o mel coletado de tomilho e todos os outros tipos. É muito mais excelente do que o chamado heracleon, que é feito do acônito e de outras flores. Assim que provamos, reconhecemos que é do tomilho, porque é amargo e doce. Heracleon o mel, por outro lado, causa a morte. ⁴É semelhante com a sagrada humanidade de Nosso Senhor. Brotando do solo virginal de

Maria, a Sua humanidade é muito diferente da nossa, que está totalmente maculada pela corrupção e pelo pecado. De fato, porque o Pai Eterno quis que Seu Filho unigênito fosse o Cabeça e Senhor absoluto de todas as criaturas [*Col.* 1:15-18], Ele quis que a Santíssima Virgem fosse a mais excelente de todas as criaturas, já que Ele a escolheu desde toda a eternidade para ser a Mãe de Seu Divino Filho. ⁵ Na verdade, o ventre sagrado de Maria era uma colmeia mística na qual o Espírito Santo formou esse favo de mel com seu sangue puríssimo. Além disso, o Verbo criou Maria e dela nasceu, assim como a abelha faz o mel e o mel a abelha, pois nunca se vê abelha sem mel, nem mel sem abelha.

No Seu nascimento temos provas muito claras da Divindade de Nosso Senhor. Anjos descem do céu e anunciam aos pastores que nasceu um Salvador [*Lc.* 2:8-14] para eles. Magos vêm adorá-Lo. [*Mat.* 2:1-11]. Isso nos mostra claramente que Ele era mais do que homem, assim como, ao contrário, Seu gemido enquanto Ele jazia em Sua manjedoura tremendo de frio nos mostra que Ele era verdadeiramente homem.

Consideremos a bondade do Pai Eterno. Se Ele assim o desejasse, poderia ter criado a humanidade de Seu Filho como fez a de nossos primeiros pais, ou mesmo dado a Ele uma natureza angelical, pois estava em Seu poder fazê-lo. Se Ele quisesse fazer isso, Nosso Senhor não teria sido de nossa natureza. Não teríamos então nenhuma aliança com Ele. Mas Sua bondade era tal que Ele se fez nosso irmão para que Ele pudesse nos dar um exemplo [*Rom.* 8:29; *Heb.* 2:11-17] e nos tornar participantes de Sua glória. Foi por isso que Ele quis ser da descendência de Abraão, pois a Santíssima Virgem era de fato da raça de Abraão, pois dela se diz: Abraão e sua descendência. [*Lc.* 1:55; *Rom.* 1:3; *Gal.* 3:16].

Deixo-vos aos pés desta bem-aventurada Mãe e Filho para que, como abelhinhas, recolham o leite e o mel que brotam destes santos mistérios e dos seus seios castos, enquanto esperam que eu continue, se Deus nos conceder a graça e nos dá o tempo. ⁶—Rogo-Lhe que nos abençoe com Sua bênção. Um homem.

NOTAS

- [1.](#) Cf. *Sermons for Lent* , "Eternal Happiness", 20 de fevereiro de 1622, p. 61.
- [2.](#) Cf. *Tratado do Amor de Deus* , Livro II, cap. 4, 5.
- [3.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, p. 174.
- [4.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte III, caps. 17, 20.
- [5.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Imaculada Conceição", 8 de dezembro de 1622, p. 193-195.
- [6.](#) São Francisco de Sales morreu apenas três dias depois.

A CIRCUNCISÃO ESPIRITUAL E O SAGRADO NOME DE JESUS

Sermão para a Festa da Circuncisão de Nosso Senhor, 1º de janeiro de 1622, referente às festas cristãs, circuncisão na Lei Antiga, Circuncisão de Nosso Senhor, a circuncisão espiritual da parte de nós mesmos mais afetada pelo pecado, circuncisão espiritual completa versus aquela que é apenas parcial ou uma mera incisão, a observância de toda a Lei de Deus como necessária para a salvação, a maior obrigação dos sacerdotes, bispos e religiosos de praticar a circuncisão espiritual completa, a luta sem fim nesta vida contra paixões e emoções incontroláveis, nossa inculpabilidade em sentir emoções rebeldes espontâneas vs. culpa naqueles voluntariamente encorajados ou expressos em palavras, como é muito melhor ser "circuncidado" por outro do que por si mesmo, o estupro de Dina e a submissão voluntária à circuncisão pelo povo de Sicheim, a adequação da recepção de Nosso Senhor do nome de Jesus ("Salvador") no dia de Sua circuncisão, Seus três títulos essenciais, Jefté e a senha "Sc ibboleth", e o nome sagrado "Jesus" como nossa senha para entrar no céu.

"Chegado o oitavo dia, em que o Menino devia ser circuncidado, recebeu o nome de Jesus." — Lc . 2:21

Os dias, meses e anos pertencem a Deus, que os fez e criou. Os antigos organizaram esses dias e anos de tal maneira que os nomearam e os identificaram de acordo com as fases da lua e os nomeou em homenagem a seus falsos deuses, como Mercúrio, Marte, Júpiter e

outros semelhantes. Essa superstição era tão difundida que era muito difícil desarraigar. Para erradicá-lo, a Igreja dedicou dias de festa aos santos e tem preferido para dias comuns, a palavra "ferial" no lugar dos nomes usados pelos antigos pagãos. Mas embora algumas das nossas festas sejam dedicadas aos santos, *todas* são consagradas a Nosso Senhor, que as fez e a quem todas pertencem. É por isso que a Igreja dedica a Ele esta festa que ocorre no primeiro dia do ano, e através dela o ano inteiro é dedicado a Ele.

Hoje celebramos a Festa da Circuncisão do nosso divino Salvador quando, após a sua circuncisão, recebeu o sagrado nome de Jesus. A história da circuncisão é maravilhosamente bela, e é uma figura da circuncisão espiritual que todos devemos sofrer. Embora o mais curto de todos os lidos durante o ano, o Evangelho de hoje [*Lc . 2:21*] é, no entanto, elevado e muito profundo, pois menciona o sangue e o nome de Jesus, e nestas duas palavras é contada toda a história da circuncisão.

Seguirei a estrutura do Evangelho e dividirei este sermão em dois pontos. Na primeira, falaremos sobre a natureza da circuncisão e nossa própria circuncisão espiritual; na segunda, discutiremos com que reverência o nome sagrado de Jesus deve ser pronunciado.

Quanto ao primeiro ponto, a circuncisão era uma espécie de sacramento na Lei Antiga [*Gn . 17:10-14; Lev . 12:3*] e significava purificação da mancha do Pecado Original. Foi como uma profissão de fé na expectativa da vinda de Nosso Senhor. Os circuncidados tornaram-se filhos e amigos de Deus em vez de Seus inimigos, como haviam sido antes.

É claro que nosso divino Salvador não precisava da circuncisão. Ele não foi apenas o Criador da Lei, mas Ele não tinha nenhuma mancha ou vestígio de pecado. Ele era o imaculado [*1 Ptr . 1:19*] e todo santo Filho de Deus. Desde o momento de Sua Encarnação, Ele foi preenchido com todo tipo de graça e bênção do corpo e da alma. Por causa dessa união estrita do humanidade com a Divindade, Ele não apenas transbordou com a plenitude da graça, mas Sua alma gloriosa desfrutou continuamente da visão clara de Deus. Assim, não havia necessidade

alguma de se sujeitar à Lei da Circuncisão. No entanto, Ele quis submeter-se a ela. Além disso, a circuncisão distinguia o povo de Deus de outros povos. Mas Nosso Senhor não precisava ser marcado com este sinal de distinção, pois Ele mesmo era o selo ou o próprio selo do Pai eterno. [*Heb . 1:3*]. Inúmeras são as interpretações e razões que demonstram por que o Salvador não estava de forma alguma sujeito a essa lei, mas exigiria muito tempo para apresentá-las todas. Basta dizer, então, que Ele não era de forma alguma obrigado a submeter-se a ela e que Ele se submeteu a ela voluntariamente apenas para nos dar um exemplo notável da circuncisão espiritual que devemos sofrer.

A circuncisão é realizada na parte do corpo mais danificada pelo pecado de Adão. Esta é a primeira observação feita pelos primeiros Padres e, se não me engano, por São João Crisóstomo. O objetivo deles é nos mostrar que nossa circuncisão espiritual deve ser feita na parte de nossa pessoa mais danificada. Muitos, se não todos os cristãos estão dispostos a submeter-se à circuncisão espiritual para participar da festa de hoje, mas infelizmente fazem esta circuncisão na área que menos precisa! Há alguns que estão presos aos prazeres sensuais (vou usar este exemplo, embora seja um pouco grosseiro, até que me lembre de outro). Eles estão em constante busca desses prazeres brutos. Quando querem se submeter a uma circuncisão espiritual, pegam dinheiro e dão esmolas. Agora, é claro, é uma boa coisa circuncidar a carteira dessa maneira e dar esmolas. O Apóstolo assegura-nos que a esmola é uma coisa boa. [Cf. *1 Tim . 6:18; Heb . 13:16*]. É sempre uma boa prática. Mas você não vê que essa circuncisão espiritual não é o que realmente é necessário neste caso? Não circuncidam sua carteira, pessoas que buscam prazeres, pois sua doença não está lá. Em vez disso, circuncida seu coração, cortando a linguagem maligna, amizades e conversas; corte esse flerte maligno e outras tolices semelhantes. Comece por aí se quiser se submeter a uma boa circuncisão. Mas eles não fazem isso. Em vez disso, eles continuam a seguir seus instintos animais enquanto se felicitam por dar esmolas, totalmente convencidos de que satisfizeram tudo nisso.

Há outros ávidos de acumular e possuir todo tipo de riquezas, bens e confortos. Querendo circuncidar-se, fazem vigílias e observam grandes jejuns e abstinências. Eles usam uma camisa de cabelo, cintos e todo o resto. E fazendo tudo isso, eles se consideram quase santos! Ó Deus! que absurdo! Vigílias e jejuns são bons, mas você não está no alvo nesta circuncisão espiritual porque você não começou onde é mais necessário. O mal está em seu coração, e você mata seu corpo. Você deve circuncidar sua bolsa, distribuindo seus bens aos pobres. Arranque de seu coração essa ganância desenfreada por riquezas, honras e conveniências que se encontram ali. Aplique habilmente e impiedosamente a faca da circuncisão ao seu coração e às afeições mais danificadas pelo pecado.

Outras pessoas realizam grandes penitências e austeridades, afligindo seus corpos com todos os tipos de dores e sofrimentos. Essas mesmas pessoas não têm dificuldade em beber o sangue do próximo com uma língua que calunia e deprecia. ²Oh, coitados, vocês pensam que estão bem circuncidados por usar o cilício, tomar a disciplina e fazer outras coisas semelhantes; mas você não vê que a parte que você deve circuncidar é a sua língua, que lambe o sangue do inocente? [*P.* _ 63(64):4].

Há ainda outros que circuncidam notavelmente suas línguas e estão decididos a manter um profundo silêncio profundo. Mas eles continuamente andam por aí rosnando e murmurando em seu coração, e estão cheios de murmurações e antipatias. Ah, minhas queridas almas, o que vocês estão fazendo? O mal está escondido em seu coração; então não é suficiente circuncidar sua língua. Você deve circuncidar a parte em que nascem essas murmurações, murmurações e raivas interiores, porque a circuncisão deve ser realizada no local mais afetado pela doença do pecado.

Isto, então, é o que a circuncisão espiritual significa: buscar nas próprias paixões, afeições, humores e inclinações para extirpar e cortar qualquer excesso neles. Para isso, é necessário um exame de consciência cuidadoso e sério, para reconhecer qual é a parte mais

ferida e qual é nossa paixão, inclinação ou humor desordenados, para que essa circuncisão interior possa começar aí.

O segundo ponto que desejo enfatizar é que se tratava de uma circuncisão e não de uma incisão. Há uma grande diferença entre os dois. Uma incisão é necessária para remover qualquer infecção na ferida ou ferida de uma pessoa doente. Mas isso não é o mesmo que circuncisão, e a maioria dos cristãos faz incisões em vez de circuncisões. Eles podem fazer algum esforço para lidar com um membro infectado, mas não usam a faca para cortar e arrancar de seu coração o que é supérfluo. Agora, isto deve ser dito à guisa de prefácio: todos são obrigados a realizar esta circuncisão, mas de maneiras diferentes, não igualmente. Sacerdotes, bispos e religiosos têm uma obrigação particular de fazê-lo e de maneira completamente diferente daqueles que vivem no mundo, pois são mais especialmente dedicados a Nosso Senhor.

Há alguns cristãos que cortam tudo o que os impede de observar a Lei de Deus. Eles estão realmente muito felizes e chegarão ao Paraíso no final. Para alcançá-lo, temos apenas que observar os mandamentos divinos. ³[*Mat . 19:17*]. Há outros que se contentam em corrigir e desarraigar uma paixão ou hábito pecaminoso, mas continuam a chafurdar e deleitar-se em milhares de outros pecados contra a Lei do Senhor. Estes não realizam uma circuncisão, mas apenas uma incisão. Eles não conseguem penetrar na parte corrompida e cortar o que é necessário para uma verdadeira circuncisão. Em vez disso, eles se contentam em atacar um membro afetado, e isso geralmente não é o mais doente. Ainda assim, eles acreditam que fizeram uma circuncisão completa.

E assim você encontrará pessoas no mundo que chafurdam na imundície de mil pecados e que estão acorrentados por muitas paixões e afeições depravadas. Se você questioná-los sobre o que estão fazendo ou fizeram, responderão que não fizeram nada de errado. "Oh!" eles dizem: "Nós não matamos ou roubamos; não somos ladrões ou assassinos." Isso pode ser verdade, mas não é suficiente. Pode haver outros pecados que você cometeu que são tão perigosos quanto aqueles

que você não cometeu. Não há apenas dois preceitos na Lei de Deus; há muitos outros que se deve observar para ser salvo. Infringir seriamente um dos mandamentos de Deus é julgar e condenar-se às penas do Inferno. Quando o Senhor deu a Lei a Moisés, Ele não disse que somente aqueles que matam ou roubam morrerão; Ele prometeu a mesma ameaça e punição com referência aos outros mandamentos também.

É inegavelmente verdade que somente aqueles que obedeceram à Lei do Senhor em sua totalidade entrarão no Paraíso. [*Mat . 5:19; Jas . 2:10*]. A Lei inteira, não apenas uma parte dela. Aquele que fizer apenas uma incisão será condenado, assim como aquele que se contentar em observar um ou dois mandamentos, lutando para extirpar o mal que o impede de observá-lo. Fazer isso e não se preocupar em circuncidar os hábitos do vício que o tornam rebelde aos outros preceitos de Deus será a causa de sua condenação. É óbvio, então, que todos devem praticar a circuncisão espiritual, embora nem todos igualmente ou da mesma maneira. Mas, em geral, todos nós devemos cortar e cravar a faca não apenas em um lugar, como fazem aqueles que fazem uma incisão, mas em todo o seu redor, guardando e observando a Lei em sua totalidade, sem omitir nada. Ao fazer isso, seremos muito felizes. Assim marcados com esta circuncisão espiritual, seremos reconhecidos como filhos de Deus e reunidos em Sua glória no final.

Quanto a nós bispos, sacerdotes e religiosos, dedicados e consagrados ao serviço divino, somos mais obrigados do que outros a esta circuncisão espiritual. ⁴Devemos praticá-la não só como os leigos, mas de maneira ainda mais profunda, à qual eles não são obrigados, pois não gozam dos mesmos meios que nós; nem são jurados a Nosso Senhor como nós. Os religiosos não podem contentar-se em eliminar e combater um vício ou uma má inclinação; eles devem ir ao redor do coração. Fazendo uso de um rigoroso exame de consciência, eles devem ter um cuidado especial para perscrutar e anotar exatamente suas paixões, humores, propensões, aversões e hábitos para circuncidar.

Há ainda alguns religiosos que fazem este exame duas vezes por dia para conhecer bem e compreender o estado do seu coração. Depois

disso, eles usam a faca da circuncisão para raspar tudo o que é supérfluo e perigoso, extirpando tanto a doença quanto qualquer coisa que possa causar a menor perturbação ou obstáculo na vida espiritual. Esta faca nada mais é do que uma boa e forte resolução que lhes permite passar por cima de todas as dificuldades envolvidas e realizar generosamente esta circuncisão interior. É por isso que a vida religiosa é muitas vezes chamada de sanatório ou hospital onde não só as doenças perigosas e terminais são curadas, mas também as menores. De fato, vai-se muito mais longe, expurgando a menor mancha, a menor coisa que possa atrapalhar a vida espiritual e, muito pouco, atrasar a perfeição. Até as fontes do mal são removidas, pois a faca corta todo o coração. Pois o coração é a parte que se deve sempre abrir nesta circuncisão interior, cuidando para ver e extirpar seus maus pensamentos, desejos, paixões e inclinações; seus maus sentimentos, repugnâncias e aversões. Aqueles que fazem isso são verdadeiramente mais felizes.

Mas certamente alguém me dirá: "Tudo isso é verdade. Muitas vezes usei a faca para cortar tais e tais paixões e inclinações e tais e tais repugnâncias e aversões que encontrei em meu coração incircunciso travando uma guerra cruel dentro de mim. No entanto, parece que tudo isso é muito pouco! Apesar de meu grande cuidado e diligência, ainda experimento fortes e poderosas paixões, aversões, desgostos, repugnâncias e muitos outros movimentos que lutam e lutam comigo." Nós respondemos: "Ah, minhas queridas almas, não viemos aqui para nos divertir, mas para sofrer. Seja paciente e um dia você estará no céu, onde haverá apenas paz e alegria. Lá você não sentirá nenhuma paixão, nem movimentos de inveja, aversão ou repugnância, pois possuirá uma tranquilidade e descanso duradouros. É só lá que nos divertimos, não nesta vida, onde é preciso sofrer e ser circuncidado." Se existisse aqui alguém que não tivesse paixão, essa pessoa não sofreria, mas estaria em absoluta felicidade. que seja, enquanto vivermos, teremos paixões. Nunca estaremos livres delas até a morte, porque é justamente na luta com essas paixões e emoções que reside nossa vitória e nosso triunfo. Esta é a opinião universal de os Doutores e o ensinamento da Igreja.

Estou bem ciente de que no passado havia eremitas e anacoretas na Palestina que afirmavam que a mortificação cuidadosa e frequente permitiria chegar a um estado sem paixões ou movimentos de raiva, um estado em que se receberia uma afronta sem ficar vermelho, ou ser ferido, zombado e espancado sem sentir qualquer emoção. A opinião deles foi condenada como falsa e rejeitada pela Igreja, que em resposta declarou — e é verdade — que enquanto vivermos nesta terra teremos paixões, sentiremos os impulsos da raiva, repulsas, apegos, inclinações, repugnâncias, aversões e todas as outras coisas humanas.

Não devemos nos surpreender, portanto, se, quando alguém nos diz nossas faltas ou nos repreende, sentimos prontamente essas agitações, ou mesmo as sofremos por muito tempo. Tampouco devemos nos surpreender se não gostarmos de coisas que vão contra nossas inclinações – ainda menos se gostarmos mais de uma coisa do que de outra. Ah, certamente não! Pois estas são paixões naturais e de modo algum pecaminosas em si mesmas. Não há razão para pensar que ao sentir essas emoções e repugnâncias você pecou e ofendeu mesmo no menor grau. Oh, de modo algum, pois essas agitações são espontâneas e independentes de nós! Essas diversas emoções do coração não são de forma alguma culpáveis, e não é a elas que devemos levar a faca da circuncisão.

Algumas pessoas se enganam pensando que a perfeição consiste em não sentir nada! Assim, quando experimentam alguma agitação das paixões, parece-lhes que tudo está perdido. Oh, coitados, vocês não veem que esta não é a parte de vocês que está mais doente nem a parte que precisa de circuncisão, pois esses movimentos estão além de seu poder?

Mas o que então devo circuncidar? Circuncida as consequências dessas emoções; cortar as palavras que deles resultam. Oh, pessoas mundanas! Circuncida aquelas blasfêmias, palavrões, palavras injuriosas e detrações que nascem de sua ira e que são verdadeiramente pecaminosas e mortalmente doentes. Minhas queridas almas, circuncidai essas murmurações refletidas, pesadas e alimentadas em seus corações por dias, semanas e meses inteiros, bem

como aquelas repugnâncias voluntariamente encorajadas contra as coisas que a obediência exige e que vão contra seus gostos e fantasias. Sonde seu coração, examine cuidadosamente suas paixões, inclinações e afeições; então arranque e corte tudo isso direta e completamente. Não se contente apenas em fazer incisões como as mundanas, mas faça boas circuncisões que são espirituais e interiores. Esta, então, é a segunda consideração que quero fazer sobre o Evangelho de hoje.

A terceira é esta: na Lei Antiga, os que deviam ser circuncidados não se circuncidavam, mas eram circuncidados pela mão de outrem. Agora nosso Salvador quis ser como nós em todas as coisas e sujeitar-se à Lei sem nenhuma exceção; portanto, Ele também quis ser circuncidado não por sua própria mão, mas pela mão de outro, não importa quem fosse. Estou bem ciente de que os antigos Padres e Doutores interpretaram isso de várias maneiras, mas não vou repeti-los agora. Mencionarei apenas um deles: Nosso Senhor quis ser circuncidado por outro para nosso exemplo, para nos mostrar que, embora seja bom ser circuncidado com a própria mão, é ainda melhor ser circuncidado por outra pessoa. Certamente aqueles antigos solitários — eremitas e anacoretas — que viviam no deserto devem ser admirados. ⁵—Devemos estimar as vitórias maravilhosamente triunfantes que obtiveram mortificando e circuncidando seus corações e paixões interiores com a ajuda da graça de Deus, inspirada e impelida pelo Espírito Santo, os santos e seus anjos bons. No entanto, a circuncisão que sofremos dos outros excede em muito a deles, porque é mais dolorosa e, portanto, mais meritória.

Todos os cristãos são obrigados a ser espiritualmente circuncidados uns pelos outros. Além disso, há sempre pessoas nas ordens e comunidades religiosas que cuidam atenta e continuamente do próprio coração para saber o que deve ser arrancado e mortificado. Para isso, eles mantêm uma faca continuamente à mão para se circuncidar. Isso, no entanto, não os torna indispostos a serem circuncidados por outros, e sem dúvida esta última circuncisão é muito mais dolorosa do que a primeira. Encontramos pessoas arrogantes, orgulhosas, altivas e grosseiras que, no entanto, são muito conscientes

de que essas paixões são um grande obstáculo à graça de Deus e devem ser circuncidadas. Eles rezam com o coração inflamado por esse desejo. De fato, voltando-se para dentro, eles começam a fazê-lo com tanto fervor que realmente parece indolor, e experimentam tal deleite e consolo que derramam lágrimas abundantes de profunda alegria espiritual. Em suma, o que vem da nossa própria vontade e esforço não custa quase nada, tão incrivelmente sutil é o nosso amor próprio.

Mas se a essa altura alguém lhes dissesse: "Você é um idiota, um chato", ah, com certeza o sangue deles começaria a ferver e eles sentiriam imediatamente a onda de raiva. Isso seria intolerável, e eles encontrariam palavras inteligentes para se justificar. Assim, você pode ver como é necessário que alguém guie a faca que nos circuncida. Outros sabem muito melhor do que nós exatamente onde a aplicação é necessária.

O preeminente Apóstolo, São Pedro, foi tomado de uma cólera violenta quando, no Horto das Oliveiras, viu os soldados que vinham buscar o seu bom Mestre. Ele perguntou a Nosso Senhor se ele deveria golpear com a espada. É como se ele quisesse dizer: "Eu tenho apenas uma faca pequena, mas se você quiser eu vou bater nesses patifes, fazendo deles uma verdadeira carnificina". Com raiva demais para esperar pela resposta, ele bateu em um dos soldados e cortou sua orelha direita. Mas nosso divino Salvador não aprovou desta ação e o repreendeu. Ele então pegou a orelha de Malchus e o curou. Voltando-se para São Pedro, Ele disse: "Coloque sua espada de volta na bainha". [*Mat . 26:51-52; Lk . 22:49-51; Jn . 18:10-11*]. Com isso Ele quis dizer: "Você não usou sua faca para circuncidar a parte que mais precisava ser cortada. Você cortou a orelha direita, que é usada para receber assuntos espirituais, como inspirações e bons movimentos. Mas você permitiu o ouvido esquerdo, que ouve as coisas mundanas e vãs, permaneça. Você deveria ter removido o ouvido esquerdo, não o direito, pois o ouvido direito está pronto e ansioso para ouvir inspirações divinas e palavras celestiais. Não cortando o ouvido esquerdo , a circuncisão não é realizada corretamente." Você vê, então, quão necessário é trazer a faca para suportar a parte que é mais pecaminosa e doente.

O tempo está se esgotando. Portanto, vou concluir com uma história. Depois direi uma palavra sobre a segunda parte do Evangelho de hoje. O pregador da catedral hoje começou seu sermão relatando um incidente notável que agora compartilharei com você. É certamente um prato digno de servir em duas mesas. Com ela concluirei meu sermão.

Está registrado no livro de Gênesis [*Gn* . 33:18-20; 34] que um dia Jacó, com seus filhos e família muito grande, armou tendas perto de Sichem. Jacob tinha uma filha muito bonita, Dina. Estando perto da cidade real, Dina estava ansiosa para visitá-la. Ela decidiu ir sozinha para dar uma olhada. Quão típico do espírito humano! Ela vai não só para olhar em volta, mas também, creio eu, para ser admirada, pois ela era linda e sabia disso. Sozinha nesta grande cidade de Sichem, ela ficava maravilhada com tudo o que via. O filho do rei por acaso a viu de sua janela. Impressionado com sua rara beleza, ele perguntou quem ela era. (Esse jovem príncipe na verdade se chamava Sichem, e seu pai era Hemor.) Ele ficou tão apaixonado por ela que a raptou. Isso foi bastante fácil de fazer porque sempre há muitas pessoas dispostas a ajudar os grandes com seus planos malignos. Levada, ela foi desonrada pelo príncipe Sichem. Seguiu-se um grande alvoroço, especialmente porque o rei Hemor e o príncipe Sichem não eram da nacionalidade de Dina.

Descobrendo o que havia acontecido e sabendo o quanto seu filho amava Dina, Hemor estava ansioso para remediar a situação. A Escritura nos diz que o coração de Sichem estava ligado a Dina. [*Gên* . 34:3]. Mas o vínculo não era tão forte. Foi um amor vazio e frágil como todos os amores mundanos, que duram muito pouco. O amor de Deus não é nada disso. Permanece e nunca se afasta da alma em que entrou. Continua a unir e ligar a alma à Divina Majestade não por dois ou três dias como o amor mundano, mas por toda a eternidade. O amor mundano, ao contrário, é tolo, perigoso e digno de condenação. Ela se origina e é sustentada pela tolice, tolice e estupidez. Para agradar seu filho, Hemor foi até Jacó para providenciar o casamento de seu filho com Dina. Desde que ele era rei, muitas pessoas defenderam o casamento, e foi quase acertado.

As maquinações do espírito humano são realmente estranhas. Simeon e Levi eram irmãos de Dina e sabiam que seu pai, Jacob, estava negociando o casamento de sua irmã com Sichem. Eles ficaram chocados com a desonra que Sichem havia cometido ao estuprar Dina e decidiram propor uma condição ao rei sem a qual eles não consentiriam no casamento. Eles exigiram que se ele quisesse uma aliança com sua nação, todo o seu povo teria que ser circuncidado. A princípio, houve considerável objeção a essa proposta; mas no final, depois de muita negociação, foi resolvido propor a circuncisão ao povo da terra de Sichem. Quando estavam todos reunidos no local designado para a consulta, a circuncisão foi proposta a eles e vários argumentos foram oferecidos para encorajar sua concordância com o plano do rei para a felicidade de seu filho. Foi-lhes dito que Jacó era uma grande nação e que uniria seu povo com eles, o que fortaleceria ambos com mais tropas. No final, depois de muita discussão, todos concordaram em se submeter à circuncisão. Foi realmente doloroso, e a maioria estava meio morta de fraqueza. Sabendo disso, Simeão e Levi invadiram a cidade, colocaram tudo na tocha e vingaram com sangue o mal que o filho de Hemor havia feito à irmã deles.

Nesta história, noto particularmente a prontidão e aquiescência do povo em submeter-se à vontade do rei, colocando em risco a própria vida para agradar ao filho do rei. Ó Deus, devemos fugir de nossa circuncisão espiritual por covardia e medo, vendo nosso Salvador se submeter hoje a esta mesma lei da circuncisão para nos dar um exemplo? Ao derramar Seu sangue, Ele nos convida a não derramar o nosso, mas apenas a derramar nossos corações e espíritos diante Dele. [*1 Rs. (1 Sam .) 1:15; Ps . 61(62):9; Eu _ 2:19*]. Somos convidados a esta circuncisão interior, não para Seu proveito e prazer, mas para nosso bem, nossa salvação e nosso benefício. Recusaremos, depois de tudo isso, fazer o que Ele nos pede? Vemos o povo de Sichem submeter-se a uma lei muito dolorosa apenas para agradar o filho do rei. Devemos ser tão tímidos e covardes a ponto de nos recusarmos a nos submeter a coisas que, em contraste, são tão suaves e fáceis?

Mas concluamos com uma palavra sobre o nome que hoje foi dado a Nosso Senhor. Vamos fechar com outra história. O Evangelho de hoje quer nos fazer entender que o derramamento do sangue de Jesus está relacionado ao Seu nome. É apropriado que Ele receba esse nome no dia de Sua circuncisão, pois Ele não poderia ser Salvador sem derramar sangue, nem dar sangue sem ser Salvador. Ele poderia, é claro, ter salvado o mundo sem derramar Seu sangue, mas isso não seria suficiente para satisfazer o amor que Ele tem por nós. ⁶ Ele certamente poderia ter satisfeito a justiça divina por todos os nossos pecados com um único suspiro de Seu Sagrado Coração, mas isso não teria satisfeito Seu amor, que desejava que tomando o nome de Salvador Ele desse Seu sangue como depósito daquele que Ele quis derramar para nossa redenção. O nome de Salvador foi justamente dado a Ele neste dia, pois não há redenção sem derramamento de sangue [*Heb . 9:22*] e não há salvação sem redenção, pois ninguém pode entrar no céu a não ser por esta porta. Além disso, fazendo-se Salvador e Redentor da humanidade, Nosso Senhor começa, ao tomar este nome, a pagar nossas dívidas com nenhum outro dinheiro além do Seu Precioso Sangue. Ele foi, então, chamado Jesus, que significa Salvador. [*Mat . 1:21*].

Todos os antigos Padres concordam que, apesar de Seus muitos nomes e títulos, Nosso Senhor tem apenas três que pertencem a Ele essencialmente. A primeira é a do Ser Supremo, reservada somente a Ele e não aplicável a nenhum outro. [*Ex . 3:14-15; é . 42:8*]. Neste nome Ele conhece a Si mesmo através de Si mesmo. O segundo é o do Criador, que também só pode ser dado a Ele, visto que ninguém além dele é Criador. Neste nome Ele conhece a Si mesmo por Si mesmo, mas Ele também conhece a Si mesmo por meio de Suas criaturas. O terceiro nome é Jesus, que também pertence somente a Ele somente, pois ninguém mais pode ser Salvador. [Cf. *Atos 4:12*]. Além disso, há o título de "Cristo" [*Matt . 1:16*], que significa Sumo Sacerdote, Ungido de Deus. Nós, cristãos, participamos desses dois últimos nomes. [*1 Pr . 2:9; Atos 4:12*]. Nesta vida presente, levamos o nome de Cristo, ou seja, "cristãos", e somos ungidos pelos sacramentos que recebemos. Quando estivermos no céu, levaremos o nome do Salvador, pois lá todos

desfrutaremos da salvação completa e estaremos entre os salvos. Assim no Céu seremos chamados pelo outro nome de Nosso Senhor, Jesus ou Salvador, pois seremos salvos.

Agora, como devemos pronunciar o nome sagrado de Jesus para que seja benéfico e proveitoso para nós? Isso eu vou contar a você por uma história, com a qual vou concluir. Este nome certamente não deve ser pronunciado de forma descuidada ou impensada. Não basta saber que se trata de uma palavra de duas sílabas, nem muito menos falá-la apenas com a boca. Papagaios podem fazer isso! Os infiéis e os maometanos o nomeiam perfeitamente bem, até onde isso vai, mas eles não são salvos por isso. Nosso Senhor nos mostrou como devemos dizê-lo. Ele derramou Seu sangue ao receber Seu nome. Nisso, Ele indicou Sua disposição de fazer o que esse santo nome significa: salvar.

Não basta dizê-lo com os lábios; deve ser gravado em seu coração. Oh, como seríamos felizes de ter vivo em nós tudo o que nossos títulos significam! Por exemplo, não basta chamar-nos sacerdotes, bispos ou religiosos. Nossas vidas reais devem ser congruentes com esses títulos. Devemos cuidar do encargo que exercemos e da vocação em que vivemos. Em suma, devemos avaliar quão bem nossas paixões e afeições são controladas e quão submissos são nossos julgamentos, e se nossas ações são congruentes com nosso estado de vida. ²

É relatado no Livro dos Juízes [Js . 11, 12] que o grande capitão Jefte foi vitorioso contra os amonitas por um voto que ele fez ao Senhor. Após a trágica morte de sua filha e todos os seus outros problemas, Jephthe esperava finalmente ter paz e descanso. Mas isso não aconteceu, pois uma sedição foi provocada. Os filhos de Efraim o repreenderam por não tê-los convidado para a guerra, embora fossem bravos soldados. Eles acreditavam que ele havia agido assim para menosprezá-los. Espantado ao saber desse novo problema, o bom Jephthe disse-lhes: "Oh, meus caros amigos, vocês sabem muito bem que eu os convidei, mas vocês se desculparam; por isso, quando chegou o momento de atacar, eu o fiz. " Não querendo ouvir seus argumentos, eles declararam guerra a ele. Deus, no entanto, tomou a parte de Jefte porque era justo, e o favoreceu tanto que matou quarenta e dois mil e

derrotou completamente o espantado Efraim. Então Jefte colocou guardas e sentinelas nas margens do Jordão com uma palavra de ordem: "Pergunte a quem quiser passagem quem eles são. Se eles responderem que são de Efraim, mate-os; e se eles negarem, faça-os dar a senha. , ' *Scibboleth* ! Se eles disserem ' *Scibboleth* ', mate -os; mas se eles disserem ' *Sibboleth* ', dê-lhes passagem livre." " *Scibboleth* " e " *Sibboleth* " são quase a mesma palavra ("*Scibboleth* " significa "espiga de milho" e " *Sibboleth* " significa "carga"), mas " *Scibboleth* " é pronunciado guturalmente e " *Sibboleth* " é dito mais levemente.⁸

Quão felizes seremos se, na hora da nossa morte, como durante toda a nossa vida, pronunciamos o sagrado nome do Salvador com o devido respeito.⁹ Será como uma senha pela qual entraremos livremente no Céu, pois é o nome da nossa redenção. Na nossa última hora, se Deus nos der a graça de não morrermos de repente, teremos um sacerdote perto de nós que terá nas mãos uma vela abençoada e nos chamará: "Lembra-vos do nosso Redentor, dizei 'Jesus', dizei 'Jesus.' " Bem-aventurados os que o pronunciam com reverência e com um profundo apreço por nosso Salvador ter nos resgatado com Seu sangue e por Sua Paixão. Aqueles que invocarem bem o nome na hora da morte serão salvos. O contrário será o destino daqueles que não a falam bem e que a pronunciam com mornidão e sem fervor. Certamente devemos repeti-lo muitas vezes durante nossa vida, pois foi dado a Seu Filho pelo Pai Eterno. É um nome que está acima de qualquer outro nome, totalmente divino, gentil e cheio de bondade. É um óleo derramado [*Cant* . 1:2(3)] para curar todas as feridas de nossas almas. A este nome sagrado todos os joelhos se dobram. [*Fil* . 2:9-10]. É o nome que alegra os anjos, salva os homens e faz tremer os demônios. Por isso deve estar profundamente gravada em nosso coração e em nosso espírito para que, abençoando-a e honrando-a nesta vida, sejamos dignos de cantar com os bem-aventurados: Viva Jesus! Viva Jesus!

NOTAS

- [1.](#) Este é um exemplo de como os escritores místicos apreciam o significado espiritual das coisas físicas.
- [2.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte I, cap. 1.
- [3.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Apresentação de Nossa Senhora", 21 de novembro de 1619, pp. 79-80; "A Apresentação de Nossa Senhora", 21 de novembro de 1620, p. 129.
- [4.](#) Cf. *Sermões para a Quaresma* , Quinta-feira da Terceira Semana, "Proper Conduct in Illness", 3 de março de 1622, p. 102.
- [5.](#) Cf. *Sermões sobre Nossa Senhora* , "A Purificação", 2 de fevereiro de 1622, pp. 184-185.
- [6.](#) Cf. *Sermões para a Quaresma* , Sexta-feira Santa, "A Paixão de Nosso Senhor e o que ela significa", 25 de março de 1622, p. 185.
- [7.](#) Cf. pp. 10-11 deste volume.
- [8.](#) Cf. *Controvérsias* , Parte II, cap. 1, art. 2.
- [9.](#) Cf. *Sermões para a Quaresma* , Quinta-feira depois do Quarto Domingo, "Proper Fear of Death", 10 de março de 1622, p. 142.

A FESTA DE CASAMENTO DE CANÁ

Sermão para o segundo domingo depois da Epifania, 17 de janeiro de 1621, sobre o milagre de Nosso Senhor nas bodas de Caná como o primeiro sinal que Ele realizou para manifestar Sua glória, correspondências místicas entre as obras de Nosso Senhor, Sua transformação da água em vinho no início do Seu ministério e do vinho em Sangue no final, a presença de Nosso Senhor e Sua Mãe nas bodas de Caná, a maneira de Nossa Senhora dirigir-se ao Filho sobre a falta de vinho, como devemos fazer as devidas intenções nas nossas orações, o erro de rezar pelos sentimentos das virtudes e não pelas próprias virtudes, o verdadeiro significado da resposta aparentemente dura de Nosso Senhor à Sua Mãe, a confiança de Nossa Senhora de que Ele concederia uma resposta favorável, a forma como Nossa Senhora adiantou Sua "hora" em resposta à oração de Nossa Senhora, a Santa Eucaristia, e como devemos seguir o conselho de Nossa Senhora de fazer o que seu Filho nos diz - cumprindo fielmente os deveres de hoje para que Ele possa pendure a água morna de nosso arrependimento no vinho do amor divino .

Existem hoje dois Evangelhos: um para confessores, [1](#)o outro que relata o primeiro milagre de Nosso Senhor, realizado nas bodas de Caná da Galiléia. [Jo . 2:1-11]. Falarei sobre o último; não falaremos sobre Santo Antônio, porque no sermão da catedral de hoje ele foi adequadamente e exaustivamente exaltado. Tratarei do primeiro milagre ou, como o chama São João, do primeiro sinal que Nosso Senhor realizou para manifestar Sua glória. Primeiro, discutiremos

como o milagre foi realizado e, em segundo lugar, por quem foi realizado e quem participou dele. O Evangelista declara que este foi o primeiro sinal que Jesus realizou para manifestar Sua glória. Estou bem ciente de que alguns médicos argumentam que este milagre não foi o primeiro de Nosso Senhor. Mas como não só São João o atesta, mas também Santo Ambrósio, e como a grande maioria dos antigos Padres concorda, nós também aceitamos. Para melhor desenvolver a visão de Santo Ambrósio e de outros Padres sobre este milagre, é preciso primeiro lidar com as dificuldades com a visão deles, após o que faremos uma reflexão que será um consolo que nossa fé nos dará.

Começamos dizendo que esse milagre foi o primeiro sinal que o *próprio Salvador* deu para manifestar Sua glória. Muitos prodígios, é verdade, foram feitos antes deste: alguns por Nosso Senhor, outros em Nosso Senhor, e outros para a vinda de Nosso Senhor – como a Encarnação, a maior de todas e o milagre dos milagres. Mas a Encarnação era invisível, secreta e desconhecida. Tão exaltado é que ultrapassa infinitamente a compreensão dos anjos e arcanjos. Conseqüentemente, não serviu como um sinal para manifestar a glória de Deus como o que foi realizado nas bodas de Caná. A Encarnação é um mistério tão proeminente e profundo que nunca foi antecipada - nem poderia ser - pelos antigos pagãos e filósofos. Mesmo os versados na Lei de Moisés foram incapazes de compreendê-la, sendo ela invisível e de tal profundidade que excede em muito toda a capacidade humana e angélica de apreender. Nesta vida mortal, cremos porque a fé nos ensina, mas no Céu veremos, e isso fará parte de nossa felicidade eterna. Outros milagres se agruparam em torno da Encarnação; uma das maiores é que o Verbo divino foi concebido e nascido de uma mulher que era ao mesmo tempo Mãe e Virgem. Muitas maravilhas acompanharam o nascimento do Salvador, como o aparecimento da estrela que trouxe os Magos do Oriente. [*Mat . 2:1-2*]. Mas, embora esses sinais tenham sido feitos para manifestar a glória de Nosso Senhor, não foi Ele quem os fez, mas o Pai e o Espírito Santo. Certamente, como Deus, Ele os operou também, pois o que o Pai faz, o

Filho e o Espírito Santo também o fazem. Mas quanto ao milagre de Caná, foi propriamente o Filho quem o fez.

Aqui está uma segunda dificuldade. Muitos Padres antigos afirmam a provável verdade de que nosso divino Senhor realizou muitos milagres enquanto viveu no Egito e na casa de Seus pais. Mas estes também eram muito secretos e invisíveis, porque Nosso Senhor não era conhecido naquela época. Assim, o sinal de Caná da Galiléia, de que fala o evangelista, foi verdadeiramente o primeiro que Ele realizou para manifestar Sua glória.

Mas que reflexão devemos fazer como consolo que nossa fé dá? Note-se que este primeiro milagre foi realizado pela transformação da água em vinho, assim como o último realizado por Jesus Cristo em Sua estada mortal foi a transformação do vinho em Seu Sangue no Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Nós, pregadores da palavra de Deus, somos obrigados a falar de cada mistério enquanto é celebrado e a tirar consolações da nossa fé. Hoje tratarei da consolação que nos vem da nossa fé na Eucaristia. Eu não vou ensiná-lo, pois você acredita nisso e está bem estabelecido e confirmado em sua crença, mesmo disposto a morrer defendendo essa verdade. Em vez de ensiná-lo, vou encher seu coração de alegria e consolação derivada de falar desses grandes mistérios.

Nosso Senhor é o Primeiro, o Alfa e o Ômega [*Apoc. (Apo .) 1:8; 22:13*], o Princípio e o Fim de todas as coisas. Para representar essa verdade sobre a Divindade e torná-la melhor compreendida, os egípcios pintaram uma serpente mordendo sua cauda. Isso fez a serpente parecer redonda, sem começo nem fim; sua cabeça, que era o princípio, tocava o fim, que era sua cauda. Assim Nosso Senhor, que desde toda a eternidade é o Princípio de todas as coisas, será o Fim delas por toda a eternidade. Ele sempre fez do começo como o fim, uma correspondência maravilhosa entre os dois. Quando Deus criou Adão, o primeiro sinal dessa criação foi transformar a lama em um corpo humano. Da mesma forma, quando Jesus Cristo recriou, o primeiro sinal dessa recriação foi a transformação de uma substância em outra, a mudança de água em vinho. Sim, o Salvador veio para recriar o que

estava perdido. “Virei”, disse Ele, “para fazer um novo homem”. O homem foi tão destruído pelo pecado que não parecia mais ser o que era originalmente. Por isso, para renová-lo, Nosso Senhor começou sua recriação como havia feito com sua criação. Que correspondência maravilhosa! Na criação do homem, Deus transformou a terra em carne humana, uma transformação surpreendente. Depois de dizer: Façamos o homem à Nossa imagem e semelhança, Ele pegou um pouco de barro e o moldou em um corpo que ainda era apenas uma massa de terra. Então Ele soprou neste corpo, e a massa foi transformada em carne e sangue; Ele fez dela um homem vivo. [*Gên . 1:26-27; 2:7*]. Algo semelhante ocorre na recriação. Nosso Senhor começa transformando água em vinho, dando este sinal para revelar Sua glória.

Ele sempre manifesta essa correspondência em todas as Suas obras. Olhe para Ele no momento de Sua entrada no mundo. Ele nasceu completamente nu do ventre de Sua Mãe. De acordo com as revelações de Santa Brígida, a Santíssima Virgem O encontrou nu diante de seus olhos, tendo dado à luz este fruto bendito sem trabalho e sem prejuízo de sua virgindade. Absorvida numa contemplação suave, amorosa e reconfortante, o Salvador saiu despercebido do seu ventre. Saindo de seu arrebatamento, ela O viu ali completamente nu. Ela O tomou e O envolveu em panos e pequenas lãs. Ele escolheu deixar este mundo como havia entrado, morrendo completamente nu no madeiro da Cruz. Após Sua morte, Ele foi levado para baixo, permitindo-Se ser envolto em faixas como Ele havia feito em Sua Natividade. Ele nasceu chorando, assim como todos os outros bebês. Todos nascem chorando; a única exceção, segundo Plínio, foi Zoroastro, um homem muito perverso que e "nasceu rindo"! Mas Nosso Senhor nasceu chorando e gemendo, como atesta o Livro da Sabedoria: Embora um grande e maravilhoso rei, nasci, como todas as crianças, chorando e gemendo. [*Sab . 7:3*]. Embora realmente se refira a Salomão, a passagem pode ser facilmente aplicada a Nosso Senhor. Assim, nosso verdadeiro Salomão, embora nascido soberano Rei da terra, ainda quis nascer chorando, e conseqüentemente morrer chorando.

Ele escolheu iniciar o Evangelho com este primeiro sinal da transformação da água em vinho. Ele escolheu terminar Seu ministério de pregação transformando vinho em Sangue. Ele realizou o primeiro milagre em um banquete e o último, a Eucaristia, em outro banquete. Ele transformou a água em vinho nas bodas de Caná, e na Última Ceia, que foi como as bodas deste Sagrado Esposo, transformou o pão em sua carne e o vinho em seu sangue; com esta transubstanciação Ele começou a solenizar aquelas núpcias que Ele consumou no madeiro da Cruz. Pois o dia da morte do Salvador foi o dia de Seu casamento. [Cf. *Não posso* . 3:11].

Em resumo, em Seu primeiro milagre Ele transformou água em vinho; e na última que realizou antes de sua morte instituiu a Eucaristia, o sacramento de sua verdadeira presença. Acreditamos nesta verdade e neste mistério que, juntamente com a Encarnação, é o maior e o mais oculto de todos. Porque a fé o ensina, cremos que Jesus Cristo está neste Santíssimo Sacramento, corpo e alma. O Apóstolo diz que o cristão se nutre da carne viva e do sangue do Deus vivo [*1 Cor* . 10:16; 11:24-27], e isso é verdade. Essa verdade pode contradizer nossos sentidos, que nada percebem de sua realidade. No entanto, acreditamos nisso - e até acreditamos com maior prazer quanto mais nossos sentidos nos falham aqui. Por causa da natureza oculta do sagrado mistério da Eucaristia, a Divina Providência nos forneceu milhares de provas desta verdade em centenas de lugares, tanto no Evangelho como no Antigo Testamento Nosso Senhor mesmo iluminou o entendimento de alguns que escreveram sobre este assunto que é puro deleite ouvir e ler o que eles escreveram de forma tão clara e inteligente. Certamente devemos fazer mil adorações cada dia a este divino Sacramento em ação de graças pelo amor com que Deus habita entre nós. Estas reflexões devem ser uma grande consolação derivada deste mistério da nossa fé.

Passemos agora à questão de como esse milagre foi realizado. Para isso, relatarei toda a história do Evangelho. Houve, diz São João, um casamento em Caná da Galiléia. Esta era uma pequena cidade perto de Nazaré onde viviam os parentes da Virgem e de Nosso Senhor. Eles

tiveram um casamento, para o qual o Salvador e Sua Mãe foram convidados. Alguns doutores se deleitam em discutir se os apóstolos estavam lá como convidados ou não. É incrível a quantidade de opiniões diferentes sobre esse assunto. Deixemos de lado esses argumentos e sigamos o que o Evangelista diz. Além disso, muitos dos antigos Padres pensam que, como Nosso Senhor e Sua Santíssima Mãe foram convidados, por causa deles também foram convidados os Apóstolos. São João diz muito claramente: e Seus discípulos. Devemos seguir essa visão. Questiona-se se esta festa de casamento foi a de São João ou de outra; mas deixemos de lado isso, pouco importa. De qualquer forma, nosso querido Mestre e Nossa Senhora foram convidados. Eles foram; mas quando? Oh, certamente, é provável que a Santa Virgem tenha chegado na noite anterior. Pois as mulheres e parentes chegavam na véspera de uma festa de casamento, não só para serem recebidos, mas também para ajudar a receber os outros convidados, e assim prestar homenagem à noiva. Esta santa Senhora, que era extremamente humilde, certamente deve ter ido na noite anterior para prestar esse serviço gentil aos noivos.

Os Apóstolos foram a esta festa de casamento, e Nosso Senhor também não recusou o convite. Pois, veja você, Ele veio para recomprar, reformar e recriar o homem. Ele não escolheu fazer isso com um comportamento grave, austero e rígido, mas sim muito gentil, educado e totalmente cortês. Assim, sendo convidado, Ele não se desculpou, mas foi, e Sua presença diminuiu um pouco da excessiva frivolidade e folia geralmente encontradas em tais ocasiões. Certamente os casamentos em que Nosso Senhor e Nossa Senhora estão presentes são bem ordenados e mostram grande moderação. ²O contrário é verdadeiro com muitos dos nossos hoje. Eles são muitas vezes cheios de frivolidade e até enganos. Quando se planeja o casamento de uma filha, quantas falsidades são ditas! Ela é isso, ela é aquilo, ela tem tanta herança; este jovem tem tal e tal posição e qualidades. E com base nisso eles concluem o casamento, apenas para descobrir que muito do que foi dito não é o caso. Depois vêm os arrependimentos e as censuras, e de ambos os lados. Mas é tarde demais para isso, pois o

casamento está feito. As bodas de Caná não foram assim, pois não há engano onde Nosso Senhor está. Quão modesta deve ter sido esta festa, com a presença do Salvador causando grande restrição.

Agora não consigo imaginar como aconteceu, mas o vinho começou a falhar. Os criados ficaram um pouco ansiosos ao ver as garrafas se esvaziando e tomaram nota entre si enquanto serviam o vinho. Talvez assim tenha chegado aos ouvidos das mulheres, que então começaram a fazer planos para resolver o problema. A Santíssima Virgem, que era sábia, prudente e cheia de caridade, concebeu um admirável expediente para aliviar o embaraço. Mas o que esta santa Senhora fará, pois ela não tem dinheiro para comprar vinho? Seu Filho não tem nenhum. Como ela espera ajudar essas pessoas em suas necessidades? Oh, de fato, ela sabe que tem consigo Aquele que é todo-poderoso e cuja grande caridade e bondade lhe são muito familiares. Sua bondade todo-poderosa suprirá infalivelmente essas pessoas pobres em suas necessidades.

É muito provável que tenha sido um casamento de pessoas pobres. Por esta razão Nosso Senhor foi convidado. Na verdade, Ele se deleitava em lidar com os pobres e estar com eles. Ele sempre os favoreceu. Na maioria das vezes, Ele foi encontrado entre eles; Ele amava a pobreza em todos os lugares, mesmo nos palácios dos reis, e particularmente se deleitava em estar no meio da pobreza. Se nosso querido Salvador tanto se deleita em encontrar pobreza nas casas dos grandes e nas festas de casamento, qual será o seu prazer em encontrá-la nas casas religiosas onde se faz voto de observá-la! ³Seu prazer será encontrar a frugalidade ali no meio da suficiência, não a ausência de necessidades, mas a ausência de supérfluos. Que esta pequena instrução seja dita de passagem.

A Virgem se aproxima de seu Filho que sozinho, sem dinheiro, pode atender a essa necessidade. Observe o que esta Senhora santíssima faz e diz: Meu Senhor, eles não têm mais vinho. É como se ela quisesse dizer: "Meu Senhor e meu Filho, essas pessoas aqui são pobre, e embora a pobreza seja extremamente amável e muito agradável a Você, ainda assim é muitas vezes uma experiência vergonhosa, reduzindo a pessoa ao desprezo e escárnio do mundo. Essas boas pessoas, Seus

anfitriões, sentirão grande vergonha se Você não os ajudar. Eu sei que Tu és todo-poderoso e suprirá a necessidade deles e os manterá longe da vergonha e da humilhação. Eu nunca duvido de Sua caridade e bondade. Tenha em mente a hospitalidade que eles nos ofereceram - nos convidando para o banquete deles. Por favor, forneça a eles o que eles precisam."

A Santa Virgem não precisou fazer um longo caso para seu Filho sobre as necessidades deste casal. Habilidosa na arte de rezar, ela usou a maneira mais curta, mas excelente de rezar, dizendo apenas estas palavras: Meu Filho e meu Senhor, eles não têm mais vinho. Com estas palavras, esta sagrada Virgem diz: "Você é tão bondoso e caridoso, seu coração é tão misericordioso e cheio de piedade; por favor, conceda-me o que eu te peço para essas pobres pessoas". Uma excelente oração, certamente, aquela em que esta santa Senhora fala a Nosso Senhor com a maior reverência e humildade que se possa imaginar. Ela vai ao Filho não com segurança, nem com presunção, como alguns se atrevem a fazer, mas com a mais profunda humildade, com a qual Lhe apresenta as necessidades deste casal, convencida de que Ele as proverá.

Assim, é uma oração muito boa simplesmente apresentar suas necessidades a Nosso Senhor, colocá-las diante dos olhos de Sua bondade, e deixar que Ele aja como bem entender, convencido de que Ele nos atenderá de acordo com nossas necessidades. Quando, por exemplo, nos encontramos secos, desolados e desanimados, sigamos o exemplo da Virgem e digamos a Ele: "Senhor, olha para mim aqui, pobre filha que sou, desolada, aflita, cheia de seca e aridez". "Veja-me aqui, Senhor, pobre homem que sou, o mais pobre de todos os homens e cheio de pecados." "Mas o que você quer?" "Oh, o que eu quero? Você sabe bem o que eu preciso; basta que eu me apresente a Você como eu sou. Você proverá minhas misérias e necessidades como achar melhor."

Certamente, pode-se orar não apenas pelas coisas espirituais, mas também pelas coisas temporais. Isso pode e deve ser feito, pois Nosso próprio Senhor nos ensinou a fazê-lo. No Pai Nosso pedimos diariamente que venha o Reino de Deus (sendo o princípio e o fim para o qual vivemos), e então que a Sua vontade seja feita, esse será o único

meio para essa bem-aventurança. Mas, além disso, fazemos outro pedido, a saber, que Ele nos dê o pão nosso de cada dia. [*Mat . 6:9-13; Lk . 11:2-4*]. A Santa Igreja ainda tem orações especiais pelas quais pedimos a Deus favores temporais, como orações pela paz em tempo de guerra, por chuva em tempo de seca e por tempo bom em tempo de muita chuva. De fato, existem até missas especiais para tempos de pragas. O ponto é absolutamente claro: podemos e devemos pedir a Deus nossas necessidades espirituais e temporais.

Há duas maneiras de pedir coisas a Nosso Senhor. A primeira é rezar como a Virgem rezou; a outra é mais específica, pedindo tal ou tal coisa ou que Ele nos livre de algum mal, sempre sob a condição de que seja segundo a Sua vontade, não a nossa. [*Lc . 22:42*]. Mas normalmente não imploramos a Ele tão especificamente. Você pode encontrar uma pessoa totalmente comprometida com a piedade e que, em todas as suas orações, pede um grande consolo. O que você pede, minha querida filha? Peço consolos. Sim, isso é bom. Mas também peço humildade, pois não sou humilde, mas vejo que não se pode fazer nada sem essa querida virtude. Peço também o amor de Deus, que torna tudo tão leve e fácil. É bom pedir humildade. Esta deve ser a nossa virtude mais preciosa. E é bom pedir e ansiar pelo amor divino. No entanto, asseguro-lhe que seu pedido de humildade e amor não é tão bom quanto deveria ser. Pois você não vê que não deseja realmente a humildade, mas apenas o sentimento de humildade? Você deseja sentir que é humilde e, com esse sentimento, saber que o possui. Isso não deve ser feito, pois para ter essa virtude não é necessário ter seu sentimento. Pelo contrário, aqueles que são verdadeiramente humildes não estão realmente conscientes disso. Da mesma forma, para amar a Deus não é necessário sentir esse amor, pois o amor a Deus não consiste em sentir, saborear e desfrutar de suas consolações. Você pode ser muito humilde e amar muito a Deus sem se sentir assim.

"Oh, que eu possa amar a Deus como uma Santa Catarina de Siena, ou uma Santa Teresa." Você está se enganando: diga mais honestamente que deseja ter os êxtases, os sentimentos de amor e humildade de uma Santa Teresa ou de uma Santa Catarina de Sena, pois

não é amor que você quer, mas seu sentimento consolador. É apenas da falta de sentimentos que nos queixamos, pois desejamos provar e saborear tudo. Ó Deus, esperem um pouco, minhas queridas almas. Aqui embaixo não é lugar para gostos e sentimentos. Espere até que você esteja no céu acima, onde você experimentará a humildade e desfrutará de sua doçura. Você verá então o quanto você ama a Deus, e experimentará a consoladora doçura do Seu amor. Mas nesta vida o Senhor quer que vivamos entre o medo e a esperança, sejamos humildes e O amemos sem necessariamente sentir nenhum. ⁴

Voltemos à Santíssima Virgem: Meu Senhor, diz ela, não têm mais vinho. O Senhor lhe responde: "Mulher, o que você tem a ver comigo? Minha hora ainda não é chegada". Esta resposta pode parecer à primeira vista um pouco dura. ⁵Ouvir tal Filho falar assim a tal Mãe! Ouvir um Filho tão gentil e bondoso rejeitar tão bruscamente o pedido de Sua Mãe, sua oração feita com tanta reverência e humildade! Que palavras entre Filho e Mãe, entre os dois corações mais amorosos e amáveis que já existiram! "O que você tem a ver comigo, mulher?"

Ah, Senhor, o que tem a criatura a ver com seu Criador, de quem recebeu ser e vida? O que a Mãe tem a ver com o Filho? O que o Filho tem a ver com a Mãe, de quem recebeu Seu corpo, isto é, Sua humanidade de carne e sangue! Estas palavras parecem ser muito estranhas e têm sido frequentemente mal interpretadas por aqueles que tentam interpretá-las. Tal mal-entendido deu origem a várias heresias! Seria realmente ousado tentar apenas com o entendimento, e sem ajuda divina, apreender o verdadeiro significado dessas palavras. A verdade é que esta foi uma resposta muito amorosa, plenamente compreendida como tal pela Santa Virgem. Com isso, ela se sentiu a mais obrigada de todas as mães. Ela deixou claro que ela entendeu sua verdade sentido e estava totalmente confiante quando disse aos servidores: "Vocês ouviram a resposta de meu Filho, mas porque vocês não entendem a linguagem do amor, podem considerá-la uma recusa. De modo algum. Apenas façam o que Ele lhes disser e não esteja ansioso com qualquer coisa. Certamente Ele atenderá às suas necessidades."

Há muitas opiniões diversas entre os médicos sobre estas palavras: Mulher, o que você tem a ver comigo? Alguns dizem que Ele quis dizer isso: "Com o que você e eu temos que nos preocupar? Somos apenas convidados e não devemos nos preocupar com essas coisas", e muitas interpretações semelhantes. Mas mantenhamos firme o que a maioria dos Padres sustenta – que o Salvador usou essas palavras para Sua Santa Mãe para ensinar as pessoas que ocupam algum alto cargo na Igreja, como os bispos, a não usar seus cargos para favorecer suas relações de sangue, ou para favorecê-los de qualquer maneira contrária à lei de Deus. Eles nunca devem, por causa de seus parentes, esquecer sua dignidade e abandonar a retidão com que são obrigados a exercer seus cargos.

Nosso divino Mestre quis dar esta lição ao mundo e usou para isso o coração da Santíssima Virgem. Nisto Ele realmente lhe dá uma grande prova de Seu amor. Ele quis dizer isso: "Minha querida Mãe, ao responder 'O que você tem a ver comigo?' De modo algum pretendo recusar seu pedido" (pois o que um Filho assim pode recusar à Mãe mais amorosa e amada de todos os tempos?). "Você me amou perfeitamente, e eu te amei soberanamente. Esse amor que temos um pelo outro me permite aproveitar a constância de seu coração enquanto ensino esta lição ao mundo. Estou certo de que seu coração mais amoroso não aceitará Embora possa parecer um pouco duro para os outros, não parece assim para você, que entende a linguagem do amor." O amor não se expressa apenas por palavras, mas também pelos olhos, gestos e ações. Por exemplo, as lágrimas que fluem da oração são muitas vezes prova de nosso amor, como o salmista deu testemunho quando derramou lágrimas abundantes diante de Deus. [*P.* _ 6:7; 38(39):13; 41(42):4; 55(56):9].

A esposa no Cântico dos Cânticos disse: "Meu Amado é para mim um feixe de mirra; eu o tomarei e o colocarei entre meus seios" [*Cant.* 1:12(13)], isto é, no meio de minhas afeições; "e uma gota desta mirra fortalecerá e confortará meu coração." Assim esta divina amante, 6-a Virgem santíssima, toma as palavras de Nosso Senhor como um feixe de mirra e as põe entre seus seios, no meio de seu amor; ela recebe a

gota que flui desta mirra. Isso fortalece seu coração que, ouvindo a resposta que para outros parecia uma recusa, ela acreditou sem dúvida que o Salvador havia concedido a ela o que ela havia pedido a Ele. Então ela confiantemente diz aos atendentes: Façam o que Ele lhes disser.

Quanto às palavras: "Ainda não chegou a minha hora", alguns pensaram que Nosso Senhor queria dizer que o vinho ainda não havia acabado. Existem muitas outras interpretações e opiniões dos santos Padres sobre este assunto, mas não desejo me alongar sobre elas. É verdade que há momentos especiais ordenados pela Divina Providência para nós e dos quais depende todo o nosso bem e nossa conversão. Também é verdade que Deus havia determinado desde toda a eternidade a hora e o momento de realizar dois grandes milagres, o da Encarnação e o de dar ao mundo este primeiro sinal para manifestar Sua glória. Mas esta vontade divina não era tão limitada que Nosso Senhor não pudesse adiantar aquele momento quando solicitado por Sua Mãe.

Para entender melhor, lembre-se do exemplo de Rebeca e Isaque, que desejavam ter filhos. Infelizmente, Rebecca era estéril e, de acordo com as leis da natureza, não poderia ter nenhuma. No entanto, desde toda a eternidade, Deus havia previsto e ordenado que Rebeca concebesse e tivesse filhos - mas com a condição de que ela os recebesse por suas orações. Assim, se ela não tivesse orado por eles com seu marido Isaque, ela não teria concebido. Percebendo que eles não tinham filhos por causa de sua esterilidade, ela e seu marido se trancaram em um quarto e oraram com tanto fervor que Deus os ouviu, concedeu sua oração, e Rebeca ficou grávida dos gêmeos Esaú e Jacó [*Gn . 25:21*]. Exatamente assim, os suspiros amorosos de Nossa Senhora adiantaram a Encarnação de Nosso Senhor, segundo os antigos Doutores. Não é que Ele se encarnou antes do tempo que Ele havia preordenado. Não. Mas em sua eternidade Ele havia previsto que a santa Virgem imploraria a Ele que apressasse o momento de Sua vinda ao mundo, e que Ele ouviria sua oração e se encarnaria mais cedo do que teria se ela não tivesse orado.

É exatamente o mesmo com este primeiro milagre que Nosso Senhor realizou hoje nas bodas de Caná. "Ainda não é chegada a minha hora", disse Ele a Sua Santa Mãe, "mas como nada posso recusar-te, vou adiantar esta hora para fazer o que me pedes." Desde toda a eternidade Ele previra que o anteciparia em favor das orações de Nossa Senhora. Oh, quão abençoada é a hora da Divina Providência em que Deus quis conceder-nos tantas graças e bênçãos. Oh, como é bem-aventurada a alma que espera essa hora com paciência e que se prepara para responder com fidelidade quando ela chegar. Certamente essa foi a hora da Divina Providência em que a mulher samaritana se converteu. Da mesma forma, desta hora da Divina Providência dependem nossa conversão e reforma; e devemos cuidar diligentemente de estar bem dispostos para isso, para que quando Nosso Senhor vier, estejamos prontos para responder de todo o coração à Sua graça.

O Salvador ordenou aos atendentes que enchessem seis talhas de água de pedra que ali estavam colocadas para a purificação dos judeus, pois sempre se lavavam quando tocavam em algo proibido pela Lei. Eles tinham cerimônias externas rígidas às quais eram extremamente exatos, mas, segundo as Escrituras, quase não cuidavam de purificar seu interior. [*Mat . 23:25-26; Mc . 7:3-6*]. (Vi um desses jarros em Paris em uma casa de religiosos da Ordem de Cister. Era muito grande, como é o estilo hebraico, mas não o medi porque só o vi de longe.) Esses atendentes tiveram muito cuidado em fazer como a sagrada Virgem lhes ordenava, pois assim que a ordem foi dada eles encheram esses jarros tão cheios que, segundo o texto sagrado, a água transbordou. Então Nosso Senhor disse uma palavra interior que ninguém ouviu, e imediatamente toda a água se transformou em vinho muito bom. Esta palavra era sem dúvida semelhante àquela que Ele usou quando criou todas as coisas do nada e deu vida e ser ao homem, e que Ele usou naquele último banquete com Seus discípulos quando Ele transformou o vinho em Seu Sangue no Santíssimo Sacramento da Eucaristia. E que vinho excepcionalmente excelente! Por ela somos nutridos, pois é pela recepção do Corpo e Sangue do Salvador que nos são aplicados os méritos de Sua Paixão e Morte.

Normalmente reis e grandes príncipes sempre carregam consigo pó dos chifres do unicórnio, que serve de proteção contra veneno. Quando têm alguma indisposição, tomam um pouco deste pó no vinho para preservar a saúde. O espírito humano é incrível! Muitos questionam a existência de unicórnios e se o pó de seus chifres tem essa eficácia. Sair em busca de razões para tais argumentos não nos interessa. Por enquanto, sigamos aqueles que dizem que existem unicórnios e que seu pó tem a propriedade de neutralizar o veneno. ⁷ Todos podem ter este pó, não só os príncipes. No entanto, estes últimos têm essa vantagem sobre os outros: suas taças, nas quais colocam o pó do unicórnio, são feitas de chifre de unicórnio. O Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor é como o unicórnio, expelindo o veneno do pecado, que é venenoso para nossas almas. Pelo Sacramento da Eucaristia nos é aplicado o fruto da nossa Redenção, como acabamos de dizer. Este Sacramento foi prefigurado por milagres operados na Lei Antiga. Por exemplo, Moisés tinha uma vara com a qual fazia coisas maravilhosas e assustadoras, pois foi transformada em serpente e víbora; e então, quando ele desejou, tornou-se uma vara novamente. Ele a usou para fazer a água fluir da rocha [*Ex . 17:5-6*] e transformar as águas em sangue. [*Ex . 7:19-20*]. Em suma, ele realizou prodígios que eram figuras daqueles que deveriam acontecer na lei da graça. [Cf. *1 Cor . 10:4, 11*].

Concluamos dizendo uma palavra sobre o poder de Nossa Senhora de apresentar nossas necessidades diante de seu Filho. Devemos convidá-la para também o nosso banquete, pois onde o Filho e a Mãe estão o vinho não faltará. Ela dirá infalivelmente: "Meu Senhor, esta minha filha não tem mais vinho." Mas, minhas queridas almas, que vinho vocês pedem? "Oh, certamente, a consolação. É tudo o que desejamos." Um exemplo simples deixará isso claro. Uma boa mulher tem um filho doente que também é seu único filho. Ela clama a Deus: "Ele é o fruto do meu ventre; nele pus toda a minha esperança". E quando os remédios humanos não podem fazer mais, ela recorre aos votos feitos aos santos. ⁸ Claro que tudo isso é bom: é justo invocar os santos. Mas, minha querida filha, por que você implora tanto pela saúde

de seu filho? Quando ele estiver bem, o que você fará com ele? "Eu o colocarei no altar do meu coração e queimarei incenso diante dele." Agora você não vê? Se a Virgem tivesse pedido vinho para que as núpcias ficassem embriagadas, Nosso Senhor não teria transformado a água em vinho.⁹

Se queremos que Nossa Senhora peça ao seu Filho que transforme a água da nossa tibieza no vinho do Seu amor, devemos fazer o que Ele nos disser. Este é um bom ponto. Aqueles atendentes foram extremamente rápidos em cumprir tudo o que Ele lhes ordenou, como nossa divina Senhora os havia aconselhado. Façamos bem o que o Salvador nos diz: enchamos nossos corações com a água da penitência, e essa água morna se transformará em vinho de amor fervoroso. Faça com cuidado o que está à mão hoje, e amanhã você será ordenado a fazer outra coisa.

Desejamos ter uma oração longa e fervorosa? Nutrindo-nos de bons pensamentos durante o dia, fazendo frequentes orações ejaculatórias. Você deseja ser recolhido em oração? Fora da oração, mantenha-se como se estivesse lá, e não perca tempo em reflexões inúteis, seja sobre você mesmo ou sobre o que acontece ao seu redor. Não se divirta com ninharias. Você gostaria de ter alguma luz de fé para entender o mistério da Encarnação? Alimente-se o dia inteiro com pensamentos piedosos sobre a infinita bondade de nosso Deus.

Finalmente, minhas queridas Irmãs, pratiquem bem o que vocês têm ensinado até agora, e descansa na providência de Deus; pois Ele nunca deixará de suprir o que é necessário para você. [*P.* _ 54(55):23; *1 Pr.* . 5:7]. Louve-O nesta vida e você O glorificará com todos os bem-aventurados do Céu. Que o Pai, o Filho e o Espírito Santo nos conduzam até lá! Um homem.

NOTAS

- [1.](#) *Lucas 12:35-40*, para a festa de Santo Antônio, abade.
- [2.](#) Cf. *Introdução à Vida Devota* , Parte III, cap. 38.
- [3.](#) Cf. *Sermões para a Quaresma* , "A Providência Espiritual de Deus", 6 de março de 1622, p. 125.
- [4.](#) São Francisco de Sales fez muita direção espiritual e estava ciente de como muitas vezes as pessoas confundem o sentimento de uma certa virtude com a sua realidade. Ele frequentemente insiste na distinção, como aqui, para encorajar o realismo na vida devota. A santidade não consiste em consolar sentimentos, nem em arrebatamentos e êxtases. Consiste antes em fazer a vontade de Deus com generosidade, zelo e perseverança, com ou sem tais sentimentos. Este ensinamento vinha frequentemente de São Francisco.
- [5.](#) Cf. *Sermons for Lent* , "Proper Fear of Death", 10 de março de 1622, pp. 139-140.
- [6.](#) Como em outros sermões de São Francisco, aqui colocamos em maiúsculas as palavras "Amante", "Amado" e "Esposo" quando se referem a Nosso Senhor e as colocamos em minúsculas quando se referem a Nossa Senhora, à Igreja ou ao alma fiel. A palavra "divino" nem sempre deve ser tomada no sentido literal de se referir ao próprio Deus.
- [7.](#) Tenha sempre em mente que São Francisco usará qualquer exemplo adequado para transmitir seu ponto espiritual – mesmo, como aqui, o mítico unicórnio.
- [8.](#) Cf. *Tratado do Amor de Deus* , final do Prefácio; *Introdução à Vida Devota* , Parte III, cap. 23.
- [9.](#) O ponto parece um pouco obscuro no início. A mãe do exemplo quer a saúde do filho de volta para que ela possa, de certa forma, "adorá-lo". Como isso é contra a vontade de Deus, sua oração é indigna. Seria como Nossa Senhora pedindo o milagre em Caná para que as pessoas se embriagassem. O ponto de São Francisco é este: rezar, sim, mas somente pelo que é bom.